

# Comentário Bíblico Expositivo<sup>1</sup> em

## Josué

Edição 2023

**Dr. Thomas L. Constable**

### Introdução

#### TÍTULO

O nome deste livro em hebraico, grego e português vem do seu principal personagem – Josué – ao invés de vir do nome do escritor. Josué pode ou não ter sido o escritor deste livro. O título é apropriado pois o nome de Josué significa: Yahweh salva. Josué é o nome hebraico traduzido em aramaico por Jesus. Aquilo que Jesus é para o povo de Deus num sentido mais amplo, Josué foi para os israelitas num sentido menor: Josué trouxe ao povo de Deus a concretização de muitos dos planos e do propósito de Deus para eles. Este livro é um registro do livramento dado por Deus aos israelitas para o que Ele lhes havia prometido.

Na Bíblia em português, Josué é um dos livros históricos (Gênesis até Ester).

Entretanto, na Bíblia hebraica ele se encontra na segunda das três divisões principais do Antigo Testamento, a saber, os Profetas. A Lei e os Escritos são a primeira e a terceira divisões da Bíblia hebraica. Josué é o primeiro livro da primeira metade dos Profetas, que os judeus chamavam de os “Profetas Anteriores”. A seção dos Profetas Anteriores contém quatro livros: Josué, Juízes, Samuel e Reis, e a segunda divisão, os Profetas Posteriores, contém Isaías, Jeremias, Ezequiel, e “os Doze” – que os cristãos chamam de Profetas Menores. Embora nunca tenha sido chamado de profeta nas Escrituras, Josué exerceu um papel profético em Israel nos seus dias.<sup>2</sup>

O fato dos hebreus incluírem principalmente livros históricos, como Josué, na seção dos Profetas, revela uma atitude básica desse povo. Eles enxergavam aquilo que Deus revelara

---

<sup>1</sup> Apesar de alguns dos livros citados nesta obra já terem sido traduzidos para o vernáculo, este projeto de tradução optou por traduções independentes das citações à guisa de uniformização. Os textos das referências bíblicas foram extraídos da Nova Versão Transformadora (Editora Mundo Cristão, 2017), salvo indicação específica.

<sup>2</sup> Veja Jonathan J. Routley, “The Prophet Joshua? The Neglected Ministry of the Prophet of the Conquest”, *Journal of the Evangelical Theological Society* 65:1 (Março 2022):47-59.

aqui não primariamente como um registro histórico, tanto quanto como um registro autorizado de eventos históricos selecionados, cujo objetivo era ensinar importantes lições espirituais.<sup>3</sup> Sendo assim, devemos reconhecer Josué não simplesmente como um registro histórico, mas como uma história selecionada que tem o objetivo de ensinar a vontade de Deus. Na seção dos Profetas do Antigo Testamento, Deus Se revelou através de eventos históricos bem como através dos oráculos (revelações divinas) de profetas individuais.

“O livro de Josué, como todos os outros livros da Bíblia é, primariamente, um livro de teologia. Através dele, Deus revelou a Si mesmo e continua a fazê-lo”.<sup>4</sup>

### **DATA E ESCRITOR**

O Livro de Josué obviamente foi escrito muito anos depois dos eventos registrados no livro terem ocorrido. Uma série de declarações apontam para uma data de composição posterior aos anos da conquista e, quem sabe, até depois da morte de Josué. Por exemplo: a expressão “até hoje” (4.9; 5.9; 6.25; 7.26; 8.28-29; 9.27; 10.27; 13.13; 14.14; 15.63; 16.10), refere-se a um período consideravelmente posterior à ocorrência dos eventos mencionados. Quanto tempo depois é difícil dizer. Estas referências apontam para uma data de composição muitos anos posterior à real ocorrência dos eventos registrados.<sup>5</sup>

Entretanto, o próprio escritor pode ter atravessado o Rio Jordão com os outros israelitas quando Israel entrou na terra. Uma tradução textual traduz 5.1 como “[nós] passamos / tivéssemos passado/atravessado”, o que algumas traduções no português adotaram: ARA, ARC, NAA, NVI (cf. 5.6). Algumas traduções trazem “[eles] atravessassem”. Se o pronome oculto “nós” for a leitura correta, esta é uma evidência de que o escritor deve ter escrito o livro não muito tempo depois da conquista. Esta conclusão encontra apoio na impressão geral que o leitor recebe de que uma testemunha ocular dos eventos registrados foi quem escreveu o livro. Um editor pode ou não ter adicionado os relatos das mortes de Josué e de Eleazar (24.29-33) ao livro em algum momento posterior (cf. Dt 34.10-12). Isto depende se o escritor escreveu antes ou depois da morte de Josué e de Eleazar.

De acordo com a tradição judaica, o próprio Josué foi quem escreveu o livro.<sup>6</sup> Vários

<sup>3</sup> Para uma explicação a respeito da visão dos Hebreus acerca da história, veja Eugene H. Peterson, *The Message*, págs. 271-272.

<sup>4</sup> Donald H. Madvig, “Joshua”, em *Deuteronomy-2 Samuel*, vol. 3 de *The Expositor’s Bible Commentary*, pág. 245.

<sup>5</sup> Veja Richard S. Hess, *Joshua: An Introduction and Commentary*, págs. 110-111.

<sup>6</sup> The Talmud, *Baba Bathra* 15a. Cf. R. K. Harrison, *Introduction to the Old Testament*, pág. 666.

estudiosos conservadores modernos do Antigo Testamento acreditam que este é o caso.<sup>7</sup> Entretanto, outros estudiosos conservadores acreditam que o escritor não foi Josué, mas um contemporâneo dele, possivelmente um dos anciãos de Israel.<sup>8</sup> Muitos outros estudiosos não têm certeza de quem foi.<sup>9</sup> Eu prefiro a visão tradicional de que Josué foi o escritor do livro, pois creio que os argumentos daqueles que acreditam pode não ter sido Josué não são convincentes. Tal como em vários outros livros históricos do Antigo Testamento, há bastante evidência em Josué de que algum editor posterior provavelmente acrescentou algumas poucas afirmações e, em alguns casos, tenha atualizado alguns poucos nomes depois, sob a inspiração do Espírito Santo.<sup>10</sup>

### **ESCOPO**

A data do Êxodo foi provavelmente por volta de 1446 a.C. (cf. 1 Rs 6.1).<sup>11</sup> Israel passou 40 anos no deserto (Ex 16.35; Nm 14.33-34). Conseqüentemente, Israel cruzou o Rio Jordão e entrou na terra por volta de 1406 a.C. Portanto, o Livro de Josué começa com eventos próximos ao ano de 1406 a.C.

Josefo disse que a conquista da terra demorou cinco anos.<sup>12</sup> Entretanto, quando Calebe recebeu a cidade de Hebrom como herança, ele disse que Deus havia prometido a ele 45 anos atrás que ele entraria em Canaã (14.10; cf. Nm 14.24). Uma vez que Deus fez aquela promessa 38 anos antes de Israel atravessar o Jordão, a conquista deve ter levado cerca de sete anos (aprox.1406-1399 a.C.). O registro desta conquista ocupa a primeira metade do Livro de Josué (caps. 1-12).

“Muitos estudiosos sugeriram que a conquista de Canaã ocorreu entre 1250 e 1150 a.C. pois há evidência arqueológica da destruição das cidades cananitas por volta desta época. Entretanto, há problemas com esta posição, o mais significativo deles sendo que os israelitas destruíram apenas três cidades – Jericó, Ai e Hazor – durante o período da conquista. Deus prometeu que eles viveriam em cidades que não haviam construído,

<sup>7</sup> P. ex.: Gleason L. Archer, Jr., *A Survey of Old Testament Introduction*, págs. 264-265; John J. Davis, em *A History of Israel*, págs. 22-23; David M. Howard Jr., *An Introduction to the Old Testament Historical Books*, págs. 60-61; George Bush, *Notes on Joshua*, pág. 8; et al.

<sup>8</sup> P. ex.: C. F. Keil e Franz Delitzsch, *Biblical Commentary on the Old Testament: Joshua, Judges, Ruth*, págs. 15-19; Robert Jameson, A. R. Fausset e David Brown, *A Commentary... on the Old and New Testaments*, 2:210; et al.

<sup>9</sup> P. ex.: Merrill Unger, *Introductory Guide to the Old Testament*, pág. 281; et al.

<sup>10</sup> Para uma discussão acerca das inúmeras abordagens à questão da autoria, veja Eugene H. Merrill, “Joshua”, em *The Old Testament Explorer*, pág. 159. Veja Tremper Longman III e Raymond B. Dillard, *An Introduction to the Old Testament*, págs. 122-129.

<sup>11</sup> Veja meu comentário bíblico expositivo em Êxodo 12.37-42 e veja também Longman e Dillard, págs. 124-125.

<sup>12</sup> Flavio Josefo, *Antiquities of the Jews*, 5:1:19. Esta obra reflete algumas visões tradicionais judaicas e Josefo não foi divinamente inspirado.

desfrutariam dos campos que não plantaram e colheriam o fruto que não cultivaram (Dt 6.10, 11). Portanto, os israelitas travaram a maior parte de suas batalhas nos campos fora das cidades. A destruição ampla das cidades cananitas descobertas por arqueólogos pode datar do período dos juízes. Durante este período, Deus permitiu inúmeras que invasões estrangeiras devastassem o campo e as cidades para disciplinar Seu povo rebelde”.<sup>13</sup>

Quando Calebe disse que Deus havia prometido que ele entraria em Canaã (Nm 14.24), ele tinha 85 anos de idade (14.10). Josué provavelmente tinha a mesma idade de Calebe, quem sabe um pouco mais novo. Josué morreu quando tinha 110 anos (24.29). Supondo que Josué tinha 75 anos quando os israelitas atravessaram o Rio Jordão, a abrangência de tempo coberta por Josué é de 35 anos. Se estes números estiverem corretos, Josué liderou os israelitas em sua batalha contra os amalequitas, logo após o êxodo (Ex 17.8-13), quando ele tinha 35 anos de idade.<sup>14</sup> Portanto, alguns escritores especularam que poderia ter se envolvido com o exército egípcio e ter recebido algum tipo de treinamento ali.<sup>15</sup> Isto pode tê-lo preparado para a liderança militar em Israel.

A primeira metade do livro (caps. 1-12) cobre, portanto, sete anos, mas a maior parte deste material, especificamente os capítulos 1-9, lidam com eventos que provavelmente ocorreram em menos de um ano completo. O comentário de John Gray de que “Josué ... é apenas o prelúdio de Juízes”<sup>16</sup> é verdade apenas cronologicamente, uma vez que a conquista levou cerca de sete anos e o período dos Juízes cobriu cerca de 300 anos. Josué é tão teologicamente importante quanto Juízes e não um mero prelúdio neste sentido.

---

<sup>13</sup> *The Nelson Study Bible*, pág. 350.

<sup>14</sup> Veja Thomas L. Constable, “A Theology of Joshua, Judges, and Ruth”, em *A Biblical Theology of the Old Testament*, pág. 93, no. 4.

<sup>15</sup> P. ex.: Warren W. Wiersbe, *The Bible Exposition Commentary/History*, pág. 11.

<sup>16</sup> John Gray, *Joshua, Judges, Ruth*, pág. 2.

<b>Um Breve Resumo Histórico da Palestina</b>	
A Idade da Pedra .....	? – 4500 a.C.
A Idade do Cobre .....	4500-1350 a.C.
A Idade do Bronze .....	1350-1200 a.C.
A Idade do Ferro .....	1200-586 a.C.
O Período Neobabilônico (Caldeu) .....	586-538 a.C.
O Período Persa .....	538-332 a.C.
O Período Grego (Helenístico) .....	332-63 a.C.
O Período Romano .....	63 a.C. - 324 A.D.
O Período Bizantino .....	324-640 A.D.
O Período Árabe Inicial (Islâmico) .....	640-1099 A.D.
O Período das Cruzadas (Cristão) .....	1099-1291 A.D.
O Período Mameluco (Egípcio) .....	1291-1517 A.D.
O Período Otomano (Turco) .....	1517-1918 A.D.
O Período Moderno .....	1918 A.D. - o presente

## **TEOLOGIA**

David M. Howard Jr. identificou quatro temas teológicos principais em Josué: a terra, o descanso, a manutenção da aliança e a pureza de adoração.<sup>17</sup> John Wenham identificou cinco, todos que também aparecem em Deuteronômio: guerra santa, a terra, a unidade de Israel, o papel de Josué e a aliança.<sup>18</sup> Eugene Merrill identificou dois propósitos principais: Yahweh como o Deus que mantém a aliança e a soberania de Deus.<sup>19</sup>

## **ESBOÇO**

- I. A conquista da terra caps. 1-12
  - A. Preparações para entrar em Canaã caps. 1-2
    1. A ordem de Deus a Josué 1.1-9
    2. A ordem de Josué para Israel 1.10-18
    3. A espionagem de Jericó cap. 2

<sup>17</sup> Para uma discussão a respeito destes temas, veja Howard, págs. 89-96.

<sup>18</sup> John Wenham, "The Deuteronomic Theology of the Book of Joshua", *Journal of Biblical Literature* 90 (1971):140-148.

<sup>19</sup> Merrill, pág. 161.

- B. A entrada na terra 3.1-5.12
  - 1. A travessia do Jordão caps. 3-4
  - 2. A circuncisão e a celebração da Páscoa 5.1-12
  
- C. A posse da terra 5.13-12.24
  - 1. A conquista de Jericó 5.13-6.27
  - 2. A derrota em Ai cap. 7
  - 3. A vitória em Ai 8.1-29
  - 4. A renovação da aliança 8.30-35
  - 5. O acordo com os gibeonitas cap. 9
  - 6. A vitória sobre a aliança dos amorreus em Gibeom 10.1-27
  - 7. Outras conquistas na região Sul de Canaã 10.28-43
  - 8. Conquistas na região Norte de Canaã 11.1-15
  - 9. O resumo dos triunfos de Josué 11.16-12.24
  
- II. A divisão da terra caps. 13-21
  - A. A terra ainda a ser possuída 13.1-7
  - B. A terra a leste do Jordão 13.8-33
  - C. A terra a oeste do Jordão caps. 14-19
    - 1. A justificativa para a distribuição da terra 14.1-5
    - 2. A herança de Calebe 14.6-15
    - 3. A herança de Judá cap. 15
    - 4. A herança de José caps. 16-17
    - 5. O reconhecimento da terra restante 18.1-10
    - 6. A herança das tribos restantes 18.11-19.51
  
  - D. As cidades especiais 20.1-21.42
    - 1. As cidades de refúgio cap. 20
    - 2. As cidades dos levitas 21.1-42
  
  - E. A fidelidade de Deus 21.43-45
  
- III. Os últimos atos e a morte de Josué caps. 22-24
  - A. O retorno das duas tribos e meia para suas heranças cap. 22
  - B. O discurso de despedida de Josué aos israelitas cap. 23

1. Um lembrete das bênçãos passadas 23.1-13
  2. Uma advertência de possíveis maldições futuras 23.14-16
- C. Israel renova a aliança pela segunda vez 24.1-28
1. Preâmbulo 24.1
  2. Prólogo histórico 24.2-13
  3. Estipulações da aliança 24.14-24
  4. Provisões para a preservação da aliança 24.25-28
- D. A morte e o sepultamento de Josué e Eleazar 24.29-33

### **MENSAGEM**

Josué revela que é porque Deus ama as pessoas que Ele detesta o pecado. Obviamente, Deus odeia o pecado pois o pecado ofende a Sua santidade. Entretanto, em Josué, creio que a ênfase se encontra no interesse de Deus pelos israelitas mais do que a vindicação de Sua santidade.

O escritor deste livro retratou Yahweh como um Deus de guerra. Esta faceta do caráter de Deus tem criado problemas para muitas pessoas. Como poderia um Deus amoroso lidar de forma tão severa com os cananeus? Tendo em vista os mandamentos de Cristo para amar nossos inimigos (Mt 5.44) e para sermos pacificadores (Mt 5.9), como podemos justificar o lidar de Deus com os cananeus registrados neste livro? Um estudioso disse que este é o maior problema em Josué.<sup>20</sup>

Obviamente, a faceta da justiça do caráter de Deus é uma ênfase consistente ao longo das Escrituras. No Pentateuco, Deus puniu todos aqueles oprimiram os patriarcas e seus descendentes (cf. Ex 15.3). Nos livros históricos, encontramos maldições sobre a pessoa desobediente. O salmista chamou Yahweh de “invencível nas batalhas” contra aqueles que se opunham à Sua vontade (p. ex.: Sl 24.8; cf. 45.3). Os profetas, especialmente Jeremias, advertiram que Deus julgaria o pecado. Nos Evangelhos, ouvimos e vemos a ira de Deus manifestada nas palavras e obras de Jesus contra os fariseus por seus pecados. No Livro de Apocalipse, especialmente nos capítulos 6-19, João retratou a ira de Deus sendo derramada em juízo sobre o mundo inteiro. Em Josué também vemos Deus ordenando e liderando os israelitas em conflitos mortais e violentos contra pecadores.

O motivo pelo qual Deus entra em batalhas contra o pecado e contra os pecadores é

---

<sup>20</sup> Madvig, pág. 246.

porque Ele ama as pessoas e deseja salvá-las da destruição resultante do pecado e de suas consequências (cf. Rm 6.23). Portanto, se Deus não é um Deus de guerra, então Ele não pode ser ao mesmo tempo um Deus de amor. Para ilustrar isto, um pai realmente amoroso se oporá, até por vezes de modo violento, a qualquer um que tentar destruir os membros de sua família, pois ele os ama.

No livro de Josué podemos ver o ódio de Deus quanto ao pecado tanto em Seu lidar com os cananeus quanto com o Seu lidar com os israelitas.

No Pentateuco, Deus deu várias declarações e advertências a respeito dos cananeus. A impiedade deles era grande, até mesmo nos dias de Abraão. Os sodomitas eram cananeus (Gn 19), mas a medida da iniquidade deles não havia atingido a medida necessária (Gn 15.16, ARA; cf. Lv 18.24-28). Os textosugaritas forneceram muita informação sobre a religião e a cultura cananita.<sup>21</sup>

Arqueólogos descobriram estes registros escritos (“várias centenas de tábuas e fragmentos de barro”<sup>22</sup>) no noroeste da Síria, no local da cidade antiga de Ugarite. Eles datam do século 14 a.C., a época da conquista por Josué. Os cananeus escreveram nestes objetos, na línguaugarita e na escrita cuneiforme. Estes registros revelam que a cultura cananita era extremamente imoral e desumana. Os cananeus praticavam comumente prostituição de ambos os sexos, muitos tipos de perversidades sexuais, além de sacrifícios humanos. Estas eram as práticas religiosas comuns deles.<sup>23</sup>

“Canaã era avançada em cultura material. As cidades eram bem planejadas e as casas apresentavam bons projetos e construções. Os pisos dos edifícios normalmente eram pavimentados ou rebocados. Os sistemas de drenagem haviam sido desenvolvidos. Os trabalhadores eram habilidosos no uso do cobre, do chumbo e do ouro. A cerâmica cananita estava entre as mais finas do mundo. Um amplo comércio era realizado com países estrangeiros como o Egito, o norte da Mesopotâmia e o Chipre. Em termos e conhecimento técnico, os cananeus estavam muito à frente dos israelitas, que haviam passado os últimos quarenta anos em condições nômades no deserto.

Nesta disparidade cultural repousava um grande perigo para Israel: um

---

<sup>21</sup> Veja Frederic Kenyon, *Our bible and the Ancient Manuscripts*, págs. 29-31; Harrison, *Introduction to...*, págs. 362-368.

<sup>22</sup> W. F. Albright, *Archaeology and the Religion of Israel*, pág. 37.

<sup>23</sup> Veja Jack Finegan, *Light from the Ancient Past*, págs. 171-174.



perigo que logo se transformaria numa triste realidade. A história mostra que culturas menos desenvolvidas normalmente são absorvidas por aquelas mais avançadas. Nos anos que se seguiram, Israel não foi absorvida por Canaã, mas ela experimentou uma forte influência. Se esta influência ocorresse apenas na cultura material, como a fabricação de vasos de barro, a construção civil ou nos métodos de agricultura, poderia haver benefícios; mas quando ela se ampliou para a forma de pensar, para as ideias, e especialmente para a crença e prática religiosa, o estrago foi grande”.<sup>24</sup>

Como Israel estava se preparando para entrar na terra ocupada por este povo, era uma questão de “destruir ou ser destruída”. Ao ordenar que os israelitas destruíssem os cananeus, Deus estava realizando uma cirurgia na ordem para remover um câncer da sociedade humana. Ele não estava assassinando pessoas primitivas inocentes, conforme alguns críticos liberais da Bíblia costumavam dizer. Deus foi extremamente paciente com as tribos cananitas. Elas tiveram centenas de anos para se arrepender a partir do testemunho de Melquisedeque, Abraão e muitas outras pessoas tementes a Deus que viveram entre eles. Uma vez que os cananeus não se arrependeram, Deus usou Israel como uma vassoura para varrer a imundice e purificar a terra. Ele não expulsou os cananeus simplesmente para dar espaço para Israel. Ele também o fez para remover esta sociedade perversa e sua influência maligna nos povos do mundo antigo.<sup>25</sup> Na realidade, Israel exerceu considerável restrição ao lidar com os cananeus, em comparação com a forma como outras nações do Oriente Próximo lidaram com os povos que derrotaram. Por exemplo: os assírios eram extremamente brutais.

Deus também manifestou Seu ódio pelo pecado em Seu lidar com os israelitas. Isto já está claro no Pentateuco, quando Deus disciplinou Seu povo escolhido quando eles pecaram. Em Josué, quando Israel cobiçou as coisas de Canaã, Ele lidou com o Seu povo de modo severo. O pecado de Acã (cap. 7) afetou todo o povo. Deus julgou Acã da maneira que fez para ensinar os israelitas uma lição acerca da seriedade do pecado. O lidar de Deus com o Seu próprio povo era ainda mais severo do que o lidar dEle com os cananeus.

Em suma, Josué revela que Deus trava batalhas contra o pecado sempre que o encontra. Ele espera pacientemente pelo arrependimento das pessoas, mas se elas mesmas não julgam o pecado, Ele o julgará (cf. At 17.30-31; 1 Co 11.31). Deus lida mais severamente com o Seu próprio povo do que com os outros, porque privilégio aumenta a

---

<sup>24</sup> Leon J. Wood, *A Survey of Israel's History*, pág. 169.

<sup>25</sup> Veja Peterson, págs. 273-274.

responsabilidade (cf. Tg 3.1).

Josué não revela apenas *que* Deus trava batalhas contra o pecado, mas o livro também nos ensinar *como* Ele faz isso.

Deus usa as forças da natureza para lutar contra o pecado. Ele restringiu as águas de um rio, estremeceu os muros de uma cidade, enviou granizo do céu e estendeu as horas de um dia específico – para realizar Seus propósitos. Deus raramente opera desta maneira direta para julgar o pecado hoje. Isso não deve nos levar a concluir que Ele nunca o faz nem nunca o fará. Ele fará o céu e a terra tremerem para derramar Sua ira sobre os pecadores (cf. Ap 6-19). O cristão tem o privilégio de viver na era da Sua graça (a Era da Igreja), durante a qual Deus está sendo paciente com pecadores (2 Pe 3.9-10). Todavia, este dia terminará e Ele trará juízo mais uma vez sobre o nosso mundo – assim como Ele fez sobre o mundo dos cananeus.

Deus também usa pessoas leais a Ele para batalhar contra o pecado. As pessoas que Deus usou em Josué eram homens e mulheres de fé (Hb 11.30). J. Sidlow Baxter considerou o pensamento-chave do livro como sendo “a vitória da fé”.<sup>26</sup> Os métodos de Deus são imprevisíveis e normalmente parecem estranhos aos Seus servos. Portanto, Deus pede que simplesmente Lhe obedecemos e confiemos nEle. “Fé” no Livro de Josué significa fazer aquilo que Deus ordena (p. ex.: em Jericó) e não fazer aquilo que Ele proíbe (p. ex.: em Ai). Josué é uma das mais claras ilustrações na Bíblia de que a confiança consistente e a obediência à Palavra de Deus resultam num viver vitorioso, poderoso e bem-sucedido. O Livro de Josué esclarece três características de fé:

Primeira, fé envolve aceitar o padrão divino de santidade. O cristão tem a tendência de não valorizar a necessidade da santidade pessoal e corporativa em nossos dias – pois Deus não julga imediatamente o pecado, como fez nos dias de Josué. Este é o dia da Sua paciência. Todavia, Josué ensina que sem santidade não pode haver poder espiritual ou vitória consistente em nossas vidas (cf. 1.8; 24.19-25). É por este motivo que o cristão precisa atentar para a sua vida interior: nossos pensamentos, bem como nosso comportamento.

Segunda, fé também significa abandonar minhas escolhas em favor da vontade de Deus. Deus revelou em Sua Palavra como o Seu povo é capaz de experimentar tudo o que Ele tem para eles. Uma vez que os caminhos de Deus não são os caminhos que escolheríamos,

---

<sup>26</sup> J. Sidlow Baxter, *Explore the Book*, 1:238.

a partir do nosso ponto de vista finito e carnal, temos dificuldade de confiar em Deus e de nos entregarmos completamente à vontade dEle. Os israelitas foram bem-sucedidos em Jericó pois se comprometeram completamente a se engajarem naquela batalha como Deus havia ordenado. Eles obedeceram mesmo que a obediência a Deus parecesse algo suicida.

Terceira, fé também significa vitórias no poder de Deus. É Deus Quem dá vitórias. Sem Deus, o Seu povo não é capaz de fazer nada (Jo 15.5). Entretanto, com Ele tudo é possível (Mt 19.26; Fp 4.13). Os israelitas aprenderam isto quando fracassaram em Ai. O sucesso não aparece realmente como resultado da nossa ação à medida que obedecemos a Deus. Ele vem como resultado do agir de Deus trabalho através de instrumentos que Ele entende serem úteis.

Em conclusão, Josué revela que Deus odeia o pecado. Ele guerreia contra o pecado pois o pecado Lhe ofende, mas também porque o pecado destrói o povo que Ele criou para ter comunhão com Ele mesmo. Deus usa as forças da natureza, bem como as pessoas leais a Ele, para arrancar o pecado e trazer livramento para o Seu povo. Entretanto, as pessoas que Ele usa precisam aceitar o Seu padrão de santidade para si mesmas. Elas precisam abandonar sua própria vontade em favor da maneira divina de fazer as coisas. E elas precisam reconhecer que as vitórias são o resultado do poder de Deus, e não delas mesmas.<sup>27</sup>

Há muitos paralelos entre o Livro de Josué e o Livro de Efésios. Baxter apontou cinco deles: entre herança terrena em Josué e a herança espiritual de Efésios:

“Cada uma foi a herança predestinada de um povo escolhido.

Cada uma foi aberta por um líder divinamente escolhido.

Cada uma foi uma dádiva da graça divina a ser recebida pela fé.

Cada uma é uma esfera de revelação divina impressionante.

Cada uma é descrita como uma cena de conflito”.<sup>28</sup>

---

<sup>27</sup> Adaptado de G. Campbell, Morgan, *Living Messages of the Books of the Bible*, 1:1:99-115.

<sup>28</sup> Veja Baxter, 1:252.

F. B. Meyer observou paralelos com Efésios ao longo do seu comentário em Josué.<sup>29</sup>

---

<sup>29</sup> F. B. Meyer, *Joshua and the Land of Promise*.

## EXPOSIÇÃO

### I. A CONQUISTA DA TERRA CAPS. 1-12

A primeira metade do Livro de Josué registra eventos teologicamente significativos, que ocorreram após a morte de Moisés e antes que Israel fosse capaz de se estabelecer na Terra Prometida.

#### A. Preparações para entrar em Canaã caps. 1-2

Os dois primeiros capítulos fornecem a informação do contexto que permite ao leitor compreender como Israel foi capaz de entrar na terra e conquista-la.

#### 1. A ordem de Deus a Josué 1.1-9

Em certo sentido, os versículos 1-9 formam um preâmbulo para o livro inteiro. Eles contêm princípios básicos que deveriam guiar Josué e Israel, para que pudessem obter tudo o que Deus havia prometido para seus ancestrais.

- 1.1 A primeira palavra do livro é uma conjunção traduzida por “agora” ou “e” (ARC). Ela mostra que este livro continua a partir de onde Deuteronômio terminou. Isto levou alguns intérpretes a concluir que Josué escreveu os últimos versículos ou o capítulo final de Deuteronômio.<sup>30</sup>

“‘Servo do SENHOR’ é um título de honra compartilhado por Abraão, Davi e o Servo do SENHOR em Isaías (Ele normalmente é mais usado para falar de Moisés: Ex 14.31; Nm 12.7-8; Dt 34.5; e treze vezes em Josué; ‘meu servo’ ocorre duas vezes). O termo ‘servo’ era usado para designar até mesmo os oficiais mais elevados do rei. ...Somente ao final da sua [de Josué] vida ele foi honrado com o título ‘servo do SENHOR’ (24.29)”.<sup>31</sup>

“Os mais preparados para governar são aqueles que aprenderam a obedecer”.<sup>32</sup>

Josué era da tribo de Efraim (Nm 13.8; 1 Cr 7.27).

<sup>30</sup> P. ex.: J. Vernon McGee, *Thru the Bible with J. Vernon McGee*, 2:3.

<sup>31</sup> Madvig, pág. 255.

<sup>32</sup> Matthew Henry, *Commentary on the Whole Bible*, pág. 210.

- 1.2 A nação havia lamentado a morte de Moisés por 30 dias (Dt 34.8). Agora Deus instruiu Josué a se preparar para entrar na Terra Prometida. A morte de qualquer um dos Seus servos jamais frustra ou limita a Deus, embora faça com que Ele Se entristeça (Sl 116.15).

“Pense nos anos de bênção na Terra Prometida que Josué perdeu porque o povo não teve fé em Deus! Mas Josué permaneceu pacientemente com Moisés e fez o seu trabalho, sabedor de que um dia ele e Calebe receberiam sua herança prometida (Nm 14.1-9). Um líder deve saber não apenas a vencer, mas também aceitar derrotas”.<sup>33</sup>

- 1.3 Deus havia prometido toda a terra em que os pés dos israelitas pisassem aos patriarcas e a Moisés (Gn 13.17; Ex 23.30-31; Dt 11.24). Os israelitas estavam prestes a reivindicar a terra com sendo dela tomando posse dela. J. Vernon McGee considerava “posse” como sendo o tema do livro.<sup>34</sup>

- 1.4 A área descrita aqui inclui todo o território que Deus havia prometido a Abraão e aos outros patriarcas (Gn 15.18; et al.). Aparentemente, o escritor fez referência aos hititas num sentido representativo, para descrever todas as tribos cananitas (como em 1 Rs 10.29; 2 Rs 7.6; Ez 16.3). Esta é uma figura de linguagem chamada sinédoque, na qual uma parte representa o todo ou o todo representa uma parte (p. ex.: “pão” significa alimento, ou “todo o mundo” é o mesmo que o mundo romano [Lc 2.1]).

Durante muitos anos, até o final do século dezenove, não havia evidência da existência do povo hitita. Isto levou muitos críticos da Bíblia a concluir que a referência à “terra dos hititas” era um erro. Mas o estudioso britânico dos assírios, A. H. Sayce, identificou os hititas com o misterioso Hati, mencionado nos monumentos.

“Em 1906, Hugo Winckler de Berlim foi até o lugar conhecido como Boghaz-koi, na Turquia Central, e ali examinou os restos do que era comprovadamente a capital

<sup>33</sup> Wiersbe, pág. 12.

<sup>34</sup> McGee, 2:1, 3.

do Império Hitita. ...Nos anos recentes muito trabalho tem sido feito para decifrar a linguagem hitita, o que tornou disponível a nós o material literário de Boghaz-koi e de outros lugares hititas”.<sup>35</sup>

- 1.5 Muitos estudiosos do livro dizem que este é o versículo-chave do livro. Aqui Deus prometeu a Josué Seu poder e presença infalíveis (“Eu estarei com você... não o deixarei nem o abandonarei”), de forma que ele pudesse ser completamente bem-sucedido em subjugar os cananeus (“Enquanto você viver, ninguém será capaz de lhe resistir”). O fracasso de Josué em ser completamente bem-sucedido não foi uma falha de Deus, mas de Israel.

“Este texto [vv. 2-5] resume o livro. O versículo 2 descreve a travessia do Jordão conforme descrito em 1.1-5.12. O versículo 3 esboça a ‘conquista’, descrita em 5.13-12.24. O versículo 4 sugere a distribuição da terra, descrita em 13.1-22.34. A ênfase em todos os dias da vida de Josué no versículo 5 é encontrada ao final da vida de Josué nos últimos dois capítulos do livro. Estes versículos também apresentam o caráter do SENHOR Deus de Israel. Deus é um dos principais personagens do livro. Aqui ele Se revela através de Suas promessas em favor de Josué e de Israel”.<sup>36</sup>

Me falaram que sempre que um avião decola ou pousa de um porta-aviões norte-americano, o capitão observa do deque. Mesmo que os aviões estejam voando 24 horas por dia, ele permanece no deque, tirando sonecas entre os voos, se necessário. Sempre que um piloto decola em seu avião ou pousa nestas pistas de pouso ambulantes, o piloto sabe que o seu capitão está observando. Semelhantemente, sempre que estamos envolvidos em batalhas espirituais, onde quer que estivermos, podemos ter a confiança de que o “SENHOR dos exércitos”, o nosso Capitão, está “conosco”. Mas, além de nos observar, Ele também nos guia, nos protege e nos orienta nas batalhas.

- 1.6 Deus exortou Josué com base nesta promessa (v. 5) a ser “forte” e

<sup>35</sup> Joseph P. Free, *Archaeology and Bible History*, pág. 126.

<sup>36</sup> Hess, pág. 68.

“corajoso” (cf. Dt 31.6). A *posse* da terra dependia da fidelidade de Deus em dá-la aos israelitas, mas *ocupar* a terra dependeria da fidelidade de Israel a Deus (cf. Dt 30.20).

“Em suma, por escolha de Yahweh, Josué provavelmente tem de executar dois papéis – o de líder militar e o de administrador do estado”.<sup>37</sup>

O escritor enfatizou dois pontos teológicos principais neste livro: a fidelidade de Yahweh ao dar a Terra Prometida a Israel e o ódio de Yahweh pelo pecado.<sup>38</sup>

“A palavra ‘herdar’ (ARA) [‘tomar posse’, NVT] usada para descrever a posse futura da terra, é de significado teológico rico. Ela se tornou, subsequentemente, um termo do NT para o desfrute da benção espiritual da salvação (p. ex.: 1 Pe 1.4)”.<sup>39</sup>

A mesma palavra hebraica (*nahal* [verbo] ou *nahala* [substantivo]) também aparece em Deuteronômio 1.38; 12.10; Js 11.23; 14.13; 16.4 e 17.6.

“O Livro de Josué registra o cumprimento destas três promessas: a primeira [que Israel entraria na terra, vv. 3-4] nos capítulos 2-5, a segunda [a vitória sobre o inimigo, v. 5] nos capítulos 6-12 e a terceira [que Deus dividiria a terra como uma herança para as tribos conquistadoras] nos capítulos 13-22”.<sup>40</sup>

1.7 A responsabilidade de Josué abrangia uma obediência constante à Lei Mosaica. Isso seria a chave para o sucesso dele. Conhecer a Lei era somente o primeiro passo. Praticá-la era o que faria de Josué eficaz (“Tenha o cuidado de *cumprir* toda a lei”; cf. Dt 5.32-33).

<sup>37</sup> Robert L. Hubbard, *Joshua*, págs. 80-81.

<sup>38</sup> Constable, pág. 101.

<sup>39</sup> Martin H. Woudstra, *The Book of Joshua*, pág. 61. Para uma excelente explicação a respeito da revelação do Antigo e do Novo Testamentos acerca da herança do cristão, veja Joseph C. Dillow, *The Reign of the Servant Kings*, págs. 43-91.

<sup>40</sup> Wiersbe, pág. 19.



“A lição importante que aprendemos a partir de agora é, que em nada mais há espaço para a demonstração do heroísmo moral elevado do que ousar, em todas as circunstâncias, apegar-se firmemente à palavra de Deus como a regra da nossa conduta. É especialmente neste aspecto que a força do soldado cristão deve se manifestar”.<sup>41</sup>

- 1.8 Moisés havia deixado um documento escrito (“deste Livro da Lei”), que os israelitas consideravam tendo autoridade, a saber, a Lei Mosaica. O Senhor ordenou que Josué mantivesse esta Lei em sua mente constantemente (“Medite nele dia e noite”), para que ele se lembrasse de suas responsabilidades perante Deus e encontrasse encorajamento para fazê-lo (cf. Sl 1.2; Is 59.21).

“A frase ‘da tua boca’ [ACF] se refere ao costume de balbuciar enquanto se estuda e se reflete. A palavra hebraica traduzida por ‘medite’ (*hagah*) literalmente significa ‘murmurar/resmungar’. Sempre que a pessoa resmunga a Palavra de Deus para si mesma, ela está constantemente pensando nela”.<sup>42</sup>

“...[meditação] não significa especulação teórica acerca da lei, tão como sugeriam os fariseus, mas um estudo prático da lei, com o propósito de obedecê-la por meio do pensamento e da ação, ou executando-a com o coração, a boca e as mãos. Este modo de emprego da lei certamente seria seguido de bênçãos”.<sup>43</sup>

Jamais devemos ver o estudo bíblico e a memorização como um fim em si mesmos. Eles são métodos importantes de obtenção do alvo de ser obediente à Palavra de Deus. Não podemos obedecer a Palavra de Deus a menos que a compreendamos e estejamos conscientes dela, à medida que tomamos decisões no nosso cotidiano.

“Quanto mais elevada qualquer pessoa se encontra em seu

---

<sup>41</sup> Bush, pág. 20.

<sup>42</sup> Madvig, pág. 257.

<sup>43</sup> Keil e Delitzsch, pág. 30.

cargo, mais necessidade tem de se familiarizar com os oráculos sagrados e mais qualificada estará pelo estudo deles para o cumprimento dos seus árduos deveres”.<sup>44</sup>

“Aqui, então, estão dois grandes princípios de vida e atividade espiritual: primeiro, a presença segura do poder onipotente de Deus, de forma que nada pode resistir a Seu servo; segundo, o recebimento da Sua Palavra, submissão à Sua Palavra, estudo diligente da Sua Palavra, tomando-a como um guia absoluto; e tendo coragem para fazê-lo, pois, causa da promessa e a exortação de Deus”.<sup>45</sup>

“Fale sobre isso; pense nisso; faça isso!”<sup>46</sup>

- 1.9 As palavras do Senhor não eram apenas conselho. Josué estava recebendo ordens do seu Comandante. Desanimar e temer revelaria falta de confiança em Deus (“Não tenha medo nem desanime [ou seja, não seja dominado pelo medo]”).

“Quando um movimento se desenvolve ao redor de uma personalidade dominante, o teste real da qualidade da sua liderança é a maneira na qual aquele trabalho sobrevive a crise da sua remoção. ... (At 5.38-39) ...Uma obra originada por Deus e conduzida em princípios espirituais superará o choque de uma mudança de liderança e, de fato, provavelmente prosperará melhor como resultado”.<sup>47</sup>

Observe a estrutura quiástica (arranjo cruzado) da ordem de Deus a Josué:

---

<sup>44</sup> Bush, págs. 21-22.

<sup>45</sup> J. N. Darby, *Synopsis of the Book of the Bible*, 1:355.

<sup>46</sup> Francis A. Schaeffer, *Joshua and the Flow of Biblical History*, pág. 33.

<sup>47</sup> J. Oswald Sanders, *Spiritual Leadership*, pág. 132.

- A Eu estarei com você (v. 5).
- B Seja forte e corajoso (vv. 6, 7).
- C Para que você seja bem-sucedido (v. 7).
- D Este Livro da Lei (v. 8).
- C' Então você será bem-sucedido (v. 8).
- B' Seja forte e corajoso (v. 9).
- A' O SENHOR SEU Deus é contigo (v. 9).

Esta estrutura enfatiza a centralidade do Livro da Lei de Deus como a chave para o sucesso de Israel, mas também para a liderança eficaz de Josué e para a presença capacitadora com o Seu povo. Com este desafio, Josué poderia entrara confiantemente em Canaã.

Esta passagem contém os princípios necessários para sucesso espiritual em todas as idades. Precisamos: saber aquilo que Deus exige, manter consciência perpétua disto e ser consistente e completamente obedientes a isto em nossa experiência cotidiana – para obtermos vitória sobre nossos adversários espirituais.<sup>48</sup>

## **2. A ordem de Josué a Israel 1.10-18**

Após receber as ordens de Yahweh para marchar, Josué se preparou para mobilizar a nação de Israel (“prepare os suprimentos”, v. 11).

1.10-11 Josué esperava ser capaz de atravessar o Rio Jordão dentro de três dias. Durante estes três dias, os israelitas teriam tido tempo para considerar e para perceber que eram totalmente dependentes de Deus para conseguirem atravessar o largo e violento Rio Jordão e derrotar os cananeus.<sup>49</sup>

Apenas três dias se passaram desde a travessia do Mar Vermelho para que a geração dos pais destes israelitas reclamasse contra Moisés por causa da falta de água (Ex 15.24). Agora, esta nova geração enfrentou uma espera de três dias. Será que eles também se rebelariam contra o seu líder? O fato de que eles não o fizeram mostra que esta geração de israelitas era espiritualmente mais forte do que a anterior.

“O Rio Jordão percorre cerca de 320 quilômetros para cobrir

<sup>48</sup> Veja Harry Foster, “Joshua, Walking into Battle”, *Toward the Mark* 11:6 (Novembro-Dezembro 1982):116-119.

<sup>49</sup> Meyer, págs. 27-28.

a distância de 105 quilômetros do Mar da Galiléia até o Mar Morto, descendo mais de 180 metros abaixo do nível do mar durante o percurso”.<sup>50</sup>

“Calebe e Josué eram os homens mais velhos no acampamento e, ainda assim, estavam entusiasmados em confiar em Deus e em entrar na terra. Não é uma questão de idade: é uma questão de fé; e a fé vem da meditação na Palavra de Deus (1.8; Rm 10.17)”.<sup>51</sup>

1.12-18 O conceito de “descanso” (vv. 13, 15) é um conceito que precisa ser compreendido, para entender o que a conquista da terra proveu aos israelitas. Ele também esclarece o que o escritor da Epístola aos Hebreus tinha em mente, quando mencionou o descanso que o cristão é capaz de desfrutar (Hb 3.4).<sup>52</sup> Não se tratava de um descanso no sentido de liberdade de conflito, mas, ao contrário, descanso em contraste com jornada. Mesmo após a conquista da terra que durou sete anos, ainda havia muita terra cananita a ser tomada e possuída pelos israelitas (13.1; 23.1-13; cf. 24.1-28; Jz 1.1). Portanto, este descanso era a entrada na, e a participação inicial na, *herança* que o SENHOR prometera ao Seu povo (cf. Dt 12.10; 25.19; Jo 21.44; 23.1; 2 Sm 7.1, 11; 1 Rs 8.56; Sl 95).<sup>53</sup>

“Este termo teologicamente significativo [descanso]... é uma das palavras-chave para a compreensão do Livro de Josué, bem como da revelação posterior”.<sup>54</sup>

Na experiência cristã, a travessia do Jordão não corresponde apenas à morte do cristão e a entrada no céu, o que alguns cânticos sugerem. Ela também faz paralelo com a entrada do cristão no desfrute da sua vida eterna – agora – através da crença em Jesus Cristo (Rm 6.13; 12.1-2) e pela caminhada no Espírito (Gl 5.16).<sup>55</sup> O vagar no deserto lembra a experiência do cristão redimido, que ainda não se comprometeu plenamente com Deus

<sup>50</sup> Trent C. Butler, *Joshua*, pág. 17. Cf. *The New Bible Dictionary*, s.v. “Jordan”, por J. M. Houston, págs. 654-656.

<sup>51</sup> Wiersbe, pág. 21.

<sup>52</sup> Para uma boa exposição acerca das promessas de descanso que aparecem nas Escrituras, veja Dillow, págs. 93-110.

<sup>53</sup> Para uma discussão mais completa acerca do significado de descanso, veja Hess, pág. 78 e, especialmente, Butler, págs. 21-22.

<sup>54</sup> Woudstra, pág. 65.

<sup>55</sup> Veja Baxter, 1:239-240; George Wagner, *Practical Truths from Israel’s Wanderings*, págs. 350-360.

e que ainda “anda na carne”. Quando os israelitas atravessaram o Jordão, eles encontraram inimigos reais e também tiveram de batalhar contra seus adversários espirituais – assim como o cristão do Novo Testamento faz quando se dedica a Deus e anda pelo Espírito. O descanso presente do cristão não é a ausência de hostilidade. Trata-se do início do desfrutar de algumas das bênçãos que Deus prometeu a nós (i.e., vida eterna, a habitação do Espírito Santo, a vitória sobre nossos inimigos espirituais etc.).

“A entrada na terra não é um paralelo com a entrada do cristão no céu; ela significa a disposição de ‘atravessar o Jordão’ e enfrentar o inimigo. Em outras palavras, trata-se de uma decisão tomada por um santo regenerado de se submeter ao senhorio de Cristo e confiar em Deus para a vitória na batalha espiritual”.<sup>56</sup>

Em outro sentido, “Canaã” corresponde às bênçãos adicionais que o cristão que segue fielmente a Deus nesta vida receberá após a morte.<sup>57</sup> Ela representa a herança que nos aguarda do outro lado da sepultura.

Não literalmente todos os guerreiros de duas tribos e meia foram com seus irmãos atravessar o Jordão. Somente 40.000 dos 110.000 foram (cf. 4.13 e Nm 26.7, 18, 34). O restante evidentemente permaneceu na Transjordânia (a terra a leste do Rio Jordão). Portanto, devemos compreender “todos” (v. 14, ARA) neste sentido limitado.

A atitude das duas tribos e meia é louvável. Elas cumpriram seu compromisso anterior com Moisés (Nm 32.25-27) e seu compromisso atual com Josué (vv. 16-18). Não temos registro de casos de reclamação e rebeldia entre as tribos durante a vida de Josué, segundo o que registrou o escritor. Neste aspecto, a nação desfrutou de maior unidade durante a conquista do que em sua história anterior ou posterior. Deus geralmente usa tempos difíceis – neste caso, a guerra – para fortalecer espiritualmente o Seu povo (cf. Tg 1.2-4).

“Os comandantes encorajaram Josué orando por ele (v. 17).

---

<sup>56</sup> Dillow, pág. 79, no. 57. Veja também Donald K. Campbell, “Joshua”, em *The Bible Knowledge Commentary: Old Testament*, pág. 335.

<sup>57</sup> Dillow, pág. 57.

...‘Será que a oração é o seu volante ou o seu estepe?’ perguntou Corrie Ten Boom, pergunta que se aplica especialmente àquelas posições de liderança”.<sup>58</sup>

Para termos êxito em nossa tarefa corporativa de vencer nossos inimigos espirituais, o povo de Deus precisa de unir atrás de líderes levantados por Deus para nos liderarem. Não devemos reclamar ou nos rebelarmos contra eles (Hb 13.17). Além disso, como povo de Deus, devemos nos comprometer a batalhar contra nossos inimigos espirituais, ao invés de evitar tais conflitos – para possuímos a plenitude da herança de Deus para nós. Os inimigos espirituais do cristão são o mundo, a carne e o diabo (1 Jo 2.15-17; Rm 7.18-24; 1 Pe 5.8).

Meyer identificou quatro fontes da força de Josué: (1) um passado fiel, (2) um chamado singular, (3) a percepção da presença de Deus, e (4) a habitação da Palavra de Deus.<sup>59</sup>

### **3. A espionagem de Jericó cap. 2**

Como parte da preparação para a entrada em Jericó, Josué enviou espias para fazer um reconhecimento da região em que Israel entraria.

“Embora Josué tenha recebido a promessa do Senhor de Sua ajuda poderosa na conquista de Canã, ele ainda achou ser necessário fazer aquilo que era um requisito da sua para garantir o sucesso da obra a ele delegada, uma vez que a ajuda de Deus não exclui a ação humana, mas a pressupõe”.<sup>60</sup>

“Antes eles haviam enviado espias para ver se poderiam tomar a terra. Agora eles estão sendo enviados, não para ver se podem tomar a terra, mas para encontrar a melhor maneira de entrar na terra”.<sup>61</sup>

2.1 Os dois homens enviados de Sitim como espias eram jovens (cf. 6.23). Josué os enviou secretamente (cf. 7.2). Ele não quis uma repetição da rebelião de Cades (Nm 13-14).

“Ele aprendeu por experiência própria que os relatórios dos

<sup>58</sup> Wiersbe, pág. 22.

<sup>59</sup> Meyer, págs. 19-25.

<sup>60</sup> Keil e Delitzsch, pág. 33.

<sup>61</sup> McGee, 2:6.

espias deveriam ser levados apenas aos líderes, pois o povo não possuía orientação ou experiência suficiente para avaliar adequadamente tais relatórios”.<sup>62</sup>

A missão deles era explorar a região pela qual Israel entraria, especialmente Jericó. Possivelmente, Jericó é a cidade mais baixa na terra, ficando a cerca de 250 metros abaixo do nível do mar.<sup>63</sup> O objetivo dos espias era determinar onde atacar, não se deveriam ou não atacar.

“Enviar homens para o reconhecimento era um fenômeno muito comum no oriente. Além disso, a casa de uma prostituta ou do dono de uma pousada era o lugar comum para encontrar espões, conspiradores e pessoas semelhantes a estas. Consequentemente, por exemplo, lemos no Código de Hamurabi: ‘Se conspiradores se encontrarem na casa de um dono de taverna, e estes conspiradores não forem capturados e levados à corte, o dono da taverna deverá ser condenado à morte’ (lei 109). Em uma das cartas de Mari lemos de dois homens que semeiam medo e pânico e provocam rebelião em um exército. Além disso, um padrão de uma estadia de três dias numa área ao perseguir fugitivos tem apoio de fontes orientais antigas; por exemplo: as instruções para os comandantes da torre hitita especificam que se um inimigo invade um lugar, ele deve ser perseguido por três dias. Na mesma coleção de instruções vemos que é proibido construir uma pousada (*arzana*) na qual prostitutas vivessem próximas às muralhas de uma fortaleza, aparentemente por causa do tipo de perigo descrito em Josué 2”.<sup>64</sup>

“O destino imediato deles – a casa de uma prostituta – parece estranho no começo, mas dois motivos podem explicar esta escolha. Primeiro, a casa era parte de uma construção do próprio muro e, portanto, mais acessível e

---

<sup>62</sup> Davis, pág. 33.

<sup>63</sup> Veja *The New Bible Dictionary*, s.v. “Jericho”, por Kenneth A. Kitchen, págs. 611-613.

<sup>64</sup> Moshe Weinfeld, *The Promise of the Land: The Inheritance of the Land of Canaan by the Israelites*, págs. 141-143.

poderia facilmente ser um ponto de fuga. Segundo, homens estranhos no local de negócios de uma prostituta dificilmente levantariam suspeitas”.<sup>65</sup>

Jericó não era uma cidade grande, mas ela tinha grandes fortificações e uma localização estratégica na fronteira oriental de Canaã.<sup>66</sup> Ela distava apenas alguns quilômetros a oeste do Rio Jordão, na parte baixa do Vale do Jordão. Se os israelitas quisessem entrar em Canaã, eles teriam que derrotar Jericó.

Os espias provavelmente ficaram na casa de Raabe porque esperavam ser menos notórios ali do que seriam caso se hospedassem em outro lugar.<sup>67</sup> A palavra prostituta traduz a palavra hebraica para uma prostitua comum (*zah-nah*), e não uma prostituta cultual (*k'deh-shah*).<sup>68</sup> Josefo chamou Raabe de dona de pousada, o que ela poderia realmente ser.<sup>69</sup> O escritor registrou o nome de Raabe pois ela se tornou uma pessoa importante na história de Israel. Ela se tornou uma ancestral de Davi e de Jesus Cristo, bem como alguém que ajudou Israel nesta ocasião (cf. Mt 1.5).

2.2-6 Raabe era uma mulher de fé em Yahweh (cf. Hb 11.31; Tg 2.25). Aparentemente o que ela tinha ouvido a respeito do Deus de Israel a levou a colocar sua confiança nEle (“É Deus supremo em cima no céu e embaixo na terra”, v. 11). Mas precisamos tomar cuidado para não superestimar a confissão de fé de Raabe neste versículo. Ele veio a colocar sua fé em Yahweh (cf. Hb 11.31; Tg 2.25), mas ela não se tornou uma crente madura imediatamente. Ninguém se torna.

A proteção dos convidados de um anfitrião era algo muito importante no Oriente antigo (cf. Gn 19.8; Jz 19.20-24). Esta pressão cultural fortificou a fé de Raabe e, sem sombra de dúvidas, a encorajou a esconder os espias. Mas será que ela deveria ter mentido?

<sup>65</sup> Merrill, pág. 164.

<sup>66</sup> Veja Finegan, págs. 312-314; Kathleen Kenyon, *The Bible and Recent Archaeology*, pág. 20.

<sup>67</sup> Para uma discussão a respeito dos vários exemplos de ironia neste capítulo, veja Butler, págs. 31-32.

<sup>68</sup> Gray, pág. 64. Veja Anthony J. Frendo, “Was Rahab Really a Harlot?” *Biblical Archaeology Review* 39:5 (Setembro/Outubro 2013): 62-65, 74, 76.

<sup>69</sup> Josefo, 5:1:2, 7. Veja também Hess, págs. 83-84; e M. A. Beek, “Rahab in the Light of Jewish Exegesis”, em *Von Kanaan bis Kerala*, págs. 37-44. Bush, págs. 31-32 rejeitava fortemente esta possibilidade.



“De acordo com o costume oriental da época, que dá um respeito quase que supersticioso aos aposentos de uma mulher, os mensageiros reais não exigiram a entrada para a busca, mas lhe pediram que trouxesse os estrangeiros para fora [v. 3]”.<sup>70</sup>

“Desculpar Raabe por ter se entregado a uma prática comum é tolerar aquilo que Deus condena”.<sup>71</sup>

Embora ela tenha chegado à fé em Yahweh, a vida moral e ética dela ainda não tinham passado por uma mudança radical – uma vez que ela era uma prostituta e mentiu.

“Tendo nascido e crescido entre os cananeus depravados, ela provavelmente jamais aprendeu o mal da mentira e, muito menos, quando um fim aparentemente bom fosse alcançado por esta mentira”.<sup>72</sup>

“... uma mentira é sempre um pecado. Portanto, mesmo que Raabe não tenha sido movida pelo desejo de salvar a si mesma e sua família da destruição, e o motivo pela qual ela agiu tinha suas raízes em sua fé no Deus vivo (Hb 11.31), de modo que o que ela fez pelos espiões, e assim pela causa do Senhor, lhe foi imputado como justiça (‘justificada pelas obras’, Tg 2.25), o procedimento que ela adotou foi um pecado de fraqueza, que lhe foi perdoado em misericórdia por causa de sua fé”.<sup>73</sup>

“Já aconteceu muitas vezes que, mesmo quando homens bons se esforçam para manter um curso reto, eles se desviam para caminhos tortuosos. Raabe agiu erroneamente quando mentiu e disse que os espiões haviam ido embora; e a ação foi aceitável a Deus somente

<sup>70</sup> Robert Jamieson, A. R. Fausset e David Brown, *Commentary Practical and Explanatory on the Whole Bible*, pág. 167.

<sup>71</sup> Donald K. Campbell, *No Time for Neutrality*, pág. 19. Veja também R. Kent Hughes, *Living on the Cutting Edge*, pág. 37; e Irving L. Jensen, *Joshua: Rest-Land Won*, pág. 38.

<sup>72</sup> Bush, pág. 34.

<sup>73</sup> Keil e Delitzsch, pág. 35. Veja também John Rea, “Joshua”, em *The Wycliffe Bible Commentary*, pág. 208.

porque o mal que estava misturado com o bem não foi imputado a ela. Todavia, embora Deus desejasse que os espiões fossem libertados, Ele não aprovou que eles fossem protegidos por uma mentira”.<sup>74</sup>

A mentira é um pecado menos sério em algumas circunstâncias do que em outras, por causa da consequência da mentira, mas ela é sempre um pecado (Ex 20.6; Lv 19.11; Dt 5.20; Pv 12.22). Em algumas situações pode parecer impossível não pecar, mas Deus prometeu uma saída para qualquer tentação (1 Co 10.13).

Se uma pessoa enfrentar a escolha de mentir ou de falar a verdade e, assim condenar uma pessoa inocente à morte não merecida, alguns defenderiam a mentira. Neste caso, a mentira salvaria uma vida, ao passo que não mentir resultaria na morte de uma pessoa inocente, o que seria pior. Entretanto, Deus é capaz e, algumas vezes, interviu quando as pessoas se comprometeram a fazer a coisa certa (p. ex.: Dn 3; 6).

“Mentir desta maneira é presumir que ele conhece o resultado de uma situação que, de fato, não se conhece. Deus tem o controle de todas as situações e, portanto, pode muito bem ser a vontade de Deus que os espiões morram. O dever do crente é representar a verdade e permitir que o Senhor cuide dessa situação”.<sup>75</sup>

Alguns têm justificado a mentira de Raabe com base na guerra santa: uma vez que os israelitas tinham a ordem de matar os cananeus, era legítimo para ela enganar o inimigo de Israel dizendo uma mentira. Entretanto, Deus ordenou especificamente a guerra santa; Ele não ordenou a mentira, mas sempre a condenou.

2.7-14 Presumindo que os espias fugiram de volta para o acampamento israelita, os homens de Jericó perseguiram e procuraram por toda a estrada desde a cidade até o lugar onde os viajantes atravessaram o Rio Jordão (v. 7) – cerca de oito quilômetros.

<sup>74</sup> João Calvino, citado por Keil e Delitzsch, pág. 35.

<sup>75</sup> Davis, pág. 35. Para uma explicação acerca da mentira de Raabe como legítima, veja Jim West, “Rahab’s Justifiable Lie”, *Christianity and Civilization* 2 (Inverno 1983):66-74.

A menção que Raabe fez ao temor pelos israelitas que Deus colocou no coração dos cananeus (vv. 9-11) demonstra que o Senhor cumpriu Sua promessa de aterrorizar os inimigos dos israelitas (Ex 23.27; Dt 2.25; 11.25). Esta é uma das declarações ininterruptas mais longas feitas por uma mulher na narrativa bíblica.<sup>76</sup>

“Yahweh já tinha provado ser mais poderoso do que quaisquer outros postulantes a deuses. A ironia da situação estava no fato de que os inimigos dos israelitas reconheceram isto quando Israel não o fez”.<sup>77</sup>

“Destruíram completamente” (v. 10) traduz a palavra hebraica *herem*, que é um termo técnico para a prática da destruição completa dos espólios de guerra como forma de consagração destes à uma divindade (cf. 6.17).<sup>78</sup>

“As pessoas que, na época de Raabe, mais frequentavam casas de prostituição eram os comerciantes viajantes. Deles ela ouviu repetidas vezes a respeito da nação maravilhosa que estava se aproximando vinda do Egito e o Deus de Israel que executou aqueles milagres destruidores”.<sup>79</sup>

“O crítico declara que o Deus do Antigo Testamento era um grande intimidador, que era cruel e bárbaro. Em minha opinião, quando Deus deu ao povo de Canaã 420 anos para se arrepender que este tempo era mais do que suficiente. Mas Deus estendeu o tempo por mais 40 anos e fez com que eles ouvissem como Ele havia Se revelado ao libertar Seu povo do Egito. Deus não destruiu um povo que não havia ouvido falar dEle. Ele lhes deu ampla oportunidade para se voltarem para Ele. Minha pergunta, senhor crítico, é: ‘Quanto tempo mais você acha que Deus deveria ter dado a

<sup>76</sup> Hess, pág. 88. Para uma introdução à narrativa bíblica, veja Robert B. Chisholm Jr., *Interpreting the Historical Books*, págs. 25-88, “What is Narrative Literature?”

<sup>77</sup> Butler, pág. 33.

<sup>78</sup> Madvig, pág. 262.

<sup>79</sup> Abraham Kuyper, *Women of the Old Testament*, pág. 69.

eles?”<sup>80</sup>.

O desintegrar do coração dos cananeus (v. 11) retrata desespero completo.

“Se Raabe falasse demais, sua vida estaria em perigo [v. 14]; mas se não falarmos o suficiente, a vida das pessoas perdidas ao nosso redor estão em perigo”.<sup>81</sup>

2.15-21 Os espias fizeram sua promessa solene de poupar Raabe e sua família, mas especificaram três condições que Raabe deveria cumprir:

1. Ela tinha de fazer conhecida a sua casa aos israelitas quando eles atacassem (v. 18).
2. Ela tinha de reunir sua família em sua casa antes da batalha (v. 18).
3. Ela tinha que manter em segredo a missão dos espias (vv. 20, 14).

Arqueólogos descobriram casas dentro das ruínas da muralha da Jericó antiga.<sup>82</sup> A corda que Raabe deveria pendurar para fora da sua janela e sobre o muro da cidade – sua casa ficava dentro do muro (v. 15) – era de cor vermelha (vv. 15, 18). Sua cor incomum teria destacado a casa de Raabe para os israelitas. A cor também tinha um significado simbólico uma vez que o vermelho lembra o sangue e a vida vigorosa (cf. Gn 38.28, 30; Ex 12.7, 13).

“Na pregação da igreja cristã, desde de Clemente de Roma..., este tem sido considerado como um sinal do sangue de Cristo, o Cordeiro”.<sup>83</sup>

“O sangue de Jesus garante o perdão e também produz segurança”.<sup>84</sup>

---

<sup>80</sup> McGee, 2:7.

<sup>81</sup> Wiersbe, pág. 26.

<sup>82</sup> Veja Bryant G. Wood, “Did the Israelites Conquer Jericho? A New Look at the Archaeological Evidence”, *Biblical Archaeological Review* 16:2 (1990):56.

<sup>83</sup> Schaeffer, pág. 77.

<sup>84</sup> Wagner, pág. 342.

Entretanto, não há qualquer afirmação bíblica de que a corda é um tipo. Um tipo bíblico é uma ilustração anterior divinamente tencionada de alguém ou de alguma coisa que aparecerá mais tarde na história.

“Portanto, a corda de Raabe, cumpriu o mesmo propósito com o sangue aspergido sobre os umbrais das portas no Egito, que protegeram os primogênitos do anjo destruidor”.<sup>85</sup>

Deus poupou as vidas de Raabe e da família dela por causa da fé dela (cf. Hb 11.31). Quaisquer parentes de Raabe que escolheram se reunir com ela antes do cerco israelita, teriam feito isso por fé também – na promessa de Deus através dos espias. Se eles não tivessem fé, eles teriam permanecido em suas próprias casas. Consequentemente, o livramento de Raabe e sua família dependia da crença na promessa de Deus. Da perspectiva humana, a salvação sempre depende de crer numa promessa de Deus (cf. Gn 15.6; Jo 3.16; et al.).

“...a justaposição de Raabe com Acã [cap. 7] enfatiza que aquilo que realmente conta com Deus é a submissão à Sua vontade, e não a identidade étnica”.<sup>86</sup>

2.22-24 As montanhas mencionadas (vv. 22-23) eram provavelmente a região montanhosa a oeste de Jericó. Esta área contém muitas cavernas nas “colinas profundamente erodidas e solitárias” e muitos “cânions isolados cortam os penhascos de calcário [500 metros de altura]”.<sup>87</sup> Obviamente, os espiões estavam ausentes do acampamento israelita por boa parte dos três dias (v. 22; cf. 1.11; 3.2).

Uma das maiores ênfases neste capítulo é a fidelidade de Deus. Quando os espias retornaram para Sitim com notícias de que alguns cananeus creram que Yahweh daria a terra aos israelitas, o povo de Deus deve ter sentido grandemente encorajado (vv. 9-11, 24; cf. 1.2-3, 6, 11, 15).

Este capítulo também mostra que Deus livrará aquele que buscar salvação do juízo futuro,

<sup>85</sup> Bush, págs. 39-40. Veja também Henry, pág. 213.

<sup>86</sup> Hubbard, pág. 129.

<sup>87</sup> James Monson, *The Land Between*, pág. 163.

independentemente de seus pecados passados ou presentes, se tiverem fé nEle. Raabe acreditava que Yahweh era o Deus verdadeiro (v. 11; cf. Rt 1.16; 1 Jo 5.1). A proteção que ela deu aos espias demonstrou a sinceridade da fé dela (v. 6; cf. Tg 2.25). A confiança de Raabe (esperança sólida) de sua preservação diante do juízo vindouro repousava na promessa dada a ela pelos porta-vozes de Deus (v. 21; cf. Jo 6.47).

“Se Josué representa o homem israelita que encontra orientação e sucesso através da fé no SENHOR Deus, será que Raabe representa sua contrapartida, a cananita mulher que também encontra orientação e sucesso através da fé no SENHOR Deus? Em um dos livros mais nacionalistas na Bíblia hebraica, será que ele não serve aos propósitos da promessa feita a Abraão de que ‘por meio de você, todas as famílias da terra serão abençoadas’ (Gn 12.3) para colocar lado a lado com a escolha de um líder militar e seus preparativos iniciais para a batalha, a história de uma mulher estrangeira que creu e foi salva sem armas ou sem derramamento de sangue?”<sup>88</sup>

“Os espias violaram a ordem explícita de Deus de que nenhuma pessoa que vivesse na terra deveria ser poupada (Dt 7.1-6; 20.16-18). Entretanto, Raabe voltou-se para Deus e buscou livramento. A experiência dela é prova do propósito salvífico gracioso de Deus. Seu decreto abrangente é que ‘todo aquele que invocar o nome do SENHOR será salvo’ (Jl 2.32). Este é um dos exemplos mais dramáticos da graça no AT e colocado em destaque pelos aspectos questionáveis da profissão e da conversão de Raabe.

A salvação de Raabe é um exemplo do que Deus teria feito por outros também. O rei e os outros cidadãos de Jericó conheciam tudo o que ela conhecia, mas eles não se voltaram para o Deus de Israel em busca de misericórdia. O medo que a levou a implorar por misericórdia os guiou em sua rebeldia teimosa. Consequentemente, os outros são chamados de ‘desobedientes’ em Hebreus 11.31...”<sup>89</sup>

Contraste a resposta dos ninivitas nos dias de Jonas, que se arrependeram com a pregação de Jonas (Jn 3.5-9).

---

<sup>88</sup> Hess, págs. 96-97.

<sup>89</sup> Madvig, pág. 264.

## **B. A entrada na terra 3.1-5.12**

A entrada na Terra Prometida foi um evento extremamente importante na vida de Israel. O escritor dividiu esta entrada em três momentos principais. Cada um deles inicia com uma ordem de Deus a Josué (3.7-8; 4.1-3; 4.15-16), seguida pela comunicação da ordem ao povo e, depois, da sua execução. A maneira como o narrador contou a história parece projetada para impressionar o leitor de que era Yahweh Quem estava trazendo o Seu povo milagrosamente para a terra.

### **1. A travessia do Jordão caps. 3-4**

Esta seção contém duas partes: a atual travessia do Rio Jordão (cap. 3) e a comemoração da travessia (cap. 4).

#### **A travessia do rio cap. 3**

3.1-6 É possível que Josué tenha deslocado a nação de Sitim para os limites do Jordão praticamente ao mesmo tempo que enviou espias em sua missão (cf. vv. 1-2 e 1.11; 2.22). Entretanto, a sequência de eventos provavelmente é a que aparece no texto. O capítulo 1, versículo 11 descreve um período de três dias no qual os espias estavam em Jericó e na região montanhosa. Um segundo período, sobreposto começou no dia seguinte (dia quatro) quando o povo chegou em Sitim (3.1) e concluiu dois dias depois (no sexto dia) com os líderes dando ao povo instruções finais a respeito da travessia (3.2-4). O povo, então, atravessou o Rio Jordão no dia seguinte (dia sete).<sup>90</sup>

“O dever muitas vezes nos leva a dar um passo sem saber como daremos o próximo; mas se formos levados até aqui pelas orientações da Providência e enquanto estivermos engajados em seu serviço, podemos tranquilamente deixar o acontecimento com Ele”.<sup>91</sup>

A partir deste ponto, Deus continuou a liderar Seu povo através da arca da aliança. Enquanto no deserto a nuvem sobre a arca era o foco da atenção dos israelitas, agora a própria arca se tornou o objeto primário do interesse deles. Aqui o povo viu a arca fazendo aquilo que o cajado de Moisés fez quando ele abriu o Mar Vermelho.

<sup>90</sup> David M. Howard Jr., “‘Three Days’ in Joshua 1-3: Resolving a Chronological Conundrum”, *Journal of the Evangelical Theological Society* 41:4 (Dezembro 1998):539-550.

<sup>91</sup> Bush, pág. 41.

“A arca serve como um tipo de ‘guarda divino para a travessia’, interrompendo o fluxo do Jordão até que todo o Israel, incluindo os sacerdotes, tenha atravessado em segurança para Canaã”.<sup>92</sup>

O escritor de Josué mencionou a arca 17 vezes nos capítulos 3 e 4. Ela era o símbolo visível de que o próprio Deus estava guiando Seu povo para a terra e contra seus inimigos. Entretanto, o povo deveria manter certa distância da arca: cerca de 2.000 cúbitos, ou cerca de 800 metros.

“...a arca era carregada na frente do povo, não a ponto de deixar a estrada visível, mas para abrir caminho para as águas divididas do Jordão e o povo deveria manter uma distância dela, para que não perdesse de vista a arca, mas mantivessem seus olhos fixos nela e soubessem o caminho olhando para a arca da aliança pela qual o caminho era feito, i.e., pudessem saber e observar como o Senhor, através da arca, estava lhes guiando para Canaã por um caminho jamais trilhado por eles; i.e., por um caminho milagroso”.<sup>93</sup>

Normalmente, os levitas coatitas carregavam a arca (Nm 4.15), mas esta era uma ocasião especial, de modo que os sacerdotes que a carregaram (Js 6.6; cf. 1 Rs 8.3-6).<sup>94</sup>

Outras palavras que ocorrem com frequência nos capítulos 3 e 4 são “atravessar” ou “permanecer/ficar”, usadas 22 e 5 vezes respectivamente. Estas palavras identificam outras ênfases do escritor.

A auto consagração do povo (v. 5) consistia em voltar seu coração para Deus e corrigir suas atitudes e ações para com Ele (cf. Mt 3.2; 4.17). Deus havia prometido fazer milagres quando eles entrassem na terra (cf. Ex 34.10). Sem sombra de dúvidas, o povo estava anelando por ver estes milagres, à luz do que seus pais haviam lhes contado e do que alguns deles lembravam a respeito das pragas do Egito.

---

<sup>92</sup> Hubbard, pág. 162.

<sup>93</sup> Keil e Delitzsch, pág. 41.

<sup>94</sup> Jamieson, et al., pág. 168.



3.7-13 A divisão milagrosa do Rio Jordão era apenas o início de uma série de milagres que demonstraram aos israelitas que o Deus deles estava, realmente, entre eles. Ele ainda estava agindo em favor deles, mas agora Ele começou a operar através de Josué para dar a eles inúmeras vitórias (v. 7).

“E certamente a exaltação de Cristo como Deus-homem data do momento em que ele pisou nas fortes águas da morte e as secou”.<sup>95</sup>

Este evento traz inúmeras semelhanças com a travessia do Mar Vermelho (3.13; cf. Ex 14). Em contraste, Moisés dividiu as águas do Mar Vermelho com seu cajado. Josué dividiu as águas do Jordão com a arca, que se tornou a presença divinamente escolhida por Deus desde que Ele deu a Aliança Mosaica (v. 8).

Obviamente, o interromper das águas do Jordão deveria ser um sinal para os israelitas de que Deus interromperia os avanços dos cananeus (v. 10). Nesta lista de povos de Canaã, sete tribos nativas são mencionadas como representante de todos os povos.

“*Cananeus e amorreus* eram os elementos semitas na população [nativa]”.<sup>96</sup>

O título “o Soberano de toda a terra” ocorre aqui (v. 11) pela primeira vez nas Escrituras, indicando a soberania absoluta de Yahweh sobre este planeta. Uma vez que Ele era “o Soberano de toda a terra”, que também significa que a terra é dEle, Ele era capaz de dar Canaã aos israelitas.

“Implicitamente, ele [este título de Yahweh] oferece justificativa teológica para que Ele expulsasse os sete povos e desse a terra de presente a Israel”.<sup>97</sup>

3.14-17 Os israelitas atravessaram o Jordão quando o rio estava mais cheio, mais volumoso e mais rápido – final de abril ou início de maio. Uma vez que a

<sup>95</sup> Meyer, pág. 41.

<sup>96</sup> Gray, pág. 69.

<sup>97</sup> Hubbard, pág. 153.

neve do Monte Hermom derrete e a temporada de chuva cessa, o Jordão sobe para uma profundidade de 3 a 3,6 metros e se estende lateralmente por uma distância de 100 a 120 metros em sua localização hoje. Normalmente, sua largura é de 50 a 60 metros hoje. Entretanto, nos dias de Josué, o rio pode ter chegado ao seu nível máximo, conforme sugere o texto hebraico. As pessoas consideravam a travessia do rio a nado nesta época do ano como um feito heroico nos tempos antigos (cf. 1 Cr 12.15). É possível que esta seja a forma de travessia utilizada pelos espias.

A cidade de Adam (v. 16) ficava a 29 quilômetros ao norte de Jericó, próxima de onde Rio Jaboque desagua no Vale do Rio Jordão. Interessantemente, vários terremotos enviaram muito detritos para o Rio Jordão neste mesmo local nos tempos modernos, represando o rio por várias horas (em 1267, 1837 e 1927 A.D.).<sup>98</sup> Quem sabe Deus também tenha usado um terremoto nos dias de Josué. Deus pode ter usado sobrenaturalmente, no Seu tempo, um fenômeno natural, como um terremoto ou um deslizamento, próximo a Adam – para interromper as águas do Jordão em seu fluxo para o sul.<sup>99</sup> Outra possibilidade é que o fenômeno foi completamente sobrenatural.<sup>100</sup>

Dois milhões de israelitas poderiam ter cruzado o rio em metade de um dia caso a procissão de travessia tivesse 1,5 quilômetros ou mais de distância. Uma vez que o Rio Jordão secou desde Adam, 29 quilômetros rio acima de onde os sacerdotes atravessaram, haveria muito leito seco para dois milhões de israelitas atravessarem. O leito seco (v. 17) também foi um milagre (cf. Ex 14.21).

A ênfase principal no capítulo 3 encontra-se no grande milagre que Deus operou para conduzir os israelitas à terra da promessa. A conquista da terra continuaria sendo acompanhada pelas obras milagrosas de Deus em favor do Seu povo, as quais deveriam ser todas apreciadas e lembradas.

“O povo de Deus [i.e., Israel] precisa perceber que Deus não o ajuda automaticamente. Deus o ajuda quando ele obedece Seus mandamentos

---

<sup>98</sup> Finegan, pág. 155; Barry J. Beitzel, *The moody Atlas of Bible Lands*, págs. 37-38; Rea, pág. 210.

<sup>99</sup> Madvig, pág. 272.

<sup>100</sup> Campbell, “Joshua”, pág. 335.

dados por seu líder”.<sup>101</sup>

“A travessia do Rio Jordão para entrar na terra de Canaã foi um ponto de virada principal em relação à fé dos israelitas. ...Escapar para o deserto do Sinai atravessando o Mar Vermelho exigiu alguma fé. Entretanto, invadir a terra de Canaã atravessando o Rio Jordão exigia muito mais fé pois, uma vez que atravessassem o rio, eles não tinham possibilidade de escapatória. Uma vez na terra, eles teriam que enfrentar o inimigo com seus exércitos e cidades muradas. Toda a nação deu um passo junto no compromisso pleno para com Deus”.<sup>102</sup>

#### O memorial da travessia cap. 4

O ponto principal na história da travessia do Rio Jordão registrado neste capítulo é a remoção das pedras do leito do rio. Elas serviram como um memorial deste evento para as gerações futuras (vv. 6-7).<sup>103</sup>

4.1-14 Empilhar pedras era normalmente um ritual de aliança no Oriente Próximo antigo.<sup>104</sup> Este era um método comum para preservar a memória de eventos importantes (cf. Gn 8.20; 12.7; 35.7; et al.).

“A construção de montes de pedras, como monumentos de incidentes notáveis, é comum entre todos os povos, especialmente nos períodos iniciais de suas histórias”.<sup>105</sup>

Aparentemente eram duas pilhas de 12 pedras cada, uma em Gilgal (vv. 3-8, 20) e uma no leito do Rio Jordão (v. 9). Alguns estudiosos acreditam que havia apenas uma pilha de pedras, algo que a tradução da NVI sugere.<sup>106</sup> Os israelitas provavelmente construíram dois memoriais de pedra, porque a travessia foi tão milagrosa que Deus queria que Seus filhos, bem como os cananeus acreditassem que ela realmente ocorreu. As pedras em terra lembrariam os israelitas de que Deus os trouxe até a terra que Ele prometeu dar aos seus ancestrais (Sua fidelidade). As pedras no rio lembrariam os

<sup>101</sup> Butler, pág. 52.

<sup>102</sup> McGee, 2:8. Veja também Baxter, 1:256.

<sup>103</sup> Para uma discussão a respeito das supostas contradições entre os capítulos 3 e 4 r uma solução baseada na análise literária, veja Brian Peckham, “The Composition of Joshua 3-4”, *Catholic Biblical Quarterly* 46:3 (Julho 1984):413-431.

<sup>104</sup> G. Herbert Livingston, *The Pentateuch in its Cultural Environment*, pág. 157.

<sup>105</sup> Jamieson, et al., pág. 169.

<sup>106</sup> P. ex.: Hess, pág. 109.

israelitas do milagre que Deus realizou os colocando dentro da terra e que este foi um feito dEle e não do povo (Seu poder).

“Escrita numa pedra no lago próximo a Genebra [Suíça] encontra-se a seguinte mensagem: ‘quando ler isto, chore’. Alguém escreveu isto porque sempre que a água se encontra naquele nível baixo a terra está enfrentando seca. Quando você for capaz de ler as palavras, então lamente porque o país está em apuros. O memorial no Jordão era exatamente o contrário. Alguém poderia ter escrito nele, ‘Quando vir isto, se regozije e se lembre’. Ocasionalmente, o nível de água do Jordão baixava bastante e os israelitas eram capazes, de vez em quando, de ver estas doze pedras e lembrar as coisas que Deus fez por eles”.<sup>107</sup>

“As doze pedras que testemunhavam o acontecimento desapareceram faz tempo e até mesmo o lugar preciso onde a travessia ocorreu é uma questão de disputa; e em vista dos abusos supersticiosos aos quais estes locais são submetidos, estou bastante satisfeito em tê-los todos como escondidos, tal qual o sepulcro de Moisés”.<sup>108</sup>

O monumento em Gilgal provavelmente era feito de pedras grandes que o povo normalmente seria incapaz de remover do leito do rio. Construir outro monumento no meio do rio seria impossível sob condições normais, considerando o volume e a corrente de água ali. Consequentemente, os filhos israelitas e os cananeus tiveram prova dupla, ou duas testemunhas, acerca da fidelidade e do poder de Deus. Deus especificou 12 pedras para cada monumento, para representar as 12 tribos de Israel.

“Não existe uma identificação certa para o lugar ‘Gilgal’. Não é necessário nem mesmo provável que todas as ocorrências de Gilgal na Bíblia façam referência ao mesmo lugar. O nome significa ‘círculo’ e é uma boa descrição para um acampamento fortificado como era o caso daquele presente

---

<sup>107</sup> Schaeffer, pág. 86.

<sup>108</sup> W. M. Thomson, *The Land and the Book*, 2:452.

na época de Josué”.<sup>109</sup>

“É questionável se havia cidade naquele lugar antes da chegada dos israelitas”.<sup>110</sup>

4.15-24 O texto esclarece cuidadosamente que foram a presença e o poder de Deus, simbolizados pela arca, que detiveram as águas do Jordão. Quando os sacerdotes removeram a arca do leito do rio, as águas voltaram a correr (v. 18).

“A arca é o próprio símbolo *da aliança do Senhor*. Consequentemente, a luz plena recai sobre o significado redentivo do evento. Não se trata de uma mera recordação de um milagre. O milagre deve ser visto como uma expressão de fidelidade à aliança”.<sup>111</sup>

Há inúmeras referências ao fato de que todos os israelitas atravessaram o Jordão neste capítulo (vv. 1-5, 8-9, 11-12, 14, 20, 24). Isto também enfatiza a fidelidade de Deus às Suas promessas: conduzir a nação inteira à Terra Prometida. Eles primeiro acamparam a oeste do Jordão, em Gilgal (que significa “Círculo [de pedras]” ou “Rolando”, do hebraico *gala*, “rolar”), que, de acordo com Josefo, ficava a “10 estádios [400 metros] de Jericó”.<sup>112</sup>

“Ali foi montado o primeiro acampamento, à beira de um vasto bosque de palmeiras majestosas, com quase cinco quilômetros de largura e trezes quilômetros de comprimento, que se estendia até Jericó”.<sup>113</sup>

A observação de que a travessia ocorreu no décimo dia do primeiro mês (v. 19) é significativa. Foi exatamente há 40 anos, naquele dia, que Deus instruiu Israel a se preparar para sair do Egito separando os cordeiros pascais (Ex 12.3).

<sup>109</sup> Hess, pág. 115. Cf. Finegan, págs. 155-156.

<sup>110</sup> Bush, pág. 52.

<sup>111</sup> Woudstra, pág. 91.

<sup>112</sup> Josefo, 5:1:4, 11.

<sup>113</sup> Meyer, pág. 45.

“Deus disse em Sua ira que eles deveriam vagar por quarenta anos no deserto e eles os trouxe para Canaã cinco dias antes dos quarenta anos terminarem, para mostrar como Deus tem pouco prazer em punir e é muito rápido em mostrar misericórdia. Deus ordenou que eles entrassem em Canaã quatro dias antes da solenidade anual da páscoa e no mesmo dia em que a preparação para ela deveria começar (Ex 12.3), porque Ele queria que eles se lembrassem de sua libertação do Egito”.<sup>114</sup>

O propósito das pedras memoriais (v. 20) era o mesmo do milagre do Mar Vermelho. Ambos os eventos manifestaram o poder de Yahweh a todas as pessoas (v. 24; cf. Ex 14.4, 18) e eles fizeram com que o povo de Deus temesse ao SENHOR (v. 24; cf. Ex 14.31). “Teme ao SENHOR” é a expressão mais comum que apela para a fé em Deus no Antigo Testamento.

“No Antigo Testamento, a palavra ‘temor’ significa tratar com o maior respeito e ter grande admiração por”.<sup>115</sup>

“O pai judeu não deveria enviar seu filho para algum levita ou para outra pessoa para obter a resposta que queria [v. 21]. O pai mesmo deveria responder à pergunta. Muitos pais cristãos modernos que se chamam de cristão provavelmente dizem: ‘Pergunte ao seu professor de Escola Bíblica Dominical’, quando tais perguntas são feitas a eles. O declínio do ensinamento bíblico feito por pais cristãos tem gerado tremendo efeito ruim nos lares evangélicos e os melhores resultados seriam obtidos se o conselho familiar de Josué fosse ouvido: ‘fareis saber a vossos filhos’ (ARA, Maclaren). Os pais não têm o direito de abdicar da responsabilidade dada por Deus em favor da Escola Bíblica, da Escola Confessional ou qualquer outra agência cristã. Deus colocou este princípio inúmeras vezes sobre Israel e ele se mantém igualmente verdadeiro para os pais cristãos de hoje”.<sup>116</sup>

---

<sup>114</sup> Henry, pág. 216.

<sup>115</sup> Hubbard, pág. 167.

<sup>116</sup> Henry Jacobsen, *Claiming God's Promises*, pág. 42.

Trata-se de um ótimo costume memorizar os grandes atos de Deus por nós, para que os possamos lembrar e assim que nossos filhos aprendam que Deus é poderoso e fiel (vv. 23-24). O batismo e a ceia do Senhor são outros memoriais para o cristão.

“Na história do Seminário Teológico de Dallas, há ‘pedras memoriais’ como estas. Há mais de 40 anos, a Sra. Howard Taylos contou tal história num panfleto intitulado, ‘Prateleiras Vazias e Como Enche-las’.

Na primavera de 1924, havia planos para a construção de um novo seminário organizado em Dallas, para enfatizar, acima de tudo, o ensino da própria Bíblia. Lewis Sperry Chafer, presidente eleito, havia ido para Dundee, Escócia para fazer encontros evangelísticos convidado por uma grande empresa naquela cidade, em cujo lar Chafer estava hospedado. De acordo com o Dr. Chafer:

‘Às quatro da manhã de um dia inesquecível, acordei com uma sensação de profundo pressentimento com relação ao acordo firmado em Dallas. Parecia que um fardo insuportável havia sido lançado sobre mim. O fracasso, provável, se não certo, era a única coisa que eu conseguia enxergar, e todos os pressentimentos que os poderes das trevas poderiam inventar vinham rolando como ondas sobre mim.

Grandemente agoniado em meu espírito, clamei a Deus, dizendo que não poderia passar mais um dia sem uma indicação clara da vontade dEle sobre esta questão. Se tal indicação não me fosse dada, eu deveria ligar para Dallas pedindo que eles descontinuassem todo o projeto.

Logo após aquela oração eu voltei a dormir e, mais tarde, assentado para o café da manhã com o meu anfitrião, fui surpreendido pela pergunta dele se eu tinha qualquer provisão em vista para a biblioteca que seria necessária para o novo seminário. Eu disse a ele que não, mas que uma vez que o Dr. Griffith Thomas havia falecido – perda esta lamentada em ambos os lados do Atlântico – eu havia escrito para o nosso eleitorado em Dallas pedindo que orassem definitivamente para que sua valiosa biblioteca de referência pudesse ser reservada para o seminário.

“Isto que você acaba de me contar me interessa”, respondeu meu anfitrião, “e gostaria que você comprasse estes livros e me enviasse a conta. E não se preocupe em fechar um bom negócio; desejo pagar o valor real desta biblioteca”.

Pouco depois naquela mesma manhã, eu me retirei para estudar quando meu anfitrião veio e me disse: “Falando do Seminário, e o seu salário como Presidente?” Eu já havia dito a ele que não esperava ter qualquer salário; que não havia mais pensado sobre o assunto.

“Você precisará de ajuda financeira”, respondeu ele, “e embora eu não tenha condições de dar tudo o que seria esperado para tal função nos Estados Unidos, quero lhe enviar pessoalmente 2.000 dólares por ano”.

Certamente meu cálice transbordou! O presente da biblioteca foi de 4.000 dólares e a provisão inesperada para o meu salário – tudo em um único dia! Será que eu podia duvidar que Deus desejava que o projeto do Evangelical Theological College fosse adiante?”<sup>117</sup>

## **2. A circuncisão e a celebração da Páscoa 5.1-12**

“Este [quinto] capítulo registra quatro experiências que Deus trouxe a Josué e ao povo, cada uma delas centrada num sinal, ou símbolo ...O Símbolo da Circuncisão: Restauração ao favor da aliança (5.2-9) ...O Símbolo do Sangue: Antecipação de livramento (5.10) ...O Símbolo do Fruto: Apropriação da bênção (5.11-12) ...O Símbolo da Espada: Revelação de uma guerra santa (5.13-15)”.<sup>118</sup>

Deus havia garantido o sucesso de Josué até onde ele obedecesse a Lei Mosaica (1.7). Portanto, era necessário que todos os homens que nasceram no deserto e que não tivessem sido circuncidados fossem circuncidados. A circuncisão levava cada homem para as bênçãos da Aliança Abraâmica (Gn 17). Este rito também era um pré-requisito para se participar na Páscoa, algo que Deus exigia muito cedo de todos os israelitas (Ex 12). Assim como as pedras que haviam sido levantadas, a circuncisão também era um memorial.

5.1 Este versículo, a princípio, pode parecer mais apropriado como uma

<sup>117</sup> Campbell, *No Time...*, págs. 36-37.

<sup>118</sup> Jensen, págs. 49-51.



conclusão para o capítulo anterior. Entretanto, o versículo explica porque os israelitas foram capazes de levar vários dias para a operação da circuncisão, que Ihes deixou vulneráveis, militarmente falando, aos inimigos. Os inimigos de Israel lhe temeram grandemente como resultado do milagre da travessia do Rio Jordão e, uma vez que perderam toda a coragem, eles não atacaram.

Esta referência aos amorreus e cananeus agrupa todas as tribos nativas. Os povos que possuíam a região Sul e as montanhas da terra eram, em sua maioria, amorreus. Muitos deles viviam na Transjordânia e eram os guerreiros mais poderosos entre as tribos pagãs. Aqueles que viviam no Norte, nas terras baixas do Mar Mediterrâneo e no Vale de Jezreel eram, em sua maioria, cananeus. Os cananeus eram normalmente comerciantes e não guerreiros.

Por vezes o escritor coloca todos os povos nativos em um ou em outro destes dois grupos. Isto dependia da região na qual eles viviam (Sul ou Norte, montanhas ou terras baixas), ou da característica geral do povo que ocupava a maioria desta região (guerreiros ou pacíficos). A referência aos amorreus e cananeus é provavelmente um merismo, uma figura de linguagem na qual dois extremos representam um todo (p. ex.: “céus e terra” significa universo).

“Humanamente falando, se havia um momento perfeito para atacar os cananeus este momento era logo depois que os israelitas entraram na terra. Temor havia tomado os habitantes da Palestina. Mas os planos divinos não são feitos de acordo com a estratégia humana”.<sup>119</sup>

5.2-9

“O Livro de Josué continua como um diálogo entre o comandante divino e o comandante humano”.<sup>120</sup>

Facas de pedra (v. 2) era pedras bem afiadas (obsidiana). A primeira circuncisão em massa dos israelitas evidentemente ocorreu no Egito antes da primeira Páscoa e o Êxodo.

<sup>119</sup> Carl Armerding, *Conquest and Victory*, pág. 62.

<sup>120</sup> Butler, pág. 58.

“A sentença sobre os pais, que seus corpos seriam sepultados no deserto, foi inquestionavelmente uma rejeição deles por parte de Deus, uma anulação da aliança com eles. Esta punição também deveria ser suportada pelos seus filhos; e daí a razão porque os que nasciam no deserto, pelo caminho, não eram circuncidados”.<sup>121</sup>

Outra explicação para os filhos não circuncidados é que a maior parte da geração mais velha simplesmente negligenciou a circuncisão dos seus filhos – ou por esquecimento, desânimo ou por algum outro motivo.

“O povo de Deus precisa estar *preparado* antes de poder receber a vitória”.<sup>122</sup>

“Na fraqueza deles, eles foram feitos fortes; a através da fé e da paciência eles herdaram as promessas (Hb 6.12)”.<sup>123</sup>

Porque Deus esperou para ordenar a circuncisão da nova geração até agora, ao invés de fazê-lo nas planícies de Moabe? É possível que Ele tenha feito assim pois queria levar o povo à terra antes de impor este aspecto da Lei. Isto é consistente com o lidar de Deus com a humanidade. Ele primeiro dá, e depois Ele pede (cf. Rm 12.1).

“Há um sentido no qual todo cristão foi circuncidado em Cristo; mas há outro sentido no qual é necessário para ele passar pela outra circuncisão de Cristo, que não é feita por mãos e que consiste do despojar do corpo da carne”.<sup>124</sup>

“Se Josué tivesse agido nos princípios comuns aos outros generais, sempre que invadindo o país do inimigo, ele teria ou levado adiante suas vantagens instantaneamente, enquanto seus inimigos estavam cheios de terror e os teria esmagado antes que tivessem tempo para se preparar para

---

<sup>121</sup> Keil e Delitzsch, pág. 55.

<sup>122</sup> Wiersbe, pág. 35.

<sup>123</sup> Ibid., pág. 36.

<sup>124</sup> Meyer, pág. 53.

a defesa; ou teria fortificado seu próprio acampamento para evitar surpresa e para estar em constante prontidão para qualquer emergência que pudesse surgir. Mas, ao invés de adotar quaisquer medidas militares, no mesmo dia depois que ele invadiu o país, sem esperar para saber qual seria o efeito da invasão, ele ordenou que praticamente todos os homens da congregação fossem circuncidados! Consequentemente, por meio de um ato ele praticamente incapacitou a maior parte do seu exército, ao ponto de não poderem até mesmo ficarem em pé para se defender! O que, senão um princípio da fé mais triunfante, poderia levá-lo a submeter a uma injunção como essa?”<sup>125</sup>

É possível que “a vergonha da sua escravidão no Egito” (v. 9) fosse a acusação que iniciou no Egito: de que Yahweh tirou os israelitas do Egito para destruí-los no deserto (cf. Ex 32.12; Nm 14.13-16; Dt 9.28). Agora que Ele os trouxe para a terra que Ele prometeu lhes dar, ele invalidou ou destruiu esta crítica.

Outra possibilidade, que é a minha preferência, é que a vergonha do Egito se refere à vergonha que os israelitas não tinham circuncidado seus filhos durante os anos finais da escravidão egípcia e durante o vagar no deserto.<sup>126</sup> Esta visão tem a vantagem de estar ligada à referência da circuncisão no versículo 8.

Outra possibilidade é que a vergonha do Egito se refere à desgraça que os israelitas experimentaram na escravidão no Egito.

Quando os israelitas obedeceram a Deus circuncidando seus homens jovens, o livramento do Senhor para eles atingiu seu clímax.<sup>127</sup>

Aparentemente, os israelitas consideravam a retirada da pele na circuncisão como tendo um significado duplamente simbólico: Ela representava a remoção que Deus operava da vergonha deles, bem como a renúncia pessoal deles da carne (cf. Gn 17).

---

<sup>125</sup> Bush, pág. 56.

<sup>126</sup> McGee, 2:12.

<sup>127</sup> Butler, pág. 59.

“Facas de pedra [cf. Ex 4.25] são afiadas tirando lascas da ponta da pedra, para que a pedra limpa e estéril seja exposta, uma vez que vírus e bactérias não crescem em pedra. A circuncisão era, então, realizada com um instrumento que possuía esterilidade semelhante à dos bisturis de hoje. Considerando a possibilidade de infecção após esta operação em caso de um instrumento contaminado, o uso de uma faca de pedra era tremendamente benéfico e, portanto, ordenado pelo Grande Médico (ou, neste caso, daquele que previne)”.<sup>128</sup>

Deus especificou facas de pedra, muito embora estivessem no final da Era do Bronze (1550-1200 a.C.) e os implementos de bronze fossem comuns.

#### 5.10-12

A Lei prescrevia que apenas os membros da comunidade da aliança poderiam comer a Páscoa. Ela era um memorial da redenção dada por Deus a Israel tirando-a da escravidão egípcia no Êxodo. Ela simbolizava o livramento dado por Deus ao seu povo da tirania do pecado (cf. Ex 12.43-51).

“... que tenhamos em mente que assim como nenhuma pessoa não circuncidada tinha permissão de participar da Páscoa, assim nenhuma pessoa que vive em pecado obstinado pode comer do pão e do sangue que foram dados para a vida do mundo. É necessária uma Gilgal antes que possa haver uma Páscoa no sentido mais pleno e mais profundo”.<sup>129</sup>

Na Festa dos Pães Asmos, que ocorria após a Páscoa, o povo poderia usar o produto da terra para fazer pão (v. 11). Deus agora provia para a necessidade do povo do pão diário dando a ele grãos da terra, ao invés de maná, que agora tinha parado de cair (cf. Ex 16.35).

“Deus não deseja que haja estes intervalos de aparente

<sup>128</sup> Jay D. Fawver e R. Larry Overstreet, “Moses and Preventive Medicine”, *Bibliotheca Sacra* 147:587 (Julho-Setembro):277.

<sup>129</sup> Meyer, pág. 59.

deserção e falta de suprimentos dos quais tantos se queixam. ... Nas bênçãos de nossa vida exterior, Deus, por vezes, nos humilha e nos deixa passar fome. O riacho de Querite seca antes que Ele nos envie para Sarepta. Mas em relação à vida interior, Ele dá sem economizar”.<sup>130</sup>

“Quem não diz: ‘O velho é melhor?’ A mobília velha do quarto; a casa velha onde passamos anos tão felizes; a velha rotina de vida familiar; a maneira velha de fazer as coisas. É difícil nos livramos daquilo que é velho. Mas estas coisas velhas deixam de fornecer a disciplina que precisamos; e devemos deixá-las para aquilo que não foi experimentado e é desconhecido, onde obtemos nova perspectiva dos caminhos de Deus e nos tornamos trabalhadores junto com Ele”.<sup>131</sup>

“Por vezes somos inclinados a olhar para as evidências comuns de misericórdia como *questões comuns*, e Deus, por vezes, as tira de nós para nos ensinar nossa dependência de forma mais eficaz”.<sup>132</sup>

Em algumas situações, obedecer a Deus nos torna vulneráveis aos ataques dos nossos inimigos espirituais, tal como a experiência de Israel aqui. Todavia, a vontade de Deus protege aqueles que confiam e obedecem a Ele nestas situações.

### **C. A posse da terra 5.13-12.24**

Antes que Israel entrasse na Terra Prometida, Deus preparou Seu povo para tomar posse da terra direcionando soberanamente as questões políticas do Egito. O Egito manteve controle de Canaã por muitos anos. Entretanto, pouco tempo antes e durante a ascensão do faraó Amenhotep II (1417-1379 a.C.) ao trono, o interesse egípcio nas questões cananitas começou a diminuir. Consequentemente, alguns dos reis cananeus declararam sua independência do controle egípcio e começaram a aumentar sua influência e a dominar seus vizinhos. Além disso, estrangeiros além dos israelitas invadiram porções de Canaã. Algumas das vítimas de opressão escreveram cartas ao faraó pedindo por ajuda egípcia. Eles enviaram estas cartas a Amarna, a capital do Egito naquela época, cartas estas

<sup>130</sup> Ibid., pág. 61.

<sup>131</sup> Ibid., pág. 62.

<sup>132</sup> Bush, pág. 60.

conhecidas hoje como as *Cartas de Amarna*. Eles escreveram estes documentos na escrita cuneiforme. Uma mulher egípcia descobriu a primeira delas em Tell el-Amarna, a capital de Aquenáton, em 1887 A.D. A coleção completa tem mais de 370 cartas. As Cartas de Amarna fornece muita informação valiosa a respeito da esfera política e militar em Canaã durante o período das conquistas de Israel.<sup>133</sup>

“Enquanto Aquenáton [Amenhotep III, 1379-1361 a.C., o filho e sucessor de Amenhotep II] gastou sua vida preocupado com reformas religiosas, o prestígio na Ásia afundou até o chão. Conforme as Cartas de Amarna mostram com abundância, nenhum esforço foi feito pela corte para responder aos pedidos frenéticos por ajuda feitos por alguns príncipes que ainda professavam lealdade ao Egito. A reclamação mais comum nestas cartas era que a menos que Egito enviasse tropas urgentemente a terra cairia nas mãos de Habiru. Alguns historiadores são inclinados a enxergar nestes Habiru os hebreus da Bíblia que, à esta altura, estavam tomando a Palestina”.<sup>134</sup>

Quando os israelitas iniciaram sua conquista, as cidades-estado cananitas não tinham a proteção do Egito, ou de qualquer outra potência mundial, de que desfrutavam no passado.

### **1. A conquista de Jericó 5.13-6.27**

5.13-15

“A despeito da vasta experiência militar de Josué, ele jamais liderou um ataque contra uma cidade fortificada que estava preparada para um longo cerco. Na realidade, de todas as cidades muradas na Palestina, Jericó era provavelmente a mais invencível. Havia também a questão dos armamentos. O exército de Israel não possuía armamento de cerco, nem aríetes, catapultas ou torres móveis. Suas únicas armas eram fundas, flechas e lanças – que eram como palhas contra os muros de Jericó”.<sup>135</sup>

<sup>133</sup> Veja Charles Pfeiffer, *Tell El Amarna and the Bible*, Finegan, págs. 108-113; Leon Wood, págs. 104-107; Davis, págs. 18-21; Archer, págs. 265-271; F. Kenyon, pág. 24.

<sup>134</sup> Siegfried Schwantes, *A Short History of the Ancient Near East*, pág. 90. Veja também Leon Wood, págs. 105-107; Nadav Na'aman, “Habiru and Hebrews: The Transfer of a Social Term to the Literary Sphere”, *Journal of Near Eastern Studies* 45:4 (Outubro 1986):271-288; e Douglas Waterhouse, “Who Are the Habiru of the Amarna Letters?” *Journal of the Adventist Theological Society* 12:1 (Primavera 2011):31-42.

<sup>135</sup> Campbell, “Joshua”, pág. 339.

“Os muros eram de um tipo que tornava praticamente impossível o ataque direto. Um inimigo que se aproximava encontrava primeiro um pilar de pedra de 3,5 metros de altura, atrás e acima do qual se inclinava uma escarpa engessada de 35 graus que chegava até a muralha principal, cerca de 12 metros verticais acima. O declive íngreme e sua impedia que se batesse na muralha com qualquer dispositivo eficaz ou que se fizesse fogueiras para rompe-la. Um exército que tentasse invadir a muralha teria dificuldade para escalar a encosta e as escadas para escalá-la não teriam uma base satisfatória. A tática normal utilizada pelo inimigo para tomar uma cidade tão protegida era o cerco, mas Israel não tinha o tempo para isto, caso desejasse ocupar toda a terra em um número razoável de meses”.<sup>136</sup>

Quando Josué contemplava atacar a Jericó, o Anjo do SENHOR apareceu e lhe assegurou da vitória.

“O espectro cananeu havia nascido na tenda de Noé (Gn 9.20-27), tinha evoluído por gerações, e agora, nos dias de Josué, não seria mais tolerado por Deus (cf. Gn 15.16)”.<sup>137</sup>

Obviamente, Josué estava patrulhando próximo a Jericó, que ficava a cerca de 3 quilômetros de Gilgal.<sup>138</sup> Ele estava planejando sua estratégia quando encontrou o Homem que Se identificou como o “comandante do exército do SENHOR”(v. 14; cf. 1 Rs 22.19; 2 Rs 6.8-17; Sl 148.2; Mt 26.53; Hb 1.14). É óbvio que Josué percebeu que este homem era um guerreiro valente, colocando-se diante dele “com uma espada na mão” (v. 13) – pronto para guerrear (cf. Nm 22.23; 1 Cr 21.16)! Tão logo o estranho Se identificou, Josué se prostrou diante dele reconhecendo Sua superioridade.

“A resposta do estranho colocou tudo na perspectiva correta. Deus é soberano. Não é nunca uma questão se Deus está ao nosso lado, mas sim se estamos ao lado dEle. ... O

<sup>136</sup> Leon Wood, pág. 174.

<sup>137</sup> Constable, pág. 105.

<sup>138</sup> Os mapas 54 (pág. 43), 56 (pág. 44), 58 (pág. 45) e 62 (pág. 47) em *The Macmillan Bible Atlas* ilustram as batalhas de Jericó, Ai, Gibeom, Sul de Canaã e Norte de Canaã respectivamente.

propósito deste encontro não era dar ordens, mas inspirar Josué com humildade e reverência e para gerar nele a confiança de que Deus estava com ele e estava no controle (cf. 1.9).<sup>139</sup>

“Ali está Josué, com todos os seus papéis e gráficos espalhados na terra, todos os seus manuais egípcios de batalha que tirou da biblioteca do faraó e esqueceu de devolver. ‘Agora tudo o que você precisa fazer, Senhor é ler tudo isso – apenas uma olhadinha – e assinar na última linha...’ Mas o Senhor [não veio para executar os planos de Josué, mas] veio para assumir o controle! Que susto para Josué. Todavia, esta foi a coisa mais saudável que poderia ter ocorrido, obviamente, porque ele, então, caiu com o rosto em terra e disse: ‘O que o Senhor ordena do seu servo?’”<sup>140</sup>

A Queda de Jericó e a derrota subsequente das tribos cananitas, foi um resultado do exército celestial de Deus, Seu exército angelical, e não dos israelitas. Foram os guerreiros invisíveis que derrubaram as muralhas de Jericó e não os gritos dos israelitas. Deus usou os israelitas nestas batalhas, mas a vitória foi sobrenatural, e não natural.

“Dentro dos Estados Unidos da América, parece haver uma profunda tendência de preocupação entre os cristãos com relação à tendência da educação nas escolas públicas. Muitos entendem que os padrões acadêmicos e morais nestas escolas chegaram a um nível muito baixo e estas pessoas sentem-se grandemente preocupadas com a educação dos seus filhos. Devemos nos preocupar. Como resolvemos este problema? É bom organizarmos comitês e campanhas. É bom se envolver e enviar petições às diretorias. Mas quantos de nós investe tempo perante Deus, derramando a preocupação e a perplexidade do nosso coração perante o Senhor? Quantos de nós estão

---

<sup>139</sup> Madvig, pág. 276.

<sup>140</sup> Luis Palau, *The Moment to Shout*, pág. 47. Divisão de parágrafo.



perguntando a Ele como Ele deseja que resolvamos esta situação?”<sup>141</sup>

A ordem para remover as sandálias (v. 15) teria convencido Josué de que esta era a mesma Pessoa – o Próprio SENHOR Deus – que havia aparecido para Moisés na sarça ardente (Ex 3.5). Onde Deus estava, havia santidade, e onde a santidade estava, havia a necessidade de purificação.

“A purificação, mais do que a inteligência, é a principal condição para um serviço bem-sucedido”.<sup>142</sup>

Esta foi a “experiência da sarça ardente” de Josué.<sup>143</sup>

“Assim como Moisés foi investigar a sarça (Ex 3.3), assim Josué vai investigar o Personagem misterioso que o confronta (5.13b)”.<sup>144</sup>

“A estranha confrontação de 5.13-15 lembra aquela entre Jacó e o homem de Deus em Peniel (Gn 32.22-32) e aquela entre Moisés e a sarça ardente (Ex 3.1-4.17). Em cada uma das situações, o protagonista humano encontra um mensageiro divino antes de enfrentar um conflito entre a vida e a morte...”.<sup>145</sup>

Alguém também poderia citar a visita de Deus a Abraão nos Carvalhos de Manre (Gn 18) e a auto revelação de Jesus aos dois discípulos na estrada para Emaús (Lc 24.13-35), embora estes não fossem encontros ameaçadores. Josué dificilmente teria se submetido como ele fez caso não acreditasse que este homem era, verdadeiramente, o anjo do SENHOR (cf. Ex 3.5; Nm 22.31)!

“A cena, então, retrata Josué como um servo completamente obediente fazendo precisamente aquilo

---

<sup>141</sup> Palau, pág. 88.

<sup>142</sup> Meyer, pág. 73.

<sup>143</sup> Hubbard, pág. 186.

<sup>144</sup> Butler, pág. 57.

<sup>145</sup> Hess, pág. 126.

que o mensageiro divino exige”.<sup>146</sup>

Deus não apenas instruiu Josué com relação ao que ele deveria fazer na batalha a seguir, mas esta teofania (aparicação de Deus) garantiu Josué que Yahweh também lideraria pessoalmente Seu povo na batalha. Entretanto, não precisamos concluir que este líder divino continuou visível depois disto. Não há referência a ele no registro da batalha seguinte. A aparição dele nesta ocasião simplesmente deixou claro a Josué que Deus lideraria a Israel.

“Toda a sequência – circuncisão, Páscoa e teofania – declararam enfaticamente que o Israel da conquista era o Israel do êxodo. O Deus que salvou o Seu povo do Egito agora salvaria este povo em Canaã”.<sup>147</sup>

“A conquista de Canaã é mais que frequentemente tratada como uma iniciativa dos israelitas, executada com grande crueldade, para a qual reivindicaram a sanção divina. O Antigo Testamento apresenta a questão de uma maneira completamente diferente. A guerra era uma iniciativa de Deus, na qual os instrumentos humanos eram utilizados, mas apenas para estarem completamente subordinados à vontade divina”.<sup>148</sup>

6.1-5 O comentário parentético a respeito de Jericó que inicia este capítulo, que ela estava “muito bem fechada” (v. 1), enfatiza o fato de que a cidade era muito bem fortificada.

Como no capítulo anterior (5.2-3), o escritor registrou a ordem de Deus primeiro (6.2-5) e então a execução de Josué desta ordem (6.6-21; cf. 3.7-8; 4.1-3, 15-16; Sl 108.12-13).

Diferente de Moisés, que na sarça ardente argumentou longamente com o SENHOR acerca do plano dEle (Ex 3.11-4.17), Josué obedeceu sem questionar (vv. 6-8).

<sup>146</sup> Butler, pág. 61.

<sup>147</sup> Eugene H. Merrill, *Kingdom of Priests*, pág. 109.

<sup>148</sup> Alva J. McClain, *A Grandeza do Reino*, pág. 131.

“Não precisamos entender todas as coisas. Tudo que Deus pede é que creiamos”.<sup>149</sup>

“Crer numa promessa é como receber um cheque; ficar avaliando a promessa é como endossar o cheque e sacá-lo”.<sup>150</sup>

“Os planos são prerrogativa de Deus; a obediência é privilégio dos Seus filhos. O mapa para a nossa maturidade encontra-se exclusivamente nas mãos dEle”.<sup>151</sup>

“... eles [os israelitas] tiveram de aprender que a terra era um presente, a ser recebido pela fé e não algo ganho por esforço [vv. 2, 16]”.<sup>152</sup>

6.6-14 As palavras “Senhor” e “arca” ocorrem de forma intercambiável aqui (v. 8), embora fossem diferentes e distintas uma da outra. O SENHOR estava sobre a arca (acima da tampa da expiação ou propiciatório e entre os querubins), mas a própria arca representava apenas a presença do SENHOR.

Obviamente, toda a nação israelita não marchou ao redor dos muros de Jericó. Apenas soldados e sacerdotes escolhidos deram voltas na cidade (vv. 3, 4, 6, 9, et al.). O “povo” mencionado no contexto (vv. 7, 16, et al.) eram os dois tipos de pessoas, e não todos os israelitas. Provavelmente apenas representantes dos exércitos tribais participaram nesta marcha, ao invés de todos os soldados de Israel. A linha de ordem de marcha era a seguinte: soldados, sacerdotes, a arca e mais soldados (vv. 6-9, 13).

Jericó não era uma cidade grande. Escavações arqueológicas revelaram que seus muros cobriam uma área de 8,5 acres.

Durante as 13 voltas ao redor dos muros de Jericó, o povo deveria se manter em silêncio (v. 10). Então, eles deveriam gritar.

<sup>149</sup> Palau, pág. 66.

<sup>150</sup> Wiersbe, pág. 43.

<sup>151</sup> Palau, pág. 68.

<sup>152</sup> Meyer, pág. 75.

“Silêncio perante Deus! Que preciosidade rara! Como isso é difícil de conseguir. Se não estivermos falando verbalmente, então há mil vozes mentais dentro de nossos pensamentos, cada uma disputando a última palavra. Ouvir a Deus? Como Ele poderia ter uma palavra para dizer? Esta passagem parece dizer: ‘Silêncio. Não fale muito. Fique em silêncio perante o SENHOR depois que você derramou seu coração a ele. Deixe Deus falar’”.<sup>153</sup>

“As trombetas que usaram não eram trombetas de prata, mas trombetas de chifre de carneiro, furadas ocas para este propósito. Estas trombetas eram de matéria mais básica, de som mais fraco e de menor aparência, para que a excelência do poder fosse de Deus”.<sup>154</sup>

O tocar das trombetas em Israel lembrava o povo da atividade milagrosa de Deus para com ele – provendo para suas necessidades e lutando contra seus inimigos. Os sacerdotes também as usavam para convocar o povo para seguir a Deus, que abriu o caminho à frente deles, com a coluna de nuvem, no deserto. Ambas as funções se aplicavam nesta ocasião. O toque da trombeta sinalizava julgamento para os cananeus, mas vitória para os israelitas (cf. 1 Co 15.51-52; 1 Ts 4.13-17).

“A primeira vez que lemos a respeito de um tocar de trombetas é no Sinai, onde o SENHOR anunciou Sua descida ao monte para que o povo reunido ao pé do monte O recebesse, não apenas por outro fenômeno temeroso, mas também por um sopro alto e contínuo da trombeta (Ex 19.16, 19; 20.14, 18). Depois disto lemos sobre o soar das trombetas prescrito como parte da adoração de Israel em ligação com a observância do dia da sétima lua nova (Lv 23.24) e na proclamação do grande ano do jubileu (Lv 25.9). Assim como o soar da trombeta ouvido pelo povo quando a aliança foi feita no Sinai como se fosse o chamado de um arauto, anunciando às tribos de Israel a chegada do SENHOR

---

<sup>153</sup> Ibid., pág. 91.

<sup>154</sup> Henry, pág. 219.

seu Deus para completar Sua aliança e estabelecer Seu reino sobre a terra; assim o soar de trombetas em conexão com o ciclo de festas tencionava parcialmente levar o povo à lembrança perante o SENHOR ano após ano no início do mês sabático, para que Ele viesse a eles e lhes desse o descanso sabático do Seu reino, e parcialmente ao final de cada sete vezes sete anos para anunciar, no grande dia da expiação, a chegada do grande ano de graça e liberdade, que traria ao povo de Deus livramento da escravidão, retorno às suas próprias posses e livramento do penoso labor desta terra, e para dar a eles um prenuncio da liberdade abençoada e gloriosa para a qual os filhos de Deus alcançariam no retorno do SENHOR para aperfeiçoar Seu reino (veja *Pentateuch*, vol. ii, págs. 466-467). Mas quando o SENHOR vier para fundar, edificar e aperfeiçoar Seu reino sobre a terra, Ele também vem para destruir o poder mundial que se opõe ao Seu reino. A revelação da graça e da misericórdia de Deus aos Seus filhos, caminha lado a lado com a revelação da justiça e o juízo para com o perverso, que é Seu inimigo. Portanto, se o soar da trombeta era o sinal para a congregação de Israel da chegada graciosa do SENHOR seu Deus para entrar em comunhão com Ele, ela igualmente proclama a chegada do juízo para um mundo perverso”.<sup>155</sup>

Josefo escreveu que os sacerdotes carregaram a arca ao redor de Jericó, na primeira volta na cidade, no primeiro dia da Festa da Páscoa.<sup>156</sup> Mas o texto não afirma isto. Isto pode ou não ser verdade.

6.15-21 Os guerreiros e sacerdotes deveriam permanecer em silêncio enquanto circulavam a cidade diariamente, exceto na última volta – a sétima vez no sétimo dia. Deus obviamente usou esta estratégia para impressionar o povo de Jericó, bem como aos israelitas, de que o livramento não viria pelo poder ou força humanos. Isto ocorreu por meio do Espírito do SENHOR (“Eu lhe entreguei Jericó”, v. 2; cf. Zc 4.6).

<sup>155</sup> Keil e Delitzsch, págs. 69-70.

<sup>156</sup> Josefo, 5:1:5.

“Consequentemente, a destruição não se deveu à sede por sangue”.<sup>157</sup>

O SENHOR ordenou o grito final – que fosse feito após a sétima volta no sétimo dia – para anunciar a destruição que Ele promoveria do muro. Foi um grito de vitória e de alegria para os israelitas.

“Para enfatizar a intervenção divina, nenhuma causa secundária para o colapso das muralhas é mencionada. Não deixaria de ser um milagre se descobríssemos que Deus usou um terremoto para derrubar as muralhas”.<sup>158</sup>

O escritor não explicou os motivos para Israel circular Jericó uma vez por seis dias e, então, sete vezes no sétimo dia. Entretanto, esta estratégia deu ao rei de Jericó uma oportunidade de rendição. A singularidade desta abordagem sem sombra de dúvidas impressionou a todos com o caráter sobrenatural da vitória. Ela envolveu uma fé praticamente inacreditável por parte dos israelitas (Hb 11.30). Inquestionavelmente, algum significado teve para o número sete. Pode ter impressionado ainda mais os israelitas de que a vitória foi uma obra completa de Deus, seguindo o padrão de sete dias da criação.

“A ênfase no número sete (quatorze vezes neste capítulo [cf. Ex 24.16; 2 Rs 3.9; Jó 2.11-13; Ez 3.15]), o uso das trombetas cerimoniais (feitas com os chifres de carneiros), a presença de sacerdotes e a proeminência da arca indicaram que a conquista de Jericó foi mais do que uma campanha militar; ela foi um evento religioso. Israel deve sempre se lembrar de que a terra foi um presente de Deus a ela”.<sup>159</sup>

“O significado deste marchar repetido ao redor da cidade culmina inquestionavelmente na arca da aliança e no tocar das trombetas pelos sacerdotes que estavam à frente da arca. No relato, a arca é constantemente chamada de “arca do SENHOR”, para demonstrar que o SENHOR, que estava

---

<sup>157</sup> Rea, pág. 213.

<sup>158</sup> Madvig, pág. 281.

<sup>159</sup> Ibid., pág. 278.

entronizado sobre os querubins da arca, estava rodeando a cidade hostil no meio do Seu povo; enquanto no versículo 8 o próprio Yahweh é mencionado no lugar da arca de Yahweh”.<sup>160</sup>

Deus pode ter usado um terremoto para derrubar as muralhas.<sup>161</sup>

Escavações em Jericó feitas por John Garstang, entre 1930 e 1936, e mais recentemente por Kathleen Kenyon, entre 1952 e 1958, confirmaram o colapso da muralha sobre si mesma conforme registrado.<sup>162</sup> Elas também revelam que os invasores queimaram a cidade (v. 24), embora existe uma certa discordância entre Garstang e Kenyon em relação ao momento em que isto ocorreu. Garstang defende que o colapso da muralha e o queimar da cidade ocorreram aproximadamente ao mesmo tempo, conforme registra o texto. Entretanto, Kenyon acreditava que a cidade foi incendiada muito tempo antes e que ruiu numa data muito posterior.<sup>163</sup> Depois de analisar as posições de Garstang e Kenyon, Bruce Waltke chegou à seguinte conclusão:

“Embora escassas, as evidências textuais e arqueológicas com relação a Jericó no final da Idade do Bronze [1400-1200 a.C.] coincidem notavelmente, e mais uma vez as evidências arqueológicas sugerem uma conquista durante o primeiro quarto do século XIV. Entretanto, ainda mais conclusiva é a evidência de que a cidade não foi ocupada em meados do século XVIII a.C., impedindo assim a opção da data tardia comumente aceita para o Êxodo [cerca de 1280 a.C.]”.<sup>164</sup>

“Com base nos escaravinhos e cerâmicas encontrados no cemitério associado à Cidade IV em Jericó, é impossível datar a queda daquela cidade depois de 1400 a.C., a despeito de todas as descobertas negativas de Kathleen

<sup>160</sup> Keil e Delitzsch, pág. 69.

<sup>161</sup> Immanuel Velikovsky, *Worlds in Collision*, pág. 151.

<sup>162</sup> Veja Finegan, págs. 140-142, 156-159; Rea, pág. 213; Leon Wood, págs. 94-99; Gleason L. Archer, *Encyclopedia of Bible Difficulties*, págs. 156-157.

<sup>163</sup> Veja K. Kenyon, págs. 10, 33, 35-38.

<sup>164</sup> Bruce K. Waltke, “Palestinian Artifactual Evidence Supporting the Early Date of the Exodus”, *Bibliotheca Sacra* 129:513 (Janeiro-Março 1972):42. Veja também Leon Wood, págs. 44-59.

Kenyon (conforme demonstramos). Por outro lado, existem objeções absolutamente intransponíveis à teoria da data tardia [aprox. 1280 a.C.] com base em descobertas arqueológicas”.<sup>165</sup>

Há algumas coisas a respeito de Jericó que a arqueologia não revelou.

“Jericó é um exemplo clássico da incompletude do registro arqueológico provocada pelas depredações do homem e da natureza combinadas onde – como em Dibom – o registro literário (aqui, o Antigo Testamento) retém fases da história perdidas para o escavador”.<sup>166</sup>

“Consequentemente, a pesquisa arqueológica deixa confusão e perguntas não respondidas para a geração atual. Isso não nos leva a abandonar a pesquisa arqueológica. Ela nos lembra das grandes dificuldades que permanecem em nosso caminho quando buscamos utilizar descobertas para a reconstrução histórica. A arqueologia raramente é capaz de dar nome aos sítios. Raramente, se é que alguma vez, ela é capaz de determinar precisamente quem destruiu um sítio. Ela normalmente é incapaz de dizer quem ocupou um sítio; ela é capaz apenas de colocar datas relativas em sítios. Muito raramente se pode escavar um sítio inteiro e obter todas as evidências”.<sup>167</sup>

“A arqueologia deveria ser usada amplamente como uma ferramenta para a interpretação bíblica, e não para a apologética bíblica”.<sup>168</sup>

<sup>165</sup> Gleason L. Archer, “Old Testament History and Recent Archaeology From Moses to David”, *Bibliotheca Sacra* 127:506 (April-Junho 1970):108. Para uma boa discussão acerca da arqueologia da Jericó do Antigo Testamento, veja também Leon Wood, págs. 94-99.

<sup>166</sup> Kenneth Kitchen, *The Bible In Its World*, pág. 89. Veja também Michael A. Grisanti, “Recent Archaeological Discoveries That Lend Credence to the Historicity of the Scriptures”, *Journal of the Evangelical Theological Society* 56:3 (Setembro 2013):475-497.

<sup>167</sup> Butler, pág. xxviii. Cf. *ibid.*, págs. 32-33. A respeito da importância das conclusões arqueológicas como tentativa, veja Eugene H. Merrill, “Palestinian Archaeology and the Date of the Conquest: Do Tells Tell Tales?” *Grace Theological Journal* 3:1 (Verão 1982):107-121; *Idem*, “Old Testament Archaeology: Its Promises and Pitfalls”, *Journal of Dispensational Theology* 13:39 (Agosto 2009):5-19; Larry G. Herr, “What Archaeology Can and Cannot Do”, *Ministry* 56:2 (Fevereiro 1983):28-29; Edwin M. Yamauchi, “The Proofs, Problems and Promises of Biblical Archaeology”, *Journal of the American Scientific Affiliation* 36:3 (Setembro 1984):129-138; Peter C. Craigie, *Ugarit and the Old Testament*, pág. 98.

<sup>168</sup> Alfred J. Hoerth, “Archaeology and the Christian Mind”, em *Interpreting the Word of God*, pág. 43.



“...podemos dizer que a arqueologia moderna teve seu início em 1798, quando aproximadamente cem estudiosos e artistas franceses acompanharam Napoleão em sua invasão ao Egito. Eles olharam admirados para monumentos impressionantes daquela terra antiga, escreveram descrições sistemáticas, copiaram textos e prepararam ilustrações em aquarelas”.<sup>169</sup>

Em geral, arqueólogos e historiadores tem abordado a relação entre evidência arqueológica e bíblica de três maneiras: Primeiro, alguns enxergam a arqueologia como alguém que corrobora com a Bíblia. Segundo, outros enxergam a arqueologia como quem fornece o contexto para a Bíblia. Terceiro, outros ainda acreditam que a arqueologia conta sua própria história.<sup>170</sup>

“Pode ser afirmado categoricamente que nenhuma descoberta arqueológica jamais rebateu uma referência bíblica”.<sup>171</sup>

“Embora a arqueologia date de mais de um século [a partir da década de 1940] na Palestina e na Síria, foi apenas a partir de 1920 que nosso material se tornou suficientemente extensivo e claramente suficientemente interpretado para ter um valor realmente decisivo”.<sup>172</sup>

“Não pode haver dúvida de que a arqueologia confirmou a historicidade substancial da tradição do Antigo Testamento. Divergências de fatos históricos básicos podem ser praticamente todos explicados como devidos à natureza da tradição oral, para as vicissitudes da transmissão escrita e as combinações honestas, mas errôneas por parte dos estudiosos israelitas e judeus. Estas divergências raramente

---

<sup>169</sup> Finegan, pág. 4.

<sup>170</sup> Veja Fredric Brandfon, “Digging a Hole and Telling a Tale”, *Biblical Archaeological Review* 38:1 (Janeiro/Fevereiro 2012):26, 71.

<sup>171</sup> Nelson Glueck, *Rivers in the Desert*, pág. 31.

<sup>172</sup> Albright, pág. 37.

resultam modificações sérias do quadro histórico”.<sup>173</sup>

Alguns cristãos nos últimos anos têm feito uma “caminhada de oração”, na qual eles oram enquanto caminham ao redor da cidade, pedindo a Deus que salve os moradores. Enquanto este modelo vem da batalha de Jericó, há algumas diferenças significativas. Os israelitas marcharam ao redor de Jericó em resposta à uma orientação dada por Deus. O cristão não recebeu esta ordem de Deus. Na realidade, fomos orientados a fazer algo bastante diferente: proclamar o evangelho a toda criatura, bem como orar pela salvação das pessoas. Deus convocou os israelitas para anunciar notícias ruins e para destruir Jericó, mas Ele chamou o cristão para anunciar boas novas e para buscar e salvar o perdido.

Não há nada de errado *per se* em caminhar ao redor da cidade orando por isso. Isto certamente é louvável. Mas quando isto custa milhares de reais, em alguns casos e o evangelismo não é feito, começamos a nos perguntar sobre a prudência de tal empreendimento. Certamente podemos e devemos orar pelo perdido, mas não há indicação nas Escrituras de que a proximidade geográfica torna a oração mais eficaz, embora possa ajudar na concentração na oração. Pode ser melhor ficar em casa e orar, se não evangelizarmos e usarmos nosso dinheiro para equipar alguém que esteja no local de evangelização. Qualquer que seja o caso, o evangelismo deveria estar misturado com a oração.

6.22-25 Deus ordenou que os israelitas consagassem todos os espólios desta guerra a Ele (v. 17). Uma vez que Ele entregou Jericó nas mãos deles como os primeiros frutos da terra, eles tinham de dar a Ele os primeiros frutos da conquista. Os primeiros frutos sempre pertenceram ao SENHOR de Israel. Eles deveriam dar a Ele os primeiros frutos, não as sobras. O mesmo deve fazer o cristão hoje.

Raabe, seus parentes e suas posses eram exceções e foram poupados da morte e da apropriação, pois ela ajudou os espias. Os israelitas deveriam queimar as cidades “condenadas” (hb. *herem*, v. 17, ARA; cf. Dt 20.16-18) e matar seus habitantes incluindo todos os animais (Lv 27.29). Os únicos objetos que deveriam ser poupados eram os metais: prata, ouro e artigos

---

<sup>173</sup> Ibid., pág. 176.

de bronze e de ferro. Estes deveriam ser colocados na “casa do SENHOR” (i.e., o tabernáculo, v. 19; Nm 31.54).

Os israelitas destruíram *completamente* apenas três cidades cananitas a oeste do Jordão, juntamente com suas populações inteira: Jericó, Ai e Hazor. Eles conquistaram muitas outras, mas mataram apenas alguns de seus habitantes.<sup>174</sup> Mais cedo eles tinham entregado Hormá (Nm 21.3), Hesbom (Dt 3.1-2) e as cidades de Ogue (Dt 3.3) à completa destruição. Estas cidades ficavam a oeste do Rio Jordão.

“Josué é possivelmente é mais conhecido como um livro de guerra. Israel estava em guerra contra os cananeus, mas por trás destes soldados humanos Deus estava em guerra contra o pecado. Mais cedo na história de Israel Deus foi comparado com um guerreiro (Ex 14.14; 15.3; Dt 1.30; 3.22; 20.4). Mas agora Israel experimentava Sua liderança em guerra como nunca antes. Deus está constantemente em guerra com o pecado porque ele é uma afronta à Sua santidade e porque ele destrói as pessoas a quem Ele ama e deseja abençoar (cf. Rm 6.23)”.<sup>175</sup>

6.26-27 A maldição sobre qualquer pessoa que reconstruir Jericó (v. 26) teria desencorajado qualquer pessoa de fortificar novamente esta cidade, que era a epítome da segurança cananita.<sup>176</sup> Deus quis que Seu povo confiasse nEle para a sua segurança e não primariamente em suas defesas físicas (cf. 11.6).

Os israelitas podem ter reconstruído e habitado em Jericó novamente durante o período dos juízes (18.21; Jz 1.16; 3.13; 2 Sm 10.5), mas eles podem não a ter fortificado até muito tempo depois. Deus executou a maldição proferida por Josué em Hiel quando ele reconstruiu as

<sup>174</sup> Merrill, *Kingdom of...*, pág. 110. Um grande livro acerca do assunto da aniquilação completa promovida por Israel aos cananeus é Peter C. Craigie, *The Problem of War in the Old Testament*. Veja também J. Andrew Dearman, “The Problem of War in the Old Testament: War, Peace, and Justice”, *Austin Seminary Bulletin* (Outubro 1983):5-14; e Ronald Goetz, “Joshua, Calvin, and Genocide” *Theology Today* 32 (Outubro 1975):263-274.

<sup>175</sup> Constable págs. 104-105. Para uma perspectiva acerca do estilo de vida depravado dos cananeus, veja Charles Pfeiffer, *Ras Shamra and the Bible*, Peter C. Craigie, “The Tablets from Ugarit and Their Importance for Biblical Studies”, *Biblical Archaeological Review* (Setembro-Outubro 1983):62-72.

<sup>176</sup> Cf. Hubbard, pág. 195.

fortificações de Jericó durante o reino do rei Acabe de Israel (1 Rs 16.34). Outra explicação poderia ser que foram os cananeus que reconstruíram Jericó primeiro, mas Hiel foi o primeiro israelita a fazê-lo.

“O homem constrói para a sua posteridade, mas aquele que constrói Jericó não terá posteridade para desfrutar aquilo que construir”.<sup>177</sup>

A vitória milagrosa sobre Jericó trouxe grande honra para Josué como líder de Israel (v. 27).

“Nada é capaz de aumentar mais a reputação de um homem, nem fazer com que ele pareça verdadeiramente grande, do que ter evidências da presença de Deus com ele”.<sup>178</sup>

“Em uma carta para seu amigo missionário Reverendo Daniel Edwards, o piedoso pregador escocês Robert Murray McCheyne escreveu: ‘Lembre-se que você é espada de Deus – instrumento dEle – e confio em você como um vaso para levar o Seu nome. Em grande medida, de acordo com a pureza e as perfeições do instrumento, será o sucesso. Não são os grandes talentos que Deus abençoa, mas a grande semelhança com Jesus. Um ministério santo e uma arma terrível na mão de Deus’”.<sup>179</sup>

Keil e Delitzsch explicou o motivo para a derrota milagrosa de Jericó da seguinte forma:

“...Jericó não era somente a primeira, mas a mais forte cidade de Canaã e, como tal, era a chave para a conquista de toda a terra, a posse que abriria o caminho para o todo, e dar o todo nas mãos deles [os israelitas]. O SENHOR daria ao Seu povo a primeira e mais forte cidade de Canaã, como os primeiros frutos da terra, sem qualquer esforço por parte dos israelitas, como um sinal de que Ele estava prestes a dar a eles toda a terra como posse, de acordo com a Sua promessa; para que eles não considerassem a

<sup>177</sup> Henry, pág. 219.

<sup>178</sup> Idem, *An Exposition of the Old and New Testament*, pág. 34.

<sup>179</sup> Wiersbe, pág. 41. Ele cita Andrew A. Bonar, *Memoir and Remains of Robert Murray McCheyne*, pág. 282.

conquista como obra de suas mãos, ou o fruto de seus próprios feitos, e olhassem para a terra como uma posse bem merecida com a qual poderiam fazer o que quisessem, mas para que eles a utilizassem como um presente gracioso do SENHOR, que Ele havia meramente conferido a eles como um presente, que ele poderia tirar deles novamente, sempre que se afastassem dEle e se tornassem indignos da Sua graça. Este desígnio da parte de Deus de necessidade se torna muito óbvio no caso de uma cidade tão fortemente segura como Jericó, cujas muralhas pareciam invencíveis para um povo que cresceu no deserto e que não tinha experiência na arte de sitiar ou de invadir lugares fortificados e que, de fato, necessariamente permaneceria invencível, em todos os eventos durante muito tempo, não fosse a interposição de Deus”.<sup>180</sup>

Todos os aspectos da batalha de Jericó fortaleceram a fé de Israel em Yahweh. O povo de Deus aprendeu aqui, por experiência pessoal, sobre a Sua força e Sua capacidade de superar todos os obstáculos deles. Agora eles estavam agindo em fé, obedecendo a Sua Palavra e confiando no resultado que Ele prometeu. No dia em que Jericó caiu, Israel atingiu um “marco elevado” em sua história espiritual. O cristão deve aprender as mesmas lições deste registro, bem como das vitórias espirituais que Deus deu a cada um de nós. Israel também se tornou uma nação entre nações, no Oriente Próximo antigo, com esta vitória.<sup>181</sup>

“Este capítulo memorável estabelece de forma gráfica os princípios pelos quais a fé opera, guerreia, espera e vence. A primeira regra de ação da fé é avaliar a vontade e a palavra de Deus. A segunda regra de ação da fé é obedecer esta vontade e a esta palavra implicitamente. A regra de ação final da fé é contar com esta palavra, e considerar a coisa como feita, dando glória a Deus em antecipação – como os israelitas deram seu grito de vitória antes que as muralhas de Jericó caíssem. Portanto, os princípios de ação da fé ultrapassam os da razão natural”.<sup>182</sup>

A. C. Gaebelein acreditava que havia mais “prenúncios típicos” no Livro de Josué do que

---

<sup>180</sup> Keil e Delitzsch, pág. 68.

<sup>181</sup> Veja Eugene H. Merrill, “The Late Bronze/Early Iron Age Transition and the Emergence of Israel”, *Bibliotheca Sacra* 152:606 (Abril-Junho 1995):145-162; e idem, “The Conquest of Jericho: A Narrative Paradigm for Theocratic Policy?” *Bibliotheca Sacra* 169:675 (Julho-Setembro 2012):304-316.

<sup>182</sup> Baxter, 1:260.

em qualquer outro livro histórico do Antigo Testamento.<sup>183</sup>

## **2. A derrota em Ai cap. 7**

Em Jericó, Israelitas aprendeu sobre a força de Deus. Em Ai, eles aprenderam sobre a própria fraqueza deles. Israel só poderia vencer seus inimigos enquanto permanecesse fiel à aliança de Deus.

“Jamais estamos num perigo tão grande quanto logo depois de uma grande vitória”.<sup>184</sup>

“A estreita rota que passa por Ai [leste-oeste]... faz dela uma *primeira linha de defesa* natural para a região montanhosa aos arredores de Betel. Portanto, taticamente falando, a importância estratégica da região e das rotas ao redor de Betel... e o caminho oriental natural de Betel a Jericó via Ai explicam a escolha de Josué desta região e deste lugar como seu primeiro objetivo na região montanhosa. Este fato básico não pode ser ignorado em qualquer discussão a respeito da identificação e localização de Ai.

Na Bíblia, o lugar de Ai (*Ha Ai* em hebraico significa *a ruína* ou *o monte de pedras*) está ligado a Betel. A ruína mais proeminente em toda a região oriental do Plateau de Betel é chamada em árabe de *et-Tell*... na junção das duas principais rotas naturais de Jericó para a região montanhosa... O local de et-Tell não tem semelhantes na região, tanto em termos de importância estratégica quanto em termos de detritos de superfície, que indicam uma cidade antiga.

Escavações em Et-Tell revelaram uma grande cidade do Princípio da Era de Bronze [3150-2200 a.C.] no milênio anterior à conquista de Josué. Uma pequena vila posterior à conquista de Josué (posterior às datas mais próximas ou distantes da conquista) não fornece a resposta para a pergunta da falta de restos em et-Tell. Portanto, embora o cenário de et-Tell se encaixe perfeitamente nas informações geográficas detalhadas em Josué 8 e 9, existe um problema arqueológico devido à falta de vestígios do período de Josué no local”.<sup>185</sup>

<sup>183</sup> Arno C. Gaebelin, *The Annotated Bible*, 1:2:5.

<sup>184</sup> Jacobsen, pág. 62. Cf. Meyer, pág. 86; Palau, pág. 107.

<sup>185</sup> Monson, págs. 168-169. Cf. Finegan, págs. 159-160; Rea, pág. 214. Para uma revisão de escavações na busca por Ai e o problema

Um estudioso defendeu que et-Tell seria a Ai dos dias de Abraão, el-Maqatir seria a Ai dos dias de Josué e ainda outro lugar seria a Ai dos dias de Neemias (Ed 2.28; Ne 7.32). El-Maqatir fica a quase um quilômetro a oeste de et-Tell.<sup>186</sup>

7.1 “Mas” introduz de maneira muito significativa este capítulo. O capítulo 6 é um registro de uma vitória sobrenatural, mas o capítulo 7 descreve uma grande derrota.

Muito embora Acã fosse o indivíduo que pecou e muito embora o pecado dele tenha sido privado, Deus considerou aquilo que ele fez como a ação de uma nação inteira (“os israelitas foram infiéis”, NVI). Este foi o caso pois ele era um membro da comunidade de Israel e suas ações afetaram o restante dos israelitas. A palavra hebraica traduzida por “infiéis” (*maal*) significa “traioeiramente” ou “secretamente”.

Acã não pegou simplesmente algumas coisas que não pertenciam a ele. Isso já seria errado em si mesmo. Mas ele roubou aquilo que era “consagrado... para destruição” e ele roubou a nação toda de sua inocência perante Deus. A ira do SENHOR queimando contra Israel caiu sobre Acã e literalmente a consumiu (v. 25; cf. Hb 12.29).

7.2-5 Os espias que patrulharam Ai basearam seu conselho nos números destes cananitas particulares versus os israelitas (“eles são tão poucos”, v. 3).

“A leste de Ai... uma rota desce para o leste até a passagem de Wadi Makkuk. Essa passagem proporciona a última travessia antes que o Wadi se aprofunde em um grande cânion e obstáculo. Dali em diante, o leito unificado do riacho do Wadi corta um caminho tortuoso através do calcário elevado, resultando em escarpas rochosas de até 220 metros ou 660 pés antes de continuar para o leste através do deserto áspero. A diferença entre esta região acidentada e a passagem a oeste é muito dramática. Isso

---

de falta de evidência arqueológica para a existência de Ai em et-Tell nos dias de Josué, veja Ziony Zevit, “The Problem of Ai”, *Biblical Archaeological Review* 11:2 (Março-Abril 1985):58-69. Veja também Archer, “Old Testament...”, pág. 111.

<sup>186</sup> Peter Briggs, “Testing the Factuality of the Conquest of Ai Narrative in the Book of Joshua”, uma dissertação apresentada no encontro anual da Evangelical Theological Society, Colorado Springs, 15 de novembro de 2001.

pode refletir o que o escritor bíblico afirma em Josué 7.5, quando diz que os defensores da região montanhosa perseguiram os israelitas até a área quebrada (*shebarim*), atacando-os ao longo da descida [do desfiladeiro]. (Se este primeiro ataque veio da rota sudeste de Ai, a palavra *shebarim* pode apontar para o mesmo tipo de terreno acidentado, mas *descida* seria uma referência ao declive íngreme do lado leste do calcário elevado onde esta rota para Jericó vira para o leste)".<sup>187</sup>

Os espias em Números 13 e 14 careciam de fé em Deus, pois eles não creram que os israelitas eram fortes o suficiente para derrotar seus inimigos. Eles falharam em estimar a ajuda de Deus. Os espias em Josué 7 careciam de fé em Deus, pois eles acreditavam que os israelitas eram fortes o suficiente em si mesmos para derrotar seus inimigos. Eles desconsideraram a necessidade que tinham da ajuda de Deus. O fato de que “o coração do povo se derreteu e se tornou como água” (v. 5, ARA), indica fortemente que Israel pode ter confiado em sua própria força ao invés de confiar no SENHOR.

“É estranho, de fato, que a descrição que originalmente foi usada para os cananeus prestes a serem derrotados agora descreve o coração dos israelitas... [cf. 2.11]”.<sup>188</sup>

“Muitos cristãos, em sua primeira experiência de vitória contra o pecado, cometem o mesmo erro. O cristão provavelmente se orgulhará em si mesmo achará que ele mesmo obteve a vitória. Esta atitude é desastrosa. Não importa a frequência tenhamos vencido a tentação, ainda é verdade que em nossa carne não habita bem algum. Uma vitória que obtivemos ontem não garante contra a derrota de hoje. Devemos prosseguir confiando no SENHOR momento a momento para vencer as batalhas por nós”.<sup>189</sup>

“Quando nos recusamos a investir tempo suficiente com

---

<sup>187</sup> Monson, pág. 168.

<sup>188</sup> Davis, pág. 54.

<sup>189</sup> Jacobsen, pág. 64.



Deus para conhecer a Sua vontade e Sua Palavra para a obra que devemos fazer por Ele, também sofremos derrotas vergonhosas”.<sup>190</sup>

7.6-9 A reclamação em forma de lamento de Josué (vv. 7-9) soa como uma murmuração de Israel no deserto (cf. Ex 16.3; Nm 14.2-3; et al.). Até mesmo Josué perdeu a perspectiva divina e sua coragem – temporariamente – (“nos cercarão e apagarão o nosso nome da face da terra”, v. 9).

“Esta atitude também é típica demais do cristão, independentemente da idade. Quando fracassa, ele questiona imediatamente a fidelidade de Deus ao invés da sua própria lealdade e obediência. Ele é tentado a abandonar a fé em Deus exatamente quando mais precisa dela”.<sup>191</sup>

Entretanto, Josué também tinha uma preocupação pela honra contínua a Yahweh (“E então, o que será da honra do Teu grande nome?”, v. 9; cf. Ex 32.11-12; Nm 14.13; Dt 9.28). Assim como Moisés, Josué desejou acima de tudo que Deus recebesse a glória. Infelizmente, ele ainda não possuía a estabilidade e a objetividade que caracterizou Moisés anos depois, pois ele ainda não tinha caminhado com Deus tão de perto como Moisés o fez.

“Josué caiu com o rosto em terra antes, quando ele confrontou o mensageiro divino (5.14). Isto ocorreu em humildade de adoração. Este ocorreu em humildade de derrota e vergonha”.<sup>192</sup>

7.10-15 Deus lembrou Josué que ele não deveria olhar para Deus procurando pelo motivo da derrota de Israel – mas para a própria Israel! A nação precisava se arrepender; Josué não precisava orar (“Levante-se! Por que você está prostrado com o rosto no chão?”, v. 10). A oração não é um substituto para o arrependimento quando o arrependimento é necessário.

“...se Josué tivesse apenas se prostrado em meio aos

---

<sup>190</sup> Palau, pág. 108.

<sup>191</sup> Jacobsen, pág. 64.

<sup>192</sup> Butler, pág. 84.

clamores de vitória sobre Jericó, não haveria necessidade dele se prostrar em meio ao clamor de um exército em pânico!”<sup>193</sup>

“As primeiras três orações [no v. 11] descrevem o pecado em sua relação com Deus, como uma ofensa séria; as três seguintes de acordo com o seu verdadeiro caráter, como um crime grande, obstinado e imprudente”.<sup>194</sup>

“Nunca subestime o montante de estrago que uma única pessoa fora da vontade de Deus é capaz de produzir”.<sup>195</sup>

Israel recorria ao lançar de sortes sempre que não havia testemunha ocular que pudesse testemunhar contra um crime (cf. 1 Sm 14.41-42; Jn 1.7; Pv 18.18). É provável que o sumo sacerdote tenha usado o Urim e o Tumim para identificar Acã (cf. Nm 27.21).

“Deus poderia ter dito a ele [Josué] quem foi a pessoa que cometeu o crime, mas Ele não o fez, (1) para exercitar o zelo de Josué e de Israel na busca pelo criminoso. (2) Para dar ao próprio pecador espaço para arrependimento e confissão. Mas Acã nunca se revelou até que a sorte caiu sobre ele [e] evidenciou a dureza do seu coração e, portanto, não encontrou misericórdia”.<sup>196</sup>

O queimar do corpo do criminoso, depois que ele era apedrejado era uma forma de salientar a perversidade do crime dele (Lv 20.14; cf. Dt 13.15-16). Era algo vergonhoso roubar algo que pertencia a Deus (v. 15).

#### 7.16-26

Muito embora o pecado de Acã trouxesse uma punição que ele seria incapaz de diminuir ou postergar, Acã poderia, pelo menos, reduzir sua culpa confessando o seu pecado. Isso ele fez em resposta ao pedido paternal de Josué (v. 19). Confessar o pecado é uma forma da pessoa glorificar a Deus, pois ao concordar com Deus de que o que ela fez foi

<sup>193</sup> Meyer, pág. 89.

<sup>194</sup> Keil e Delitzsch, pág. 79.

<sup>195</sup> Wiersbe, pág. 49.

<sup>196</sup> Henry, *Commentary on...*, pág. 221.

errado, reconhecemos que Deus estava certo.

A confissão de Acã revelou o processo envolvido no ceder à tentação (“vi... os desejei... os tomei... estão escondidos”, v. 21). Ele primeiro permitiu que a visão de algo atraente se tornasse cobiça. A seguir, ele deu o passo na direção de tornar o pecado mental em pecado físico. Por fim, ele procurou encobrir sua ação, ao invés de confessá-la. A mesma progressão aparece no relato da Queda e na história do pecado de Davi com Bate-Seba (Gn 3.6-7, 10; 2 Sm 11.2-4, 8).

Conforme diz o texto, os pesos da prata e do ouro eram dois quilos e meio e pouco mais de meio quilo respectivamente. Josefo escreveu que a capa da Babilônia que Acã pegou era “uma capa real permeada de ouro”.<sup>197</sup>

“Quando ele [Acã] disse: ‘pequei’, ele se juntou a outros sete homens nas Escrituras que fizeram a mesma confissão, alguns mais de uma vez e, de alguma forma, sem sinceridade: faraó (Ex 9.27; 10.16), Balaão (Nm 22.34), rei Saul (1 Sm 15.24, 30; 26.21), Davi (2 Sm 12.13; 24.10, 17; Sl 51.4), Simei (2 Sm 19.20), Judas (Mt 27.4) e o filho pródigo (Lc 15.18, 21)”.

Obviamente, os israelitas executaram os filhos de Acã com ele (v. 24) pois eles participaram no pecado do pai (cf. Dt 24.16; Pv 15.27).<sup>198</sup> Teria sido virtualmente impossível para Acã esconder o montante de espólios do que ele pegou em sua tenda sem que sua família soubesse. O povo também destruiu todos os animais e posses de Acã (cf. Dt 13.16-17). O pecado de Acã foi uma grande rebeldia contra Deus por roubar de Deus (cf. Nm 15.30, 35).

“Ao roubar objetos consagrados, se colocou numa posição de consagração, i.e., sob ameaça de destruição. Aquele que toca *herem* se torna *herem* e, conseqüentemente, dedicado à morte (cf. 1 Rs 20.42)”.<sup>199</sup>

<sup>197</sup> Josefo, 5:1:10.

<sup>198</sup> Woudstra, pág. 130.

<sup>199</sup> Rea, pág. 214.

A grande pilha de pedras que o povo levantou sobre Acã, sua família e seus bens (v. 26), lembrou este ato de rebeldia para os israelitas e para seus filhos (cf. 8.29; 2 Sm 18.17). O povo deu o nome do vale no qual a execução ocorreu de “Acor” (lit. “Desastre”), como mais um lembrete (cf. Os 2.15; Is 65.10). Observe o jogo de palavras de Acor com o nome de Acã.

“Enquanto [os israelitas] aprenderam, a partir das misericórdias de Deus, quão grandemente Ele deveria ser amado, eles também precisavam aprender a partir dos Seus juízos, quão grandemente Ele deveria ser temido”.<sup>200</sup>

A derrota de Israel em Ai ilustra graficamente o impacto extremamente abrangente do pecado. O pecado privado de alguém ou de algumas poucas pessoas é capaz de afetar o bem-estar de muitas outras pessoas que não cometeram pessoalmente aquele pecado. Três foram os motivos reais para a derrota de Israel: (1) os israelitas foram autossuficientes porque Ai era muito pequena, (2) eles falharam em esperar em Deus, e (3) eles cometeram uma transgressão nas coisas consagradas ao SENHOR.

Acã e sua família foram, para Israel naquele momento, o que Ananias e Safira foram para a igreja primitiva (At 5). Eles foram uma forte advertência acerca das consequências do pecado entre o povo de Deus. Nadabe e Abiú (Lv 10) e Corá e seu grupo (Nm 16), foram exemplos similares. O fato de que Deus não julga o pecado hoje exatamente como fez naquelas ocasiões não significa que Ele tem um sentimento diferente quanto a isso. O pecado ainda produz a mesma destruição e morte eventualmente.

“As primeiras vinganças de Deus são muito mais temerosas, pois elas precisam ser exemplares”.<sup>201</sup>

A punição de Deus a Acã não foi injusta. É apenas pela misericórdia de Deus que qualquer pecador vive até ficar idoso. Deus pode julgar qualquer pecado em qualquer momento na vida desta pessoa e ainda ser perfeitamente justo. Nenhum pecador tem direito à graça de Deus. Ele não deve nada ao homem e não deve explicações acerca de como Ele julga.

“Quando lemos o cap. vii, a história da primeira batalha e da primeira derrota de Israel, podemos ver que duas foram as causas da derrota:

---

<sup>200</sup> Bush, pág. 85.

<sup>201</sup> J. Hall, *Contemplations on the Old and New Testaments*, pág. 99.

*autoconfiança e ganância; e estas ainda são as causas primárias do fracasso na vida cristã hoje”.*<sup>202</sup>

Charles Swindoll extraiu quatro lições desde capítulo 7: (1) Derrotas surpreendentes normalmente podem ser atribuídas a pecados secretos. (2) Pecados muito privados podem levar a consequências públicas. (3) As mentiras da tentação podem nos cegar para a realidade e nos ensurdecer para as consequências. (4) Atos de desobediência grave exigem respostas disciplinares severas.<sup>203</sup>

Os capítulos 1-7 formam uma unidade de texto: a narrativa do cerco a Jericó. Raabe e Acã iniciam e terminam esta seção, respectivamente. Raabe era uma prostituta cananita; Acã era um israelita. Raabe escondeu os espões sob seu teto; Acã escolheu os espólios debaixo de sua tenda. Raabe, sua casa e sua família foram salvos. Acã, sua tenda e sua família foram destruídos. O escritor estava ensinando teologia através da forma como construiu a narrativa.<sup>204</sup>

### **3. A vitória em Ai 8.1-29**

Quando o povo lidou com o pecado de Acã conforme Deus ordenou, Israel estava pronta a lutar novamente contra o inimigo.

“...o caso de Ai oferece um exemplo notável do governo disciplinar de Deus, no qual o castigo pelo pecado normalmente ocorre para pavimentar o caminho para a concessão daqueles benefícios temporais, que, no caso do pecado, foram retirados ou retidos por um tempo”.<sup>205</sup>

“Henry... Ford definiu um erro como ‘uma oportunidade para começar de novo, de forma mais inteligente’”.<sup>206</sup>

8.1-2      À luz da recente derrota de Israel, as palavras encorajadoras de Deus eram necessárias para fortalecer a resolução de Josué (cf. 1.9). Deus prometeu dar a vitória, mas Ele especificou a estratégia. Desta vez os israelitas poderiam ficar com os despojos para si. Se Acã tivesse simplesmente

<sup>202</sup> W. Graham Scroggie, *The Land and Life of Rest*, pág. 38.

<sup>203</sup> Charles R. Swindoll, *The Swindoll Study Bible*, pág. 267.

<sup>204</sup> J. Daniel Hays, “An Evangelical Approach to Old Testament Narrative Criticism”, *Bibliotheca Sacra* 166:661 (Janeiro-Março 2009):12.

<sup>205</sup> Jamieson, et al., pág. 173.

<sup>206</sup> Wiersbe, pág. 54.

esperado, ele poderia ter ficado com todo o despojo que quisesse.

8.3-13 Dos 40.000 soldados, Josué escolheu 30.000 para esta batalha. Destes, ele enviou 5.000 para se esconderem numa emboscada na noite antes do ataque, a oeste da cidade de Ai. Os 25.000 restantes (o dobro da população Ai, v. 25) se aproximaram de Ai pelo norte.

8.14-23 Obviamente, todos os guerreiros de Betel, vizinha de Ai, se juntaram a todos os soldados de Ai, para repelir o ataque de Israel (v. 17). Aparentemente, estas duas cidades haviam feito um tratado de defesa mútua, ou pelo menos tinham concordado em ajudar uma a outra nesta ocasião.

“Uma vez que a emboscada israelita foi posicionada entre Betel e Ai, eles [os homens de Betel] podem ter se sentido ameaçados pelos israelitas. Ou é possível que Ai fosse um pequeno posto avançado para a cidade maior de Betel (7.3) e um ataque em Ai fosse compreendido como um ataque a Betel. O texto não registra a derrota de Betel, embora o seu rei esteja arrolado entre aqueles conquistados por Josué (12.16). É possível que na derrota de Ai, Betel também tenha sido derrotada e nenhuma referência adicional fosse necessária”.<sup>207</sup>

Apontar a espada era o sinal combinado de Josué para que seus homens atacassem a cidade (v. 18). Ele também simbolizava, tal como o cajado erguido de Moisés, que a vitória veio do SENHOR (cf. Ex 14.16; 17.8-12).

“A arma utilizada por Josué para dar o sinal era a cimitarra (*kidon*), a grande lâmina refletia mais facilmente o brilho do sol para os trinta mil homens escondidos para a emboscada”.<sup>208</sup>

8.24-29 Josué obedeceu cuidadosamente toda orientação do SENHOR, tanto o que foi dado a ele aqui e aquilo que foi estipulado pela Lei. Ele matou todos os

<sup>207</sup> *The Nelson...*, pág. 367.

<sup>208</sup> Rea, pág. 215.

habitantes da cidade, destruiu e incendiou completamente a Ai (exceto pelos espólios de guerra) e matou o seu rei – cujo corpo ele também pendurou numa árvore até o pôr do sol (Nm 25.4; Dt 21.22-23). Além disso, ele levantou uma grande pilha de pedras como um monumento no antigo portão da cidade (cf. 7.26).

“A palavra hebraica (*tel*) para *pilha* [de pedras] aparece apenas em algumas poucas passagens na Bíblia (8.28; Dt 13.16; Js 11.13; Jr 30.18; 49.2), e em tais passagens a palavra hebraica dá nome para alguns lugares na Bíblia como Tel Melá e Tel-Harsa (Ed 2.59) ou Tel-Abibe (Ez 3.15). A palavra árabe equivalente *tell* é utilizada hoje como parte de nome em muitas cidades em Israel”.<sup>209</sup>

Esta seção, em contraste com a anterior, mostra que Deus concede a vitória quando o Seu povo reconhece sua dependência dEle – confiando nEle e obedecendo à Sua Palavra.

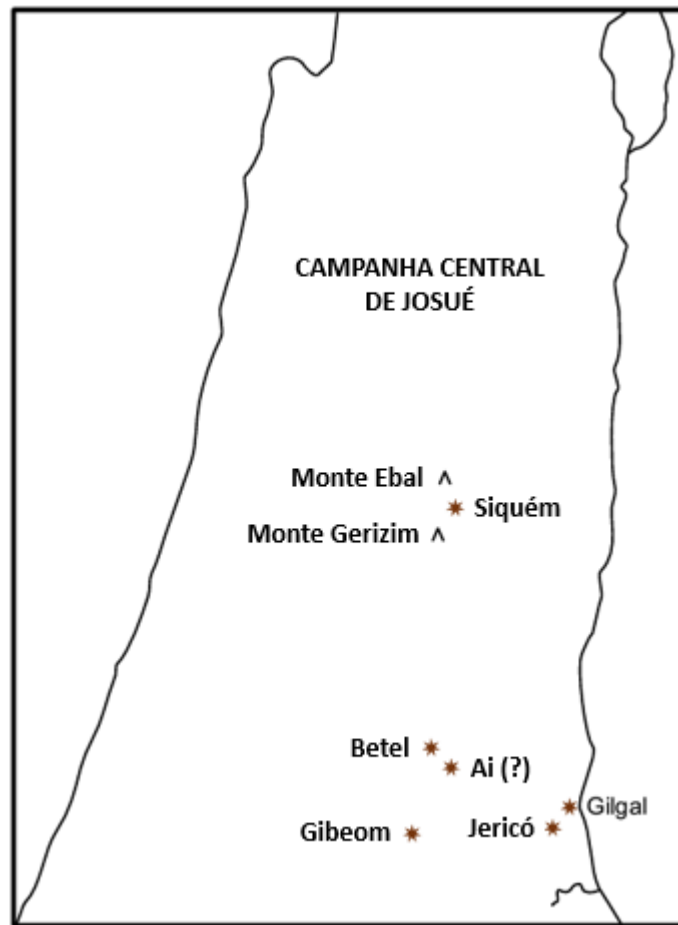
“É interessante observar novamente que esta primeira vitória na Região Montanhosa ocorreu na região de Ai e Betel, exatamente onde algumas das promessas mais significativas foram dadas a Abraão e a Jacó, centenas de anos antes (... Gn 13; 28.10-22). Além da natureza estratégica da região, estas primeiras promessas podem ter tido influência na decisão de Josué de iniciar sua campanha precisamente nesta região. A atitude corajosa de Josué em direção a esta Região Montanhosa pode ter sido exatamente o que era necessário para unificar os cananitas na região de Betel. Até este ponto, parece que eles estavam desorganizados em relação à ameaça israelita (Js 5.1). Que melhor lugar do que aqui na entrada da região estratégica de Betel e do Planalto Central de Benjamim?”.<sup>210</sup>

Certo escritor observou similaridades entre Josué 7.1-8.29 e Deuteronômio 1.19-3.11; 9.7-10.11; Juízes 10.6-11.33; e 20.1-48. Ele concluiu que o escritor bíblico usou motivos e terminologias semelhantes nestas passagens para impressionar seus leitores por meio da repetição, com três lições principais: Primeira, a ocupação da Terra Prometida por Israel não era uma coisa certa, mas dependia inteiramente de sua obediência a Deus. Segunda, a derrota na terra precisa ser definitiva e irreversível. Terceira, para recuperar a terra, o

<sup>209</sup> *The Nelson...*, pág.368.

<sup>210</sup> Monson, pág. 170.

povo tinha de lidar com (administrar justiça) os culpados (transgressores da lei) em Israel e tinham de voltar a obedecer ao SENHOR.



#### **4. A renovação da aliança 8.30-35**

Israel agora tinha obtido uma base substancial e suficiente na terra para viajar para o norte até Siquém, a fim de cumprir as instruções de Deus para a renovação da Aliança Mosaica na terra (Dt 27). Siquém ficava a cerca de 48 quilômetros ao norte de Ai. Ali era um lugar significativo pois foi ali que Deus disse, pela primeira vez a Abraão que Ele lhe daria a terra de Canaã (Gn 12.7). Mais tarde, Jacó enterrou seus ídolos neste mesmo lugar (Gn 35.2). Além disso, Siquém sempre foi uma região muito movimentada, por conta da sua localização de estradas que se cruzavam no norte da Palestina. Embora não mencionado no texto, é possível que os israelitas tenham conquistado a região ao redor de Siquém algum momento entre a vitória sobre Ai e esta renovação da aliança.<sup>211</sup>

“A história de edificar um altar no Monte Ebal e da leitura solene das

<sup>211</sup> Leon Wood, pág. 178.



bênçãos e maldições da aliança naquele local é estrategicamente importante para a compreensão da mensagem do Livro de Josué. ...Num simbolismo inequivocamente claro, o leitor é informado que o direito de posse da terra prometida está ligado à proclamação das, e a submissão às, reivindicações da aliança de Deus sobre o Seu povo (e sobre o mundo)".<sup>212</sup>

O Monte Ebal e a montanha norte de duas montanhas com uma elevação de cerca de 1000 metros, e o Monte Gerizim fica ao sul com cerca de 960 metros. Do topo do Monte Ebal, os israelitas eram capazes de ver quase toda a Terra Prometida. A ordem dos eventos registradas pelo escritor aqui varia ligeiramente, da ordem dada por Moisés em Deuteronômio. A ordem aqui provavelmente representa o que realmente aconteceu. Esta cerimônia estabeleceu Yahweh como "o Deus de Israel" (v. 30) – diante dos cananitas bem como dos israelitas. Era como a "Declaração da Dependência". O povo ofereceu holocaustos e ofertas pacíficas antes no Monte Sinai, quando Deus deu a Lei pela primeira vez para Israel. O oferecer de sacrifícios aqui lembra de um incidente anterior e mostra que esta cerimônia constituía uma renovação da aliança.<sup>213</sup>

"O método de rebocar pedras e então escrever nelas veio originalmente do Egito; conseqüentemente, as letras foram provavelmente pintadas de vermelho. Sendo assim, podemos imaginar grandes monólitos caiados de branco com caracteres hebraicos vermelhos que soletram os Dez Mandamentos e, possivelmente, também as bênçãos e maldições da Lei (cf. Deuteronômio 28). Esta estrutura foi a primeira exibição pública da Lei".<sup>214</sup>

"Isto tornou palpável até para os estrangeiros que entravam na terra qual era o Deus ali adorado e toda a desculpa para o erro era eliminada".<sup>215</sup>

"A religião de Israel, em sua melhor forma, sempre foi uma religião missionária".<sup>216</sup>

<sup>212</sup> Woudstra, pág. 144.

<sup>213</sup> Veja Adam Zertal, "Has Joshua's Altar Been Found on Mt. Ebal?", *Biblical Archaeological Review* 11:1 (Janeiro-Fevereiro 1985):26-42; Aharon Kempinski, "Joshua's Altar—An Iron Age I Watchtower", *Biblical Archaeological Review* 12:1 (Janeiro-Fevereiro 1986):42, 44-49; Adam Zertal, "How Can Kempinski Be So Wrong!", *Biblical Archaeological Review* 12:1 (Janeiro-Fevereiro 1986):43, 49-53; Hershel Shanks, "Two Early Israelite Cult Sites Now Questioned", *Biblical Archaeological Review* 14:1 (Janeiro-Fevereiro 1988):48-52; e Milt Machlin, "Joshua and the Archaeologist", *Reader's Digest* 137:821 (Setembro 1990):135-140.

<sup>214</sup> Hughes, pág. 101. Veja também, 2:204-206.

<sup>215</sup> João Calvino, *Commentaries on the Book of Joshua*, pág. 133.

<sup>216</sup> Madvig, pág. 294.

O tamanho das passagens da Lei Mosaica, que o povo copiou nas pedras não está claro com a passagem. Deuteronômio 27 parece sugerir apenas os Dez Mandamentos. Além disso, “as bênçãos e maldições” (v. 34) pode ser um sinônimo para “cada palavra da ordem de Moisés” (i.e., os Dez Mandamentos), ao invés de ser uma referência às bênçãos e maldições específicas alistadas e recitadas aqui (Dt 28). Entretanto, outra possibilidade é que “as bênçãos e maldições” pode ser uma referência a Deuteronômio 28.<sup>217</sup> Alguns estudiosos acreditam até que os israelitas escreveram o livro inteiro de Deuteronômio nas pedras.<sup>218</sup> Isto é possível, uma vez que a Inscrição de Beistum, que é três vezes o tamanho de Deuteronômio, também foi escrita num monólito.<sup>219</sup>

Esta cerimônia confrontou todos os israelitas – homens, mulheres e crianças – com as exigências do Deus de aliança dele no momento em que iniciavam esta nova fase de sua história nacional. A resposta obediente à vontade de Deus conforme expressada em Sua Lei garantiria descanso, prosperidade e felicidades futuras na terra.

É importante para o povo de Deus declarar sua lealdade à Sua vontade revelada, publicamente, entre os incrédulos com quem ele vive (cf. At 1.8). Isso ajuda o incrédulo a compreender porque o cristão vive como vive, além de glorificar a Deus – quando o Seu povo, então, vive uma vida justa e demonstra Seu poder sobrenatural (cf. Mt 5.16). Uma aliança de casamento declara o compromisso de um cônjuge com o outro, publicamente, e cada aliança aponta para a orientação e provisão de Deus. O batismo e a Ceia do Senhor são memoriais para o cristão.

## **5. O acordo com os gibeonitas cap. 9**

Os residentes da cidade de Gibeom decidiram que, se não eram capazes de derrotar os israelitas, eles se juntariam aos israelitas. Esta tem sido uma estratégia que os inimigos do povo de Deus têm empregado ao longo dos séculos (cf. Nm 25.1-2).

9.1-2 O que vem antes de “do que havia acontecido”, no versículo 1, é provavelmente uma referência à derrota de Jericó, Ai e Betel, ao invés da renovação da aliança em Siquém. O sucesso militar inicial de Israel levou vários reis cananitas a se aliarem contra o povo de Deus. Enquanto esta aliança era formada, os gibeonitas iniciaram uma estratégia diferente. Até em Josué, Israel havia escolhido seus alvos militares, mas agora os inimigos de Israel tomaram a iniciativa.

<sup>217</sup> Cf. Jamieson, et al., págs. 160, 174.

<sup>218</sup> P. ex.: Merrill, “Joshua”, pág. 169.

<sup>219</sup> Rea, pág. 216.

“Os próximos capítulos apresentam uma transição de um povo de Deus vitorioso cuja ocupação da terra poderia ter sido uma questão relativamente simples de derrotar aqueles já desanimados para uma história interminável de guerras, de derramamento de sangue e de idolatria que assombrariam a Israel durante toda a sua história. Tal como os capítulos iniciais de Gênesis, assim também nos capítulos iniciais da habitação de Israel da Terra Prometida, uma simples transgressão tem ramificações cósmicas”.<sup>220</sup>

9.3-5 Gibeom ficava a 11 quilômetros ao sul de Betel. Ela era “uma das maiores cidades na parte central de Canaã”,<sup>221</sup> maior do que Ai (10.2) e possivelmente era a capital das cidades dos heveus.<sup>222</sup> Tempos depois ela se tornou uma cidade levita (18.25; 21.17). Muito tempo depois, os israelitas ergueram o tabernáculo ali, e ele permaneceu naquele local até Salomão construir seu templo (1 Rs 3.4-5; 1 Cr 16.39; 21.29). Os heveus habitaram Gibeom na época da conquista (v. 7).

Quando os líderes de Gibeom souberam dos métodos astutos que os israelitas utilizaram em Jericó e Ai, eles decidiram usar de astúcia também.

9.6-15 Deus não havia proibido os israelitas de fazer acordos de paz com povos não cananitas (Dt 20.11), mas Ele havia ordenado expressamente que eles não fizessem acordos com cananitas nativos (Ex 23.32; 34.12; Nm 33.55; Dt 7.2).

Os gibeonitas enganaram os israelitas com seu espírito tímido (v. 8), bem como com seu alimento seco e esfarelado, com suas vasilhas de couro rachadas, roupas e sandálias gastas (vv. 12-13). Eles também fingiram temer a Yahweh, o principal motivo para se aliarem com Israel (vv. 9-10), mas o objetivo deles era salvar a própria pele.

Aparentemente, atender ao pedido dos gibeonitas parecia algo dentro do permitido pela Lei Mosaica. Consequentemente, os israelitas pegaram um

<sup>220</sup> Hess, pág. 176.

<sup>221</sup> Keil e Delitzsch, pág. 95.

<sup>222</sup> Bush, pág. 99. Cf. Finegan, págs. 160-161.

pouco dos alimentos deles, provavelmente para inspecionar pelo menos (v. 14). Se eles comeram o alimento com os gibeonitas, essa ingestão pode ter sido parte de um acordo de aliança. Este era o costume no Oriente Próximo antigo (v. 15; cf. Gn 31.54).<sup>223</sup> Os israelitas selaram o acordo com uma promessa solene de preservar os gibeonitas (v. 15).

O escritor identificou claramente o motivo para o sucesso dos gibeonitas ao enganar a Israel: os israelitas “não consultaram o SENHOR a respeito” (v. 14; Nm 27.21; cf. Tg 4.2). Embora eles tivessem aprendido que a obediência era necessária para a vitória, em Jericó e em Ai, eles ainda não tinham aprendido que precisavam de orientação divina para cada decisão que tinham de tomar (cf. Jo 15.5).

“Ironicamente, de todas as pessoas, Josué falhou em perguntar ao SENHOR. Josué havia subido ao monte da revelação com Moisés (Ex 24.13-14); e em sua preparação para a liderança, ele foi treinado no uso do Urim e do Tumim para determinar a vontade de Deus (Nm 27.18-21). Como é fácil, até mesmo no serviço do SENHOR, fazer pouco caso da orientação e da bênção de Deus”.<sup>224</sup>

“Semelhantemente, muitos cristãos se encontram em circunstâncias difíceis e desastrosas porque se apressaram na tomada de decisão sem consultar propriamente ao Senhor, à Sua Palavra e ao Seu povo”.<sup>225</sup>

“Antes de entrar em qualquer aliança – escolha de um cônjuge para a vida toda, entrar numa sociedade comercial, aceitar qualquer proposta que envolva outras pessoas – certifique-se de pedir conselho ao SENHOR. Ele certamente responderá por meio de um impulso irresistível – pela voz de um amigo; por uma circunstância estranha e inesperada; por uma passagem das Escrituras. Deus escolherá Seu próprio mensageiro; mas Ele enviará uma mensagem”.<sup>226</sup>

---

<sup>223</sup> Livingston, pág. 157.

<sup>224</sup> Madvig, pág. 297.

<sup>225</sup> *The Nelson...*, pág. 370.

<sup>226</sup> Meyer, pág. 119.

“...nenhum curso de conduta proposto pode ser tão claro para um cristão a ponto de dispensá-lo do dever de buscar orientação do alto”.<sup>227</sup>

Os israelitas fracassaram em Ai porque confiaram em sua própria *força*. Aqui eles fracassaram porque confiaram em sua própria *sabedoria*.<sup>228</sup>

9.16-27

Os líderes de Gibeom controlavam quatro cidades: Gibeom, Quefira, Beerote e Quiriate-Jearim (v. 17). Sem sombra de dúvidas, estas cidades agiram conjuntamente em muitas de suas decisões, incluindo seu acordo com Israel. A posse destas cidades por parte dos israelitas deu ao povo de Deus uma entrada mais segura na Canaã central.

“Aqui o motivo do deserto se inverteu completamente, pois no deserto os líderes foram justificados, enquanto a congregação era culpada. Aqui, a congregação é justificada, enquanto os líderes são culpados”.<sup>229</sup>

Os israelitas consideraram que seu juramento aos gibeonitas uma obrigação, especialmente porque era uma promessa feita em nome de Yahweh (“na presença do SENHOR, o Deus de Israel”, v. 19).

“O ‘voto’ foi feito em nome do Senhor. Conseqüentemente, o povo devia fidelidade, não aos gibeonitas, mas ao SENHOR. O formato do voto previa que o SENHOR punisse os israelitas se falhassem em cumprir seu voto (cf. vv. 18-20). Isto explica porque Israel se sentiu presa ao acordo muito embora tenha sido feito sob falsas aparências (cf. Gn 27.35; Sl 15.4)”.<sup>230</sup>

As pessoas do Oriente Próximo antigo consideravam todos os acordos como sendo sagrados.<sup>231</sup> Se Israel tivesse violado este voto, ela traria grande reprovação sobre a nação e sobre o seu Deus. Os líderes de Israel

---

<sup>227</sup> Bush, pág. 105.

<sup>228</sup> Darby, 1:393.

<sup>229</sup> Butler, pág. 104.

<sup>230</sup> Madvig, pág. 299.

<sup>231</sup> Davis, pág. 63.

foram sábios em não quebrar sua promessa.<sup>232</sup> Mais tarde na história de Israel, o rei Saul matou alguns gibeonitas, em seu zelo descontrolado, e Deus enviou uma fome sobre Israel como punição (2 Sm 21.1-2).

A razão pela qual Deus proibiu Seu povo de permitir que cananitas pagãos vivessem e acabassem por se incorporar a Israel, era porque eles poderiam conduzir os israelitas à idolatria. Portanto, os líderes de Israel puniram os gibeonitas por seu engano de uma forma que minimizasse a possibilidade de isso acontecer novamente: Eles os tornaram servos no tabernáculo, a saber, pessoas que cortavam lenha e que carregavam água para a congregação israelita (vv. 21, 23, 27).

Este plano provavelmente restabeleceu a moral dos líderes perante os israelitas. Todavia, este não foi um movimento sábio, pois o SENHOR queria apenas israelitas autorizados (levitas) assistindo na adoração que ocorria no tabernáculo. Ao trazer estes estrangeiros para o serviço no tabernáculo, os líderes de Israel violaram a santidade de Deus (cf. Nm 3.10; Ez 44.7).

*“Servos aqui deveria ser considerado no sentido mais pejorativo da palavra. Como *cortadores de lenha e carregadores de água*, os gibeonitas realizariam apenas os serviços mais subalternos (veja Dt 29.11)”*.<sup>233</sup>

*“Eles são estrangeiros que recebem a permissão para viver, mas a própria presença deles é uma lição viva tanto para Israel quanto para os estrangeiros. Os estrangeiros aprendem que não tem como sabotar uma entrada no povo de Yahweh, mesmo com confissões piedosas de fé. Israel aprende o perigo supremo que ameaça a sua vida e a sua liderança quando decisões são feitas sem se consultar Yahweh e quando a Lei Mosaica não é seguida”*.<sup>234</sup>

*“É verdade que as consequências naturais do nosso pecado têm de seguir seu curso. A mão do bêbado recuperado ainda seguirá trêmula. A constituição do pródigo nunca será capaz*

<sup>232</sup> Veja F. Charles Fensham, “The Treaty Between Israel and the Gibeonites”, *Biblical Archaeologist* 27:3 (1964):98-100.

<sup>233</sup> Woudstra, pág. 164.

<sup>234</sup> Butler, págs. 104-105.

de se livrar dos efeitos da febre contraída nos cochos dos porcos. Pelo menos neste mundo, o gibeonita estará sempre ligado a você. Mas estas coisas não governarão, mas servirão; não impedirão, mas promoverão. Eles cortarão madeira e irão retirar água para o santuário interno do caráter e para a promoção do mais elevado padrão da realização cristã [cf. Sl 76.10]”.<sup>235</sup>

Esta ação cumpriu parcialmente a profecia de Noé em relação aos cananitas em Gênesis 9.25: “Maldito seja Canaã! Que ele seja o servo mais insignificante de seus parentes!” Os gibeonitas receberam tarefas no serviço do tabernáculo onde, espera-se que, tenham sido expostos às melhores influências espirituais. Os gibeonitas nunca conduziram os israelitas à idolatria, até o onde está registrado nas Escrituras, mas a presença deles no tabernáculo desagradou ao SENHOR (cf. Ez 44.7).

“Vamos, da mesma forma, nos submeter ao nosso Senhor Jesus, e Lhe confiemos nossa vida. Se Ele nos escolher para carregar a Sua cruz, tomar o Seu jugo e servir em Seu altar, isso não nos será depois nem vergonha nem tristeza para nós”.<sup>236</sup>

Alguns comentaristas consideraram os gibeonitas como convertidos sinceros a Yahweh, ao invés de inimigos de Israel, conforme a citação abaixo nos mostra:

“Portanto, há realmente um paralelo exato entre Raabe, a pessoa e os gibeonitas, a unidade corporativa. Raabe (e sua família) foi a única salva de Jericó. Os gibeonitas foram as únicas pessoas salvas da terra. Raabe creu, saiu de Jericó e foi para o meio do povo de Deus. Os gibeonitas formaram o único povo na terra que se voltou para Deus e continuaram durante todos os anos da história judaica”.<sup>237</sup>

Será que os gibeonitas eram convertidos genuínos a Yahweh, que simpatizavam com a causa de Israel, ou cujos inimigos eram os mesmos, que criam que a melhor forma de sobreviver era se render ao invés de resistir? A maioria dos comentaristas concluiu que

<sup>235</sup> Meyer, pág. 121.

<sup>236</sup> Henry, *Commentary on...*, pág. 225.

<sup>237</sup> Schaeffer, pág. 151. Veja págs. 148-151 para a sua defesa desta visão. Veja também Hess, pág. 179.

eles eram inimigos e que sua astúcia (v. 4) se estendeu até para a profissão de fé deles de temor ao Yahweh. Não existem declarações diretas nas Escrituras que indiquem que os gibeonitas eram convertidos como Raabe foi. A motivação deles simplesmente não é clara o suficiente para que façamos um juízo dogmático, embora eu creia que a maioria dos intérpretes está correta.<sup>238</sup>

O incrédulo normalmente se opõe ao cristão à medida que o cristão procura executar os propósitos de Deus no mundo. Por vezes, o incrédulo recorre ao engano e ficam “apegados” à comunhão do povo de Deus, mas apenas para suas próprias vantagens egoístas. Algumas destas vantagens são: ter uma boa reputação, conseguir contatos profissionais ou encontrar um cônjuge.

“‘Este relato’, conforme diz *O. v. Gerlach*, ‘é uma advertência para a Igreja de Deus de todas as eras contra a astúcia e dissimulação do mundo, que normalmente procura um reconhecimento pacífico da parte do reino de Deus, e até mesmo ser recebido nele, sempre que isso é vantajoso para o mundo’.”<sup>239</sup>

Se o povo de Deus faz alianças com o incrédulo, ele pode acabar desobedecendo a Deus, como fizeram os israelitas (cf. 2 Co 6.14-18). Precisamos buscar a vontade de Deus *antes* de firmar estes compromissos, e devemos fazer isso em oração (Tg 1.5; 4.2-3, 15) e lendo as Escrituras (2 Tm 3.16-17; cf. Nm 27.21). Devemos também consultar outras pessoas piedosas que entendem o caminho de Deus, que possam nos ajudar a não perceber importantes revelações pertinentes das Escrituras (Pv 11.14). Caso fizermos um compromisso tolo, devemos extrair o melhor daquela situação, caso o rompimento desta aliança seja contrário à vontade de Deus (p. ex.: o casamento com um cônjuge incrédulo, et al.).

## **6. A vitória sobre a aliança dos amorreus em Gibeom 10.1-27**

O sucesso contínuo de Israel levou seus inimigos a temer cada vez mais o povo de Deus. Este capítulo registra a primeira atitude agressiva dos cananitas contra Israel.

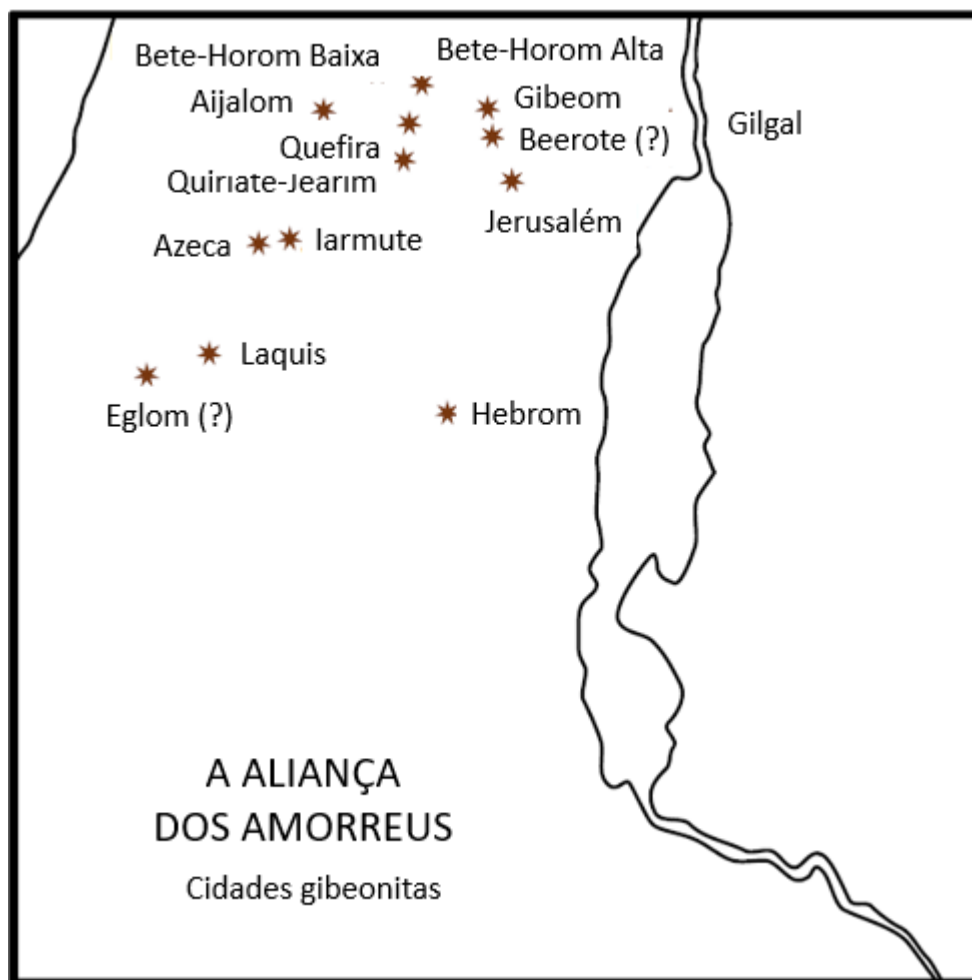
10.1-5 Os jebuseus viviam dentro e nos arredores de Jebus, antiga Salém (Gn 14.18). O escritor chamou esta cidade de Jerusalém aqui, pela primeira vez nas Escrituras. Jerusalém significa “A fundação (ou posse) da paz”. Adoni-

<sup>238</sup> Para alguns paralelos entre este capítulo e outros em Deuteronômio e Reis, veja Peter K. Kearney, “The Role of the Gibeonites in the Deuteronomic History”, *Catholic Biblical Quarterly* 35:1 (1973):1-19.

<sup>239</sup> Keil e Delitzsch, pág. 95.



Zedeque (lit. “senhor de justiça”) e Melquisedeque (“rei de justiça”, Gn 14.18) eram títulos dos reis jebuseus, como faraó era um título dos reis egípcios. Jerusalém ficava mais próxima a Gibeom do que quaisquer outras cidades que se aliaram a Jerusalém contra Gibeom. Foi provavelmente por este motivo que Adoni-Zedeque tomou a iniciativa de formar esta aliança.



“As cartas de Amarna indicam que Jerusalém era o centro da atividade política no século 14 a.C. e sempre esteve consciente de sua própria segurança”.<sup>240</sup>

10.6-11 Aqui o escritor utilizou o nome amorreus (v. 6), num sentido geral, para descrever os cananitas que viviam nos montes próximos, incluindo os jebuseus. Os amorreus que viviam nas montanhas eram os mais forte de

<sup>240</sup> Davis, pág. 63.

todos os cananitas.<sup>241</sup>

Esta foi a primeira vez que Israel foi para a batalha contra uma aliança de cidades-estado. Deus garantiu novamente a Josué que ele seria vitorioso (v. 8).

“A marcha deles [dos soldados israelitas] durante a noite cobriu uma distância de 32 quilômetros em terreno íngreme, com equipamento, sob estresse, no meio da noite e ainda com uma batalha por acontecer”.<sup>242</sup>

A estratégia de Deus incluía um ataque surpresa pela manhã que pegou os amorreus desprevenidos (cf. Ex 23.27). Israel foi capaz de obter a vantagem e perseguiu os amorreus em fugas durante vários quilômetros. Deus também enviou uma chuva de granizo (“grandes pedras”, ARA), à medida que os amorreus fugiam e desciam da Bete-Horom Alta para a Bete-Horom Baixa, ao longo da estrada que ligava estas cidades (a “descida”, v. 11, ARA).

“O nome *Bete-Horom* denota o santuário de um deus Horom, conhecido de nomes teofóricos [nome de deuses] a partir dos Textos de Execração e dos Textos Ugaritas”.<sup>243</sup>

Estas “grandes pedras” mataram muito mais inimigos do que as próprias espadas de Israel, mas não acertaram um único israelita. Tempestades com grande granizos foram registradas em Istambul, em agosto de 1831 e sobre o exército austríaco na batalha de Solferino, em 1859.<sup>244</sup> Immanuel Velikovsky propôs que esta pode ter sido uma chuva de meteoros.<sup>245</sup> Por causa do grande número de mortes fruto destas pedras, os amorreus e os israelitas perceberam que a vitória veio como resultado da ajuda sobrenatural de Yahweh, e não simplesmente pela própria capacidade de Israel. Yahweh, e não somente Israel, havia se comprometido com a derrota dos amorreus.

---

<sup>241</sup> Keil e Delitzsch, pág. 104.

<sup>242</sup> *The Nelson...*, pág. 371.

<sup>243</sup> Gray, pág. 107.

<sup>244</sup> Jacobsen, pág. 79.

<sup>245</sup> Velikovsky, pág. 58.

“A travessia do Jordão com maré alta e a tempestade ciclônica de granizo em Aijalom são de significado teológico especial, pois Baal era o grande deus cananita do tempo, que deveria controlar a chuva, o granizo, a neve e as enchentes da Palestina. Estes episódios provaram que Baal era impotente perante Yahweh na Palestina como ele havia sido no episódio das pragas no Egito”.<sup>246</sup>

Observe, nos versículos 9-15, como o escritor alternou entre referências às atividades dos israelitas e as atividades de Deus. Parece que o escritor desejava impressionar o leitor com o fato de que Deus e o homem estavam trabalhando juntos para garantir a vitória (cf. 1 Co 3.9).

“Há um juízo tanto para as nações bem como para indivíduos”.<sup>247</sup>

10.12-15 Josué baseou seu pedido impressionante (v. 12) na promessa de Deus (v. 8). Trata-se de uma oração pública que ele fez perante o Senhor de forma audível aos israelitas.

Há três explicações básicas para este milagre entre os estudiosos evangélicos:<sup>248</sup>

1. Deus diminuiu a velocidade ou parou a rotação da terra, ou Ele alterou o seu eixo – assim aumentando o período de luz do sol. A maioria dos que sustentam esta posição acreditam que Deus Se contrapôs aos efeitos mundiais deste milagre através do Seu poder sobrenatural.<sup>249</sup> O principal problema com esta visão é a sua improbabilidade. Será que Deus (Ele certamente é capaz de) realizaria um milagre mundial como este simplesmente para fornecer mais luz do dia a Israel? Aqueles que defendem esta visão respondem que este é o significado normal das palavras utilizadas

<sup>246</sup> J. L. Kelso, *Archaeology and Our Old Testament Contemporaries*, pág. 53. Cf. Finegan, pág. 173.

<sup>247</sup> Meyer, pág. 128.

<sup>248</sup> Veja também Archer, *Encyclopedia of...*, págs. 161-162.

<sup>249</sup> Henry, *Commentary on...*, pág. 226; Leon Wood, pág. 181, n. 47; McGee 2:24-25; Schaeffer, pág. 142; Campbell, *No Time...*, págs. 81-83; idem, “Joshua”, pág. 351; et al.

pelo escritor.

2. Isso pode ter sido um milagre local, por meio do qual Deus forneceu luz adicional apenas para Israel. Alguns que defendem esta posição acreditam que Deus criou condições atmosféricas incomuns que resultaram na refração da luz do sol depois que o sol havia se posto.<sup>250</sup> Outros acreditam que Deus forneceu uma luz especial para Israel, que até parecia com o sol, mas que era uma fonte diferente de luz, tal como a *shekinah* (a manifestação da glória de Deus).<sup>251</sup> O problema principal com esta posição é a linguagem utilizada no texto, que parece sugerir uma alteração real da rotação da terra. Aqueles que defendem esta posição respondem que esta é a linguagem da aparência e apontam para milagres similares nas Escrituras (p. ex.: Ex 10.21-23; 2 Rs 20.10-11). Alguns também citam a promessa de Deus de fornecer dia e noite regularmente, o que parece favorecer esta visão (Gn 8.22; cf. Jr 33.20-21).
  
3. Uma vez que o verbo hebraico traduzido “deter” (v. 12, ARA) e “deteve” (v. 13, ARA) também pode ter o significado de parar ou cessar, alguns estudiosos acreditam que Josué pediu a Deus que impedisse que o sol brilhasse, e não que ele parasse. Em outras palavras, Josué estava pedindo a Deus que impedisse o sol de brilhar sobre os seus soldados, antes que a exaustão pelo calor os acometesse. Portanto, Josué pode ter pedido um dia menos quente, e não um dia mais longo.<sup>252</sup> O problema principal com esta visão é que Josué também pediu que a lua se comportasse como o sol. Esta referência à luz parece desnecessária, se tudo o que Josué quisesse fosse apenas sombra. Em resposta a esta afirmação, alguém poderia argumentar que se trata simplesmente de um paralelismo poético. Isto é, a referência à luz é a linguagem da poesia, um contrapeso natural à referência ao sol.

Vários outros escritores sugeriram outras posições e variações destas.<sup>253</sup>

<sup>250</sup> P. ex.: Meyer, pág. 127; Jamieson, et al., pág. 176.

<sup>251</sup> Bush, pág. 119; Davis, págs. 69-70; Keil e Delitzsch, págs. 109-112; et al.

<sup>252</sup> P. ex.: Robert Dick Wilson, “Understanding ‘The Sun Stood Still’”, em *Classical Evangelical Essays in Old Testament Interpretation*, págs. 61-65.

<sup>253</sup> Veja Davis, págs. 66-70 para várias destas.

Por exemplo: John Holladay Jr. acreditava que Josué estava manifestando uma crença na astrologia e estava pedindo por um alinhamento favorável dos corpos celestes.<sup>254</sup> David Howard Jr. sugeriu que Deus falou estas palavras nos versículos 12b e 13a, ao invés de Josué.<sup>255</sup> A maioria dos intérpretes entende 12b e 13a como palavras de Josué e acreditam que ele estava orando a Yahweh.

Ocasionalmente lê-se que um astrônomo descobriu 12 horas extras na história. Até onde consegui descobrir, esta descoberta ainda não foi provada de maneira conclusiva.

Os cananitas consideravam o sol e a lua como divindades. O controle deles por parte de Yahweh deve ter impressionado em muito os inimigos de Israel.<sup>256</sup> O “Livro de Jasar” (“O Livro do Justo”, v. 13) provavelmente era uma coleção de histórias acerca dos heróis de Israel. Algumas destas histórias, se não todas, estavam em verso (poesia) e celebravam os grandes atos de Deus em favor de Israel (cf. 2 Sm 1.18). Uma observação adicional é que Yahweh “lutou por Israel” (v. 14), enfatizando novamente a iniciativa de Deus em favor do Seu povo – em fidelidade às Suas promessas.

“Esta é uma prova clara de que uma pessoa é capaz de obter a atenção de Deus em oração”.<sup>257</sup>

“Deus luta por Israel. Ele também luta com e através de Israel. Entretanto, a nação não pode esperar vencer se não cumprir com a sua parte”.<sup>258</sup>

“... enquanto intérpretes de Js 10.14 ligam tradicionalmente os comentários do narrador a respeito da singularidade dos eventos descritos em Josué 10 diretamente aos eventos relacionados com o sol e a lua, a tese exibida aqui [neste artigo] sugere que a singularidade na visão neste versículo

<sup>254</sup> John S. Holladay Jr., “The Day(s) the Moon Stood Still”, *Journal of Biblical Literature* 87 (1968):167-168.

<sup>255</sup> Howard, *An Introduction...*, pág. 88.

<sup>256</sup> Veja Robert B. Chisholm Jr., “The Polemic against Baalism in Israel’s Early History and Literature”, *Bibliotheca Sacra* 151:603 (Julho-Setembro 1994):276-277.

<sup>257</sup> *The Nelson...*, pág. 371.

<sup>258</sup> Butler, pág. 117.

se relaciona melhor com o papel de Josué em se apropriar das prerrogativas de Yahweh, o guerreiro divino. Josué, ao invés de Yahweh, determina os parâmetros para a intervenção de Yahweh e a estratégia da batalha divina e Yahweh consente com a iniciativa de Josué. O arranjo cronológico de Js 10.7-14 parece reconhecer a natureza incomum do papel de Josué relatando primeiros dois exemplos claros da intervenção decisiva na batalha de Yahweh (10.10, 11) antes de relatar o pedido singular de Josué (10.14), assim assegurando o papel decisivo de Yahweh na vitória”.<sup>259</sup>

Sanford Yoder considerou os versículos 12 e 13 como sendo o único pedaço de poesia em Josué.<sup>260</sup>

Qualquer que seja a explicação científica para o fenômeno que ocorreu em resposta à oração de Josué, fica claro que Deus fez algo incomum para dar a vitória aos israelitas.

10.16-27 Os israelitas não sofreram perdas significativas na operação de massacre que ocorreu a seguir. “Ninguém se atreveu a dizer uma palavra contra o povo de Israel” (v. 21) significa que ninguém ousou ameaçar os israelitas (cf. Ex 11.7).<sup>261</sup> Em outras palavras, como resultado desta batalha, os cananitas temeram grandemente a Israel.

Colocar o pé sobre o pescoço de algum inimigo era um ato simbólico que representava a completa subjugação de, ou total derrota sobre um inimigo no Oriente Próximo antigo (v. 24; cf. 1 Rs 5.3; Sl 8.6; 110.1).<sup>262</sup> Realizar esta perseguição e compreender seu significado também deu aos israelitas uma confiança ainda maior. Josué fortaleceu o impacto deste ato ainda mais com uma exortação encorajadora (v. 25).

“Há verdade na frase: ‘O céu ajuda aqueles que se ajudam’.

<sup>259</sup> Gordon Oeste, “‘A Day Like No Other’ in the Context of Yahweh War: Joshua 10:14 and the Characterization of Joshua”, *Journal of the Evangelical Theological Society* 57:4 (Dezembro 2014):702.

<sup>260</sup> Sanford C. Yoder, *Poetry of the Old Testament*, págs. 58, 63.

<sup>261</sup> Nota da *The NET2 Bible* em 10.21.

<sup>262</sup> Grey, pág. 110.

*Há momentos quando devemos ‘[permanecer] firmes e [ver] como o Senhor [nos] resgatará’ (Ex 14.13), mas normalmente devemos dar o nosso melhor como seres humanos com uma completa dependência em Deus para os resultados.*

O Senhor normalmente não opera um milagre para um aluno preguiçoso na hora da prova final, ou para uma dona de casa negligente quando visitas inesperadas batem à porta de uma casa bagunçada, nem para um contador quando os auditores aparecem. Deus é sempre suficiente e milagres ocorrerão quando a fraqueza necessitar deles, mas Deus não fará por nós aquilo que nós mesmos devemos fazer”.<sup>263</sup>

Os líderes de Israel colocaram grandes pedras na entrada do túmulo-caverna dos reis cananitas para o benefício dos futuros observadores (v. 27; cf. 7.25). Isto constituiu outro memorial da fidelidade e do poder de Deus.

À medida que o cristão experimenta sucesso crescente em sua batalha espiritual, ele normalmente experimenta oposição crescente dos inimigos espirituais, como aconteceu com Israel. Ainda assim, o SENHOR luta ao lado do Seu povo independentemente de quão feroz a oposição pode ser (2 Co 12.9). Todavia, também temos responsabilidades espirituais a cumprir que tornarão possível a vitória (p. ex.: confiar, obedecer, utilizar nossos recursos etc.; cf. Ef 6.14-18).

O próprio Senhor fornece “assistência”, tanto natural como sobrenaturalmente. Ele nos capacita a usar força, sabedoria e a persistência que Ele nos deu. Ele também faz milagres, coisas que não temos que fazer por nós mesmos: como quando Ele deu ao exército de Israel luz adicional e enviou pedras do céu. Ele nos fornece presentes materiais, Ele muda o coração das pessoas e Ele abre novas oportunidades para nós, isso para mencionar apenas alguns dos Seus atos poderosos.

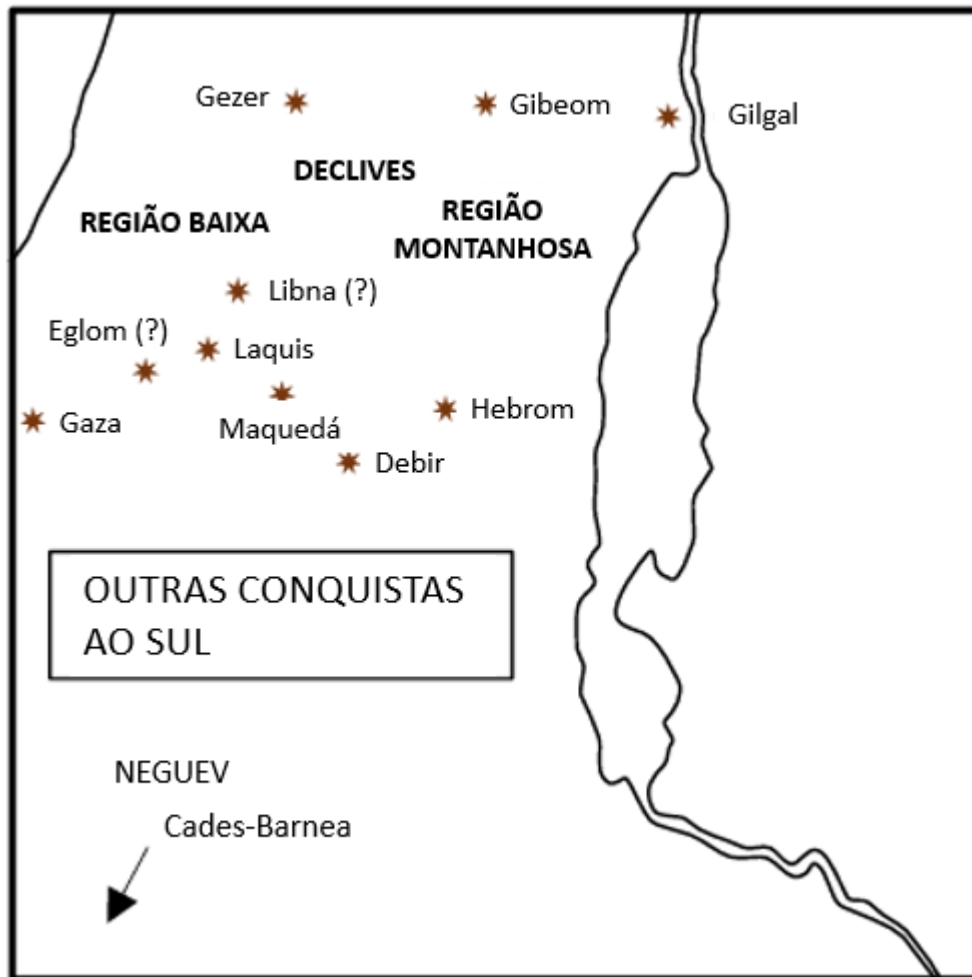
## **7. Outras conquistas na região sul de Canaã 10.28-43**

Até esta altura, as vitórias de Israel ocorreram na Canaã central. A estratégia de Deus foi dar primeiro ao Seu povo uma base de operações, um quartel general central na parte

---

<sup>263</sup> Jacobsen, pág. 83.

central da terra. A partir dali a nação podia avançar para o Sul e depois para o Norte. O escritor registrou sucintamente as campanhas ao sul nesta seção de versículos.



10.28-39 Sete outras vitórias ocorreram após a vitória em Gibeom. No registro destes encontros, o escritor enfatizou duas questões importantes: Primeiro, Israel foi obediente ao mandamento de Deus de exterminar os cananitas nestas cidades. Segundo, foi o SENHOR, Yahweh, que entregou os inimigos nas mãos de Israel (vv. 30, 32).

“...Yahweh Se mostrou ser um Deus que aceita um povo que O segue a despeito de seus erros passados [do povo]”.<sup>264</sup>

O propósito das incursões de Josué era destruir a capacidade militar destas

<sup>264</sup> Butler, pág. 119.



idades-estado e gerar temor e confusão nos cananitas restantes. A arqueologia confirmou que muitas destas cidades não sofreram destruição completa neste momento da história.<sup>265</sup>

“Josué, à esta altura da campanha, não parecia interessado em destruir completamente cada uma destas cidades, ou mesmo em ocupa-las”.<sup>266</sup>

“Mas além de infligir derrota imediata, esta campanha conseguiu algo mais por si só – ela era uma varredura, não uma ocupação: ‘Josué e todo o exército de Israel *voltaram* ao acampamento em Gilgal’ (Js 10.15, 43). *Ocupar* a terra, viver nela, criar um rebanho e cultivar o solo nela etc., era um processo muito mais lento, visível em parte mais tarde em Josué e em Juízes”.<sup>267</sup>

De acordo com Carl von Clausewitz (1780-1831), um filósofo de guerra, há três objetivos militares principais em qualquer guerra: Primeiro, o agressor precisa destruir o poderio militar do inimigo, para que ele seja incapaz de continuar ou liquidar a guerra. Segundo, ele precisa conquistar a terra do inimigo de forma tão completa que uma nova força militar não possa surgir dela. Por fim, ele precisa subjugar a vontade do inimigo.<sup>268</sup> Josué conseguiu realizar todos estes três objetivos básicos.<sup>269</sup>

10.40-43 Estes versículos resumem a conquista de toda parte sul de Canaã. Israel não derrotou cada cidade ou matou cada cananita sem exceção. Entretanto, Josué removeu sim a ameaça militar a Israel que as maiores cidades no Sul representavam. “Toda” (v. 40) tem um significado limitado. Neste contexto, o termo significa que todos as partes (regiões geográficas) da terra, todos os reis das cidades que Josué destruiu e todos que viviam naquelas cidades destruídas (cf. 13.1).

<sup>265</sup> Veja Finegan, pág. 163.

<sup>266</sup> Davis, pág. 70.

<sup>267</sup> Kitchen, pág. 89.

<sup>268</sup> Carl von Clausewitz, *On War*, pág. 101, citado por Craigie, *The Problem...*, pág. 46.

<sup>269</sup> Veja David Ussishkin, “Lachish-Key to the Israelite Conquest of Canaan?” *Biblical Archaeological Review* 13:1 (Janeiro-Fevereiro 1987):18-39; e Finegan, págs. 161-163.

“O próprio Josué foi um grande comandante, mas nada foi mais louvável que a sua obediência [v. 40]”.<sup>270</sup>

Gósen (v. 41) era uma cidade na fronteira sul de Canaã (cf. 11.16; 15.51). Esta não é a referência à porção do Egito que tem este nome.

O escritor enfatiza novamente o motivo principal para o sucesso militar de Israel: “O Senhor, o Deus de Israel, lutou por Israel” (v. 42).

O povo de não precisa atacar imediatamente cada inimigo espiritual que existe, assim como os israelitas não precisavam matar imediatamente todos os cananitas ou atacar todas as cidades. À esta altura da vida nacional deles, a vontade de Deus era que eles atacassem apenas alguns alvos específicos. Por vezes podemos experimentar desânimo quando olhamos para a gama de pessoas que nos cercam, ou para os vários pecados que nos afligem. Podemos pensar: O que um indivíduo pode fazer para conter essa maré de perversidade? Podemos até achar que é inútil fazer qualquer coisa, considerando a imensa tarefa que enfrentamos (Mt 28.19-20). Nestas situações, precisamos fazer aquilo que Deus coloca à nossa frente para ser feito – dia a dia – ao invés de assumir mais responsabilidade do que Deus deseja que assumamos naquele momento (cf. Mt 6.25-34). Os israelitas lutaram uma batalha de cada vez, e o mesmo devemos fazer.

### **8. Conquistas na região norte de Canaã 11.1-15**

Os reis da região norte de Canaã também decidiram se unir para resistir a ameaça da expansão israelita.

---

<sup>270</sup> Henry, *Commentary on...*, pág. 228.



- 11.1-3 Hazor (lit. “região cercada”) era a cidade principal na região norte de Canaã, com uma área de 700 km<sup>2</sup> e uma população de 30.000 a 40.000 habitantes.<sup>271</sup> Os arqueólogos calculam que a população das cidades muradas em Canaã era de aproximadamente 200 por acre. Hazor foi, certa vez, a principal cidade de uma aliança de todas as cidades do norte (v. 10).<sup>272</sup> Jabim (lit. “o inteligente”, v. 1) pode ter sido um título ao invés de um nome próprio (cf. Jz 4.2).<sup>273</sup>

<sup>271</sup> Davis, pág. 74. Veja também *The New Bible Dictionary*, s.v. “Hazor”, por T. C. Mitchell, págs. 507-508; e Finegan, págs. 164-165.

<sup>272</sup> Veja Mary Rattigan, “Hazor and Its Significance”, *The Bible Today* 23:1 (Janeiro 1985):44-50; Waltke, “Palestinian Artifactual...”, págs. 42-46; e Merrill, *Kingdom of...*, pág. 120.

<sup>273</sup> Hess, pág. 208.

11.4-9 O texto registra que apenas nas batalhas contra Jericó e Ai os israelitas foram o que tomaram a iniciativa. Em todas as outras batalhas descritas neste livro, o inimigo foi quem atacou Israel primeiro.

De acordo com Josefo, os exércitos combinados das tribos cananitas somavam 300.000 homens armados, 10.000 cavaleiros e 20.000 carros de guerra.<sup>274</sup>

“A coalisão do Norte era o inimigo mais capaz de Israel, tanto em número quanto em armamentos. Cada nova batalha de Israel era mais difícil do que a anterior”.<sup>275</sup>

As águas de Merom (v. 5) eram obviamente pequenos lagos próximos ao vilarejo de Merom, que estava localizada a oeste de Hazor. Alguns estudiosos equivalem as águas de Merom com o Lago Hula. O Lago Hula ficava ao norte do Mar de Genesaré (Galiléia). Outros equivalem Merom com Madom, cerca de 8 quilômetros a oeste da atual Tiberíades.<sup>276</sup> Estas localizações parecem menos prováveis do que a primeira descrita.

Cortar os tendões dos cavalos e queimar os carros de guerra (vv. 6, 9) tinha um efeito duplo: o inimigo não poderia utilizá-los novamente e os israelitas não poderiam usá-los ou confiar neles.

11.10-15 A evidência arqueológica apoia uma destruição de Hazor que ocorreu no século 15 a.C.<sup>277</sup> O significado da frase “cidades construídas nas colinas” (v. 13b) é incerto.

“Seria difícil escolher qualquer expressão simples no livro todo de Josué, quem sabe em todas as Escrituras, mais difícil de explicar do que esta”.<sup>278</sup>

Das várias interpretações oferecidas, prefiro pensar que estas eram as

---

<sup>274</sup> Josefo, 5:1:18.

<sup>275</sup> Madvig, pág. 309.

<sup>276</sup> Hess, pág. 209.

<sup>277</sup> Douglas, Petrovich, “The Dating of Hazor’s Destruction in Joshua 11 by Way of biblical, Archaeological, and Epigraphical Evidence”, *Journal of the Evangelical Theological Society* 51:3 (Setembro 2008):489-512.

<sup>278</sup> Bush, pág. 134.

idades mais velhas e mais influentes, que gerações anteriores reconstruíram das ruínas antigas.<sup>279</sup> Se este é o significado, Josué provavelmente não as queimou pois ele queria preservar estas cidades associadas com locais históricos e que honravam o tempo, para a ocupação posterior de Israel.

A frase “E ninguém sobreviveu” (v. 14) soa para alguns leitores como uma brutalidade excessiva. Entretanto, Deus ordenou claramente Moisés e Josué a que aniquilassem completamente os cananitas (v. 15). A Bíblia justificou este tratamento severo por vários motivos:

Primeiro, a severidade dos pecados dos cananitas – incluindo incesto, adultério, sacrifício infantil, homossexualidade e bestialidade – resultaram numa sociedade completamente corrupta em Canaã (cf. Lv 18; Dt 9.4-5). Deus esperou para executar juízo, permitindo os cananitas a se arrependerem dos seus maus caminhos, mas eles não mudaram (cf. Gn 15.16). À época de Josué, os pecados dos cananitas, que permearam toda a cultura deles, mereciam juízo.

Segundo, ao eliminar os cananitas, Deus estava protegendo Seu povo, os israelitas, daqueles pecados.

Terceiro, Deus prometeu abençoar as nações que abençoassem a Israel e amaldiçoar as nações que a amaldiçoassem (Gn 12.3). Os cananitas já haviam tentado destruir os israelitas pelo menos duas vezes até este momento (9.1-2; 11.1-5) e Deus não permitiria isto.

Quarto, a ordem de Deus para aniquilar os cananitas era muito específica; os israelitas nunca tiveram uma ordem para matar cada um dos cananitas que moravam em Canaã. A ordem era apenas para os cananitas pagãos, neste momento até agora, que eram o objeto do juízo especial de Deus, e os israelitas foram Seu instrumento para executar este juízo. Conforme vimos, os israelitas pouparam Raabe e toda a sua família porque eles temeram ao SENHOR, e pouparam os gibeonitas – muito embora fossem cananitas.

---

<sup>279</sup> Keil e Delitzsch, pág. 122.

O segredo do sucesso notável de Josué, do ponto de vista humano, foi sua obediência consistente ao SENHOR (v. 15). Nós também experimentaremos vitória sobre nossos inimigos espirituais – o mundo, a carne e o diabo – a ponto de que fazemos a vontade de Deus conforme revelada em Sua Palavra.

### **9. O resumo dos triunfos de Josué 11.16-12.24**

Este resumo é apresentado em três partes: a terra, os reis a leste do Jordão e os reis a oeste do Jordão.

#### **A conquista da terra 11.16-23**

O Monte Halaque (v. 17) ficava próximo a Cades (10.41) para o sul. Seir (v. 17) é a região montanhosa de Edom, a sudeste do Mar Morto. Baal-Gade, na base noroeste do Monte Hermom (v. 17), ficava na extremidade norte da conquista. Ela ficava provavelmente na região de Baalbeque (ou Balbeque).<sup>280</sup>

O escritor mencionou Canaã como “o território dos israelitas” aparece aqui pela primeira vez nas Escrituras (v. 22b). Os enaquins eram os poderosos guerreiros do tamanho de gigantes que os 10 espias temeram (Nm 13.28). Israel destruiu a maioria deles. Israel destruiu a maioria deles.

“O endurecimento do coração deles [os reis derrotados por Josué, v. 20] foi punitiva [cf. Ex 4.21; 7.3; 14.4, 17]. A iniquidade deles agora estava completa (cf. Gn 15.16). O longo período concedido a eles por um Deus longânimo não produziu arrependimento neles”.<sup>281</sup>

“Temos aqui uma lição que o povo de Deus sempre teve dificuldade para aprender. Deuteronômio ordenou que Israel obedecesse a Deus, destruísse os habitantes, não tivesse misericórdia, não fizesse aliança e não se misturasse em casamento (7.1-3). Esta ordem tinha um propósito divino. Ela removia as tentações de seguir a outros deuses. Desde os dias de Juízes e especialmente a partir do período de Salomão, a grande tentação foi fazer alianças políticas através de casamentos políticos e de conveniência entre famílias reais (1 Rs 11.1-8; 16.31; 20.30-43). A fim de proteger Israel contra o grande pecado de idolatria, Deus ordenou que a nação não demonstrasse misericórdia para com o inimigo. E para fazer com isso ocorresse, Deus fez

<sup>280</sup> Thomson, 1:353-354.

<sup>281</sup> Armerding, pág. 108. Veja também Robert B. Chisholm Jr., “Divine Hardening in the Old Testament”, *Bibliotheca Sacra* 153:612 (Outubro-Dezembro 1996):429-430.

com que os inimigos de Israel batalhassem contra ela ao invés de tentar acordos de paz e misericórdia”.<sup>282</sup>

Josué “assumiu o controle de toda a terra” (v. 23) no sentido de que, após as conquistas de Josué, não temos registros de batalhas campais entre as forças tribais israelitas. A partir daquele momento, Deus esperava que cada tribo subjugasse as cidades restantes e focos de resistência (cf. 13.1; Jz 1.1).

“A tomada de *toda* a terra não significa que absolutamente todas as cidades e vilas foram conquistadas, ou que todos os cananitas foram exterminados de todos os cantos da terra, mas simplesmente que a conquista ocorreu de tal forma que o poder dos cananitas foi quebrado, o domínio deles foi superado e que toda a terra deles foi completamente entregue nas mãos dos israelitas, de forma que aqueles que ainda permaneceram na terra e foram transformados em fugitivos impotentes, eram incapazes de oferecer qualquer tipo de oposição aos israelitas, nem brigar com eles pela posse da terra, caso os israelitas simplesmente lutassem para cumprir os mandamentos do seu Deus e perseverassem no extermínio gradual dos remanescentes espalhados pela terra”.<sup>283</sup>

“O erro de se contrastar as rápidas campanhas de Josué (lidas incorretamente como conquista permanente) com a ocupação mais lenta em Juízes 1 traz uma compreensão completamente errada da situação. E frequentemente aqueles que defendem esta ideia deixam de ler Josué 13! Os 31 reis mortos (Js 12) não representam uma conquista grande, apenas uma colheita da liderança. Ao final da carreira de Josué, ainda restava “muita terra a ser conquistada” (13.1) – ambas as regiões mencionadas (13.2-6) amplamente não alcançada pelo vigor de Josué, bem como o assentamento em profundidade da maioria dos distritos já invadidos. Este processo foi mais dolorosamente lento, mesmo durante a vida de Josué; cf. as observações em Josué 18.2-3 (a repreensão de Josué), além dos esforços frustrados registrados em outras passagens (Js 15.63; 16.10; 17.12, 16)”.<sup>284</sup>

As palavras de Deus a Moisés mencionadas pelo escritor no v. 23 são provavelmente aquelas proferidas em Êxodo 23.27-33 (cf. Dt 7.22). Ali, Deus disse a Moisés que Ele não

<sup>282</sup> Butler, pág. 130.

<sup>283</sup> Keil e Delitzsch, pág. 125.

<sup>284</sup> Kitchen, págs .90-91.

expulsaria todos os cananitas da terra em um ano, mas aos poucos. Foi assim que a conquista da terra ocorreu até aqui, pouco a pouco, e como ela deveria ter continuado até a sua conclusão.

A principal guerra contra os cananitas havia terminado (v. 23), mas as batalhas menores e operações de limpeza da terra ainda eram necessárias. Os israelitas não apenas obtiveram a terra, mas derrotaram os reis cananitas e limitaram em muito o seu poder. Jensen e Hanna consideram 11.23 o versículo-chave do livro.<sup>285</sup>

“Nunca houve uma guerra maior por uma causa maior. A batalha de Waterloo decidiu o destino da Europa, mas esta série de batalhas na distante Canaã decidiram o destino do mundo”.<sup>286</sup>

### **O massacre dos reis orientais 12.1-6**

Seom e Ogue foram os dois primeiros reis cananitas derrotados pelos israelitas (sob a liderança de Moisés).

### **O massacre dos reis ocidentais 12.7-24**

O escritor identificou aqui mais 31 reis que foram conquistados, na ordem essencial na qual foram derrotados por Josué.

“Vários dos mesmos nomes aparecem nas cartas de Amarna, confirmando assim a historicidade do nosso texto”.<sup>287</sup>

“As inúmeras nações que possuíam o país – hititas, amorreus, cananitas etc., descendiam todas de Canaã, o filho amaldiçoado de Cã, Gênesis 10.15-18. Elas são chamadas de ‘sete nações’ (Dt 7.1), e muitas são contadas ali, mas aqui apenas seis são mencionadas, os girgaseus sendo deixados de fora, embora os encontremos em Gênesis 10.16 e 15.21. Ou eles foram incorporados a alguma outra destas nações ou, conforme a tradição dos judeus mostra, quando Israel se aproximou sob a liderança de Josué, todos eles se retiraram e foram para a África”.<sup>288</sup>

“A descrição não estava completa. Siquém não é mencionada e os montes

<sup>285</sup> Jensen, pág. 17; Kenneth G. Hanna, *From Moses to Malachi*, pág. 113.

<sup>286</sup> Henry T. Sell, *Bible Study by Periods*, pág. 83.

<sup>287</sup> Davis, pág. 75.

<sup>288</sup> Henry, *Commentary on...*, pág. 228.



de Efraim estão muito pouco representados, bem como o território norte de Hazor. O alvo do escritor não é ser exaustivo. O escritor procura compilar uma lista que impressionará os leitores com a grandeza da façanha de Deus em trabalhar em prol de Israel e da grandeza da liderança de Josué que segue o exemplo de Moisés e completa a tarefa dada a Moisés. Ainda assim, o escritor está ciente que muito ainda precisa ser feito”.<sup>289</sup>

Este resumo conclui o registro da conquista da terra (caps. 1-12), a primeira responsabilidade de Josué. Ele agora era capaz de dividir a terra entre os israelitas (caps. 13-21), sua segunda tarefa principal (1.6).

A conquista da terra por Josué antecipou a obra de Jesus Cristo. Ambos derrotaram os inimigos de seu povo. Ambos tinham nomes que significam “Deus salva”. Ambas as vitórias demoraram a ocorrer e ambas foram precedidas pela apostasia de Israel. Ambas as vitórias foram obra de Deus através de instrumentos humanos. Ambas as vitórias ocorreram apenas por causa de confiança e obediência. E ambas as vitórias tornaram possível uma herança e um descanso para o povo de Deus.

## **II. A DIVISÃO DA TERRA CAPS. 13-21**

Os capítulos 13-24 descrevem como Josué dividiu a terra, e os eventos após esta divisão, incluindo o assentamento das tribos e a nova dedicação nacional. Várias, se não todas, das tribos de Israel não conquistaram ou controlaram toda a terra conferida a elas (15.63; 16.10; 17.12-13). O registro da divisão atual da terra encontra-se nos capítulos 13-21, e os arranjos para o assentamento nos capítulos seguintes, 22-24.<sup>290</sup>

Ao final deste período de sete anos de conquista, Israel ocupava muito pouco da Terra Prometida; muito ainda estava para ser conquistado por eles (v. 1).<sup>291</sup> Assim sendo, dividir toda a terra entre as tribos exigiu muita fé, de que Deus acabaria por dar toda a terra ao Seu povo. Josué havia removido grande parte das ameaças militares à existência de Israel. De agora em diante, cada tribo era responsável por conquistar e colonizar seu território designado.

“Os israelitas passaram a considerar normal a presença do remanescente cananita na terra. Os cristãos consideram a vida cristã carnal, sem

<sup>289</sup> Butler, pág. 139.

<sup>290</sup> Para um resumo da história geográfica moderna de Canaã, veja o Apêndice ao final deste comentário bíblico expositivo.

<sup>291</sup> Para mapas que mostram as regiões ainda não possuídas por eles, veja Leon Wood, mapa 8, pág. 209; ou Yohanan Aharoni e Michael Avi-Yonah, *The Macmillan Bible Atlas*, mapas 68 e 69, págs. 50 e 51.

convicção, como o melhor que podem esperar de si mesmos e dos outros”.<sup>292</sup>

“Resistir à tentação de pular esta porção de Josué [caps. 13-21] pode resultar numa apreciação de características importantes da aliança de Deus com Israel. Além do detalhe óbvio do conteúdo destes capítulos e os meios pelos quais Deus abençoou aqueles que permaneceram fiéis na conquista da terra, esta passagem também fala do motivo da terra ter uma parte tão importante nas promessas de Deus aos patriarcas e permaneceu uma característica-chave da aliança”.<sup>293</sup>

#### **A. A TERRA AINDA A SER POSSUÍDA 13.1-7**

- 13.1 Josué provavelmente tinha mais de 80 anos de idade nesta época (“já idoso, entrado em dias”, ARA). O SENHOR provavelmente lembrou Josué da idade avançada do servo para motivá-lo a dividir o restante da terra antes que morresse.<sup>294</sup>

“Deus nos deu em Cristo tudo que precisamos para uma vida de devoção; reivindicamos toda a nossa herança por meio de uma fé viva, para que possamos entrar no gozo de tudo que é possível para nós neste lado do céu”.<sup>295</sup>

- 13.2 Os filisteus não eram um povo cananeu nativo. Eles migraram para Canaã vindos do Noroeste e, à esta altura, haviam deslocado os cananitas na porção sudoeste da Terra Prometida. Uma vez que a terra que ocupavam fazia parte daquilo que Deus prometera a Israel, os israelitas tinham a responsabilidade de expulsá-los também.

Os israelitas não tiveram êxito nisso. Os filisteus aumentaram em poder e influência sobre os israelitas, tornando-se eventualmente os maiores inimigos de Israel durante o reinado de Saul, mais de três séculos depois. Entretanto, à época de Josué eles eram alvos menores e secundários aos israelitas.

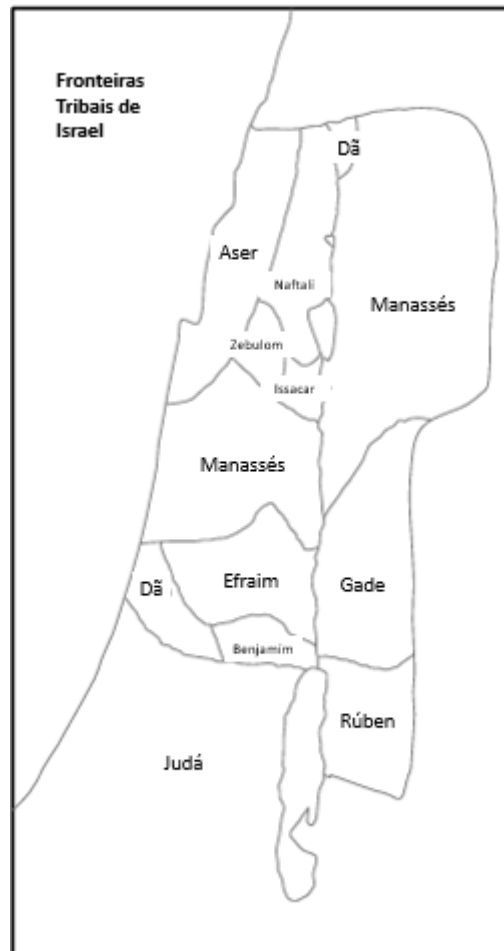
<sup>292</sup> Jacobsen, pág. 92.

<sup>293</sup> Hess, págs. 53-54.

<sup>294</sup> Henry, *Commentary on...*, pág. 228.

<sup>295</sup> Meyer, pág. 158.

Os gesuritas vivem na cidade de Gesur, que estava localizada a nordeste de Basã, em Arã (chamada depois de Síria; cf. 2 Sm 3.3; 13.37; 14.23, 32; 15.8; 1 Cr 3.2).



13.3-5 Sior (v. 3) era provavelmente o Ribeiro do Egito, a moderna Wadi el Arish, que marcava os limites sudoestes da Terra Prometida.

“A palavra *governantes* [v. 3] aqui é a tradução de uma palavra filisteia e não hebraica; ela é a única palavra claramente filisteia registrada em toda a Bíblia. Ela está relacionada com a palavra grega traduzida por ‘tirano’”.<sup>296</sup>

Os “sidônios” (v. 4) pode dizer respeito aos habitantes da costa fenícia e

<sup>296</sup> *The Nelson...*, pág. 378.

das montanhas do Líbano.<sup>297</sup> A terra dos gibleus (v. 5) refere-se à cidade-estado de Biblos.<sup>298</sup>

- 13.6 A promessa de Deus de expulsar todos os cananitas restantes dependia da obediência de Israel à Aliança Mosaica (cf. 1.6-7).<sup>299</sup>
- 13.7 A terra mencionada aqui (“este território”) incluía todo o território que Deus prometeu a oeste do Rio Jordão.

“A palavra *herança* aparece mais de cinquenta vezes nestes nove capítulos [13-21] e é uma palavra muito importante. Os judeus *herdaram* a terra deles. Eles não a *conquistaram* como espólios de batalha nem *compraram* sua terra numa transação financeira. O Senhor, que era o único dono, arrendou a terra para eles... imagine tendo Deus como seu proprietário!”<sup>300</sup>

#### **B. A TERRA A LESTE DO JORDÃO 13.8-33**

Esta porção da Terra Prometida foi para as duas tribos e meia que a pediram (Nm 32).

- 13.8-14 Esta perícopes registra os limites de todo o território da Transjordânia de Israel. Os povos que os israelitas *não* eliminaram, bem como as terras que eles *não* possuíram, ficavam na parte norte desta região (cf. 12.5). Gileade (v. 11) abrangia a terra em ambos os lados do Rio Jaboque, a leste do Jordão.

“As tribos da Transjordânia receberam uma quantidade desproporcional de atenção neste livro que registra a Conquista e a divisão da terra a oeste do Jordão (cf. 1.12-15; 4.12; 12.1-6; 13.8-33; 22.1-34). O escritor estava ávido por defender a unidade das Doze Tribos, apesar da separação geográfica e de um sentimento subjacente de que somente a terra a oeste do Jordão era verdadeiramente Terra Prometida”.<sup>301</sup>

<sup>297</sup> Butler, pág. 152.

<sup>298</sup> Hess, pág. 231.

<sup>299</sup> Veja W. B. Riley, “The Challenge to Carry On”, reimpressão em *Fundamentalist Journal* 2:2: (Fevereiro 1983):39-41.

<sup>300</sup> Wiersbe, pág. 68.

<sup>301</sup> Madvig, pág. 318.

- 13.15-23 A porção da tribo de Rúben ficava na parte ao sul desta região. No território desta tribo Balaão (v. 22) perdeu a sua vida, durante a batalha de Israel contra os midianitas (Nm 31.8).
- 13.24-28 A porção da tribo de Gade ficava no meio do território a leste do Jordão, praticamente entre o Rio Jaboque e o limite norte do Mar Morto. Os amorreus controlaram a terra a leste do Rio Jordão.<sup>302</sup>
- 13.29-31 A meia tribo oriental de Manassés se estabeleceu na região norte da Transjordânia, na parte maior de Basã, o reino anterior de Ogue.
- 13.32-33 A descrição do território da Transjordânia termina com um lembrete a respeito da herança dos levitas, que receberam um relacionamento especial com Deus ao invés de uma porção da terra.

“As duas tribos e meia escolheram, assim como Ló fez, com base na aparência (cf. Gn 13.10-11), e sua herança foi perdida [cf. 1 Cr 5.26]. Por outro lado, os levitas, que não exigiram parte da terra, receberam uma herança de significado espiritual permanente”.<sup>303</sup>

“Não se torne um ‘crente limítrofe’”.<sup>304</sup>

### **C. A TERRA A OESTE DO JORDÃO CAPS. 14-19**

O relato dos assentamentos dos israelitas a oeste do Jordão nestes capítulos recebeu mais atenção por parte do escritor, uma vez que esta foi a região na qual Israel se estabeleceu inicialmente.

#### **1. A justificativa para a distribuição da terra 14.1-5**

Eleazar, o sumo-sacerdote, Josué e os chefes das tribos assumiram a liderança na divisão da terra (v. 1). Estes homens determinaram a divisão por meio do lançar de sortes (v. 2; 18.6). Aparentemente, o lançar de sortes estabelecia a localização geral de cada tribo dentro de Canã, mas a população daquela tribo afetava o tamanho da sua herança (cf. Nm 26.52-56).<sup>305</sup> Josefo acreditava que a bondade da terra (para agricultura ou pastagem)

<sup>302</sup> Josefo, 5:1:23.

<sup>303</sup> Campbell, “Joshua”, pág. 356.

<sup>304</sup> Wiersbe, pág. 69.

<sup>305</sup> Veja Leon Wood, mapa 6, pág. 186.

também tinha papel importante na distribuição da terra: a terra melhor sendo mais valiosa do que a terra mais pobre.<sup>306</sup>

“O povo de Deus não é chamado para agir por iniciativa e desejo próprios, nem para estabelecer seus próprios alvos. Deus estabeleceu os alvos e emite as ordens que nos levam a alcança-los”.<sup>307</sup>

## **2. A herança de Calebe 14.6-15**

Antes que o lançar de sortes iniciassem, Calebe foi até Josué com os homens de sua tribo de Judá para pedir a herança que Moisés prometeu a ele (v. 9; Dt 1.6; cf. Nm 14.26-38). Moisés prometeu a Calebe terra em Canaã, mas não especificou a localização dela. O motivo para esta bênção especial foi a fidelidade de Calebe a Deus, quando ele serviu como um dos 12 espias (“pois você seguiu ao SENHOR... de todo o coração”, v. 9). Mais tarde, o próprio Josué também recebeu um lote pessoal (19:49-50).

“Calebe representa toda a Israel como alguém que recebe uma terra e a toma para si”.<sup>308</sup>

Calebe, “o grande ancião de Judá, o líder da minoria dos doze espiões”,<sup>309</sup> era provavelmente membro do clã de Judá chamado de quenezeus (vv. 6, 14). Ele provavelmente não era um descendente dos outros quenezeus, que eram os primeiros habitantes de Canaã e descendentes de Esaú (Gn 15.19; 36.11, 15, 42). Outra visão é que os primeiros cananitas quenezeus se juntaram à tribo de Judá antes do Êxodo (cf. Nm 13.6).<sup>310</sup> Isso faria com que Calebe tivesse apenas uma geração de uma família não-israelita.<sup>311</sup>

As referências à idade de Calebe nos permitem determinar a duração da conquista de Canaã. Calebe havia recebido a promessa de uma porção na terra em Cades-Barnéia, 38 anos antes dos israelitas atravessarem o Jordão e entrarem em Canaã (cf. Nm 14.24). Calebe tinha apenas 40 anos naquela época (v. 7). Ele agora tinha 85 (v. 10). 45 anos se passaram, e Calebe gastou 38 destes anos no deserto. Portanto, a conquista deve ter ocorrido nos sete anos restantes.

<sup>306</sup> Josefo, 5:1:21.

<sup>307</sup> Butler, pág. 172.

<sup>308</sup> Hess, pág. 239.

<sup>309</sup> Rea, pág. 223.

<sup>310</sup> Campbell, “Joshua”, pág. 357.

<sup>311</sup> *The Nelson...*, pág. 380.

A porção que Calebe pediu estava dentro do lote tribal de Judá, a sua tribo. Ele agora pediu a parte montanhosa, onde os gigantes, que desanimaram seus colegas espias, ainda habitavam. Ao fazer este pedido (v. 12), Calebe mencionou as mesmas coisas que os *espias que não creram* disseram, que desanimaram os israelitas de entrar na terra: “região montanhosa”, “descendentes de Enaque” e “grandes cidades fortificadas” (cf. Nm 13.28-29) – como seus *incentivos* para querer este território! Em resposta ao lembrete e pedido de Calebe, Josué o abençoou e lhe deu a cidade de “Hebrom” que era, e ainda é, uma cidade importante.

Muito embora Josué já tivesse derrotado a Hebrom (10.37), quem sabe ainda houvesse gigantes ali e ao redor desta região na parte montanhosa de Judá. A observação de que o nome antigo de Hebrom era Quiriate-Arba, que significa cidade de Arba – nomeada após Arba, o maior homem entre os descendentes de Enaque (gigantes) – é importante (v. 15). Ela lembra da fidelidade de Deus ao dar cidade de gigantes a Calebe, que creu que Deus poderia derrotar os gigantes em Canaã 45 anos antes.

Calebe ainda era forte – em fé, bem como fisicamente – como era 45 anos antes, muito agora fosse muito mais velho. Ele continuava confiando que Deus cumpriria Sua promessa em relação à terra, ao invés de confiar em sua capacidade física de toma-la do inimigo. O nome Calebe significa “segundo o coração”.

“Teria sido natural para Calebe pedir por um ‘lugar tranquilo’ – uma porção da terra já conquistada onde ele pudesse se estabelecer e gastar o resto da vida plantando. Ao contrário disso, aos 85, ele pediu pela mesma porção que gerou temor no coração dos dez espias. ... Este guerreiro idoso valente, que não esperava receber sua herança sem se esforçar, é um exemplo esplêndido para uma era em que se busca cada vez mais proteção do berço ao caixão”.<sup>312</sup>

“A consagração é a fonte de força inesgotável; porque ela permite que a alma recorra à força de Deus [cf. 2 Co 4.16]”.<sup>313</sup>

“Os mais velhos normalmente são caracterizados pela ‘soberba da vida’. A cobiça dos olhos é peculiar da juventude; a cobiça dos olhos, o desejo de

<sup>312</sup> Jacobsen, pág. 100. Divisão de parágrafo omitida.

<sup>313</sup> Meyer, pág. 165.

ter mais coisas terrenas para delas desfrutar, vem com a meia-idade, e na idade mais avançada vem a tentação da ‘soberba da vida’. Mas não é assim com o homem de fé”.<sup>314</sup>

John Cawood identificou as impressionantes características de Calebe da seguinte forma: convicções intransigentes, compromisso sem reservas, coragem inalterável e confiança inabalável.<sup>315</sup>

“Desta forma, Josué 14 exalta dois pontos principais, que continuam valendo para o povo de Deus. A vida, em todas as suas dimensões, deve ser vivida de acordo com os planos estabelecidos por Deus, e não pelos planos avarentos e egoístas feitos pelo homem. A bênção vem, no final das contas, ao homem que segue totalmente a Deus”.<sup>316</sup>

“Uma das coisas mais notáveis a respeito da Bíblia é sua atenção não apenas às nações e aos povos, mas também a indivíduos. Isso salienta o fato de que Aquele que ‘amou o mundo’ forneceu os meios de redenção através dos quais ‘todo aquele que crê’ pode ser salvo. Em meio a uma geração de apóstatas, Calebe permaneceu fiel ao Senhor, e por sua fidelidade ele foi destacado como recipiente das bênçãos graciosas de Deus”.<sup>317</sup>

### **3. A herança de Judá cap. 15**

A tribo de Judá provavelmente recebeu a primeira consideração no texto porque ela foi a tribo que recebeu a bênção patriarcal especial de Jacó. Ela também era a maior das tribos.

Os habitantes do Oriente Próximo antigo usavam marcos naturais (rio, montanhas, desertos, cidades etc.) para determinar limites, bem como limites artificiais que faziam traçando linhas entre os locais. Virtualmente, todas as nações utilizaram estes métodos e ele ainda é algo comum hoje.

Judá era a tribo mais ao sul a oeste do Jordão. Os simeonitas, além dos judaítas normais, viviam dentro do território de Judá. Simeão era a menor tribo depois de Levi e perdeu sua identidade territorial dentro de Judá pouco tempo depois da conquista (cf. Gn 49.5-7). Por

<sup>314</sup> Gaebelien, 1:2:42.

<sup>315</sup> John Cawood, “The Godly Features of Caleb”, *Confident Living* 44:10 (Novembro 1986):53-55.

<sup>316</sup> Butler, pág. 175.

<sup>317</sup> Merrill, “Joshua”, pág. 172.



este motivo, alguns mapas das divisões de terra não incluem Simeão.

### **Os limites de Judá e as heranças de Calebe e Otoniel 15.1-20**

15.1-12 O escritor registrou os limites de todo o território tribal primeiro. A descrição ocorre no sentido anti-horário a partir fronteira sul (vv. 2-4), para o leste (v. 5), para o norte (vv. 5-11), para o oeste (v. 12).<sup>318</sup>

“O motivo pelo qual os limites das diferentes tribos eram tão excêntricos originalmente e agora são tão difíceis de seguir era que as ‘sortes’ não eram aplicadas de acordo com linhas geográficas, mas terras de certas cidades mais ou menos contíguas foram designadas a cada como sua herança. Estas cidades foram as capitais de pequenos principados ou distritos...

Hoje é completamente impossível traçar linhas em torno dos lotes separados com qualquer grau de certeza. Entretanto, suas posições gerais em relação entre si podem ser determinadas com exatidão suficiente para todos os propósitos importantes no estudo da geografia bíblica”.<sup>319</sup>

15-13-19 O escritor provavelmente incluiu o registro do sucesso de Calebe ao expulsar os cananitas, em seu território, para enfatizar o efeito da fé na colonização da terra.

“É sempre notável o quanto o homem pode dar a quem encontrou tudo em Deus”.<sup>320</sup>

Otoniel (v. 17) se tornou depois um dos juízes proeminentes de Israel (Jz 3.9) – provavelmente o primeiro a quem Deus levantou em Israel após a morte de Josué. Ele era sobrinho de Calebe e demonstrou a mesma característica espiritual do seu tio. Embora a palavra hebraica *’ah* possa significar ou irmão ou sobrinho, praticamente todas as traduções optaram por sobrinho.

<sup>318</sup> Para informação arqueológica a respeito de Bete-Semes, veja Finegan, págs. 170-171.

<sup>319</sup> Thomson, 1:483, 484.

<sup>320</sup> G. Campbell Morgan, *An Exposition of the Whole Bible*, pág. 98.

“O pedido de Acsa pelas fontes de água lembra o encontro de Rebeca com Isaque (Gn 24.61-67), no qual ela também (1) se aproxima montada em um animal; (2) desce; (3) faz um pedido; e (4) recebe o resultado desejado da pessoa de quem ela se aproxima. Ambos os relatos envolvem uma herança de bênção que Deus prometera a Abraão. Esse é provavelmente o motivo da inclusão dessa nota específica”.<sup>321</sup>

“A partir desta história descobrimos que não é uma violação do décimo mandamento desejar moderadamente os confortos e conveniência desta vida que vemos podem ser alcançados de maneira justa e comum”.<sup>322</sup>

15.20 Este versículo conclui a descrição dos limites tribais de Judá fornecidos nos versículos 1-19.

### **As cidades de Judá 15.21-62**

O escritor agrupou as cidades no território de Judá de acordo com os quatro distritos da tribo. Esta parte de Canaã continha quatro regiões distintas: a divisa com Edom, no extremo sul, as colinas do Oeste, a região montanhosa e o deserto.

15.21-32 O Neguev (que significa “sul”) formava uma região entre as partes mais férteis de Judá, ao norte e o deserto ao sul. O escritor alistou quatro grupos de cidades nesta região: o primeiro com nove (vv. 21-23), o segundo com cinco (vv. 24-25), o terceiro com nove (vv. 26-28) e o quarto com treze (vv. 29-32).

15.33-47 As planícies ficavam na região entre a Planície Costeira a oeste (juntamente do Mar Mediterrâneo), e a região montanhosa de Judá a leste. O Neguev ficava ao sul. O escritor também agrupou as cidades nesta região. Ele nomeou catorze cidades na parte norte da planície (vv. 33-36): 16 no Noroeste (vv. 37-41), nove ao sul (vv. 42-44) e três a sudoeste (vv. 45-47).

15.48-60 Cinco grupos de cidades ficavam na região montanhosa de Judá, a norte do

<sup>321</sup> Hess, pág. 245.

<sup>322</sup> Henry, *Commentary on...*, pág. 231.

Neguev, a leste das planícies e a oeste do deserto de Judá (que ficava a oeste do Mar Morto). Esta região se tornou o lar para um grande número de judaítas. Onze cidades ficavam na porção sudoeste (vv. 48-51) e nove ao norte delas (próximo a Hebrom, vv. 52-54). Dez outras ficavam a leste dos dois grupos mencionados, e estavam mais próximos do deserto (vv. 55-57), seis ao norte de Hebrom (vv. 58-59) e duas na fronteira norte de Judá (v. 60).<sup>323</sup>

15.61-62 O deserto de Judá ficava na parte nordeste da herança tribal. Seus limites eram a região montanhosa a oeste, o Mar Morto a leste e o Neguev ao sul. Seis cidades ocupavam esta região.

“Considera-se que Quirbet Qumran era a ‘Ir-Hammelah ou Cidade do Sal de Josué em 15.62”.<sup>324</sup>

15.63 Muito embora os israelitas tivessem derrotado o rei de Jerusalém (10.1-27), eles não foram capazes de expulsar os jebuseus que ali residiam. A cidade de Jebus (não chamada de Jerusalém até muito tempo depois na história) permaneceu uma ilha de domínio cananita na fronteira norte de Judá.

#### **4. As cidades de José caps. 16-17**

O escritor pode ter lidado com as tribos de Efraim e Manassés juntas uma vez que Jacó deu a José a segunda maior bênção depois de Judá (Gn 49). Além disso, a meia tribo oriental de Manassés já tinha recebido sua herança, e o restante da meia-herança teria sido pequena comparada com as outras tribos. Estas tribo e tribo e meia juntas formavam um grande grupo de israelitas. A lei deles caiu na Canaã central e seu território consistia de duas partes: com Efraim se estabelecendo na porção sul e Manassés no Norte. Uma única sorte determinou a herança tanto de Efraim e Manassés, que resultaram na reclamação de Efraim mais tarde (17.14-18).

16.1-4 O escritor descreveu o território combinado de José a oeste do Jordão, isto é, de Efraim e a meia-tribo ocidental de Manassés, primeiro.

<sup>323</sup> Veja Finegan, págs. 165-167.

<sup>324</sup> Ibid., pág. 274.

16.5-10 Ele desenhou os limites territoriais de Efraim a seguir. Efraim ficava ao norte das regiões dadas posteriormente a Dã e Benjamim, e ao da Manassés ocidental. Os efraimitas fracassaram em expulsar os habitantes de Gezer (v. 10).<sup>325</sup>

17.1-13 Estes versículos descrevem o território da meia-tribo ocidental de Manassés, situada a oeste do Jordão e a norte de Efraim. Ela se estendia a norte para o Vale de Jezreel. Os da tribo de Manassés também fracassaram em exterminar todos os cananitas em suas regiões (vv. 12-13).<sup>326</sup>

“Inúmeras cidades indicadas como tomadas pelos israelitas foram escavadas, incluindo Jericó, Laquis, Debir e Hazor; e a evidência mostra cada uma delas tendo sido destruídas em cerca de 1400 a.C. ou um pouco mais tarde. Por outro lado, as escavações indicam que algumas cidades não foram tomadas, como Bete-Sã, Taanaque e Megido (Js 17.11), e a escavação nestas cidades demonstram que elas não foram tomadas neste momento”.<sup>327</sup>

17.14-18 A extensão do território dada a estas duas tribos não foi suficiente para elas, na opinião delas, de forma que pediram a Josué por mais terra. Ele lidou com estas tribos de forma muito diplomática, elogiando e encorajando a elas (v. 18). A reclamação deles parece ter brotado a partir de um espírito de carnalidade (cf. v. 16; Jz 8.1-3; 12.1-7; 2 Sm 20.1-5).<sup>328</sup> Estas tribos certamente não compartilhavam do espírito de Calebe (14.6-15). Obviamente, elas contaram como sua terra somente as partes que eram facilmente acessáveis por elas, e não populada pelos cananitas. Eles descontaram as regiões com florestas, que precisavam ser limpadas, bem como as partes dominadas pelos ferezeus e refains (v. 15). Entretanto, Josué lhes assegurou que quando eles finalmente dominassem o território de sua herança, o território se mostraria adequado para elas (v. 18).

<sup>325</sup> Veja *ibid.*, pág. 170.

<sup>326</sup> Para informação arqueológica acerca de Taanaque, veja *ibid.*, pág. 168.

<sup>327</sup> Free, pág. 137.

<sup>328</sup> Veja John H. Paterson, “The Touchy Tribe”, *Toward the Mark* 16:6 (Novembro-Dezembro 1987):110-113.

“O fato de que a Cordilheira Central já foi densamente florestada é atestado por bolotas e sementes de terebinto e chifres de veado encontrados em muitas escavações e um dente de Javali em Gezer, bem como madeira de cipreste e pinheiro na fortaleza do rei Saul em Gibeá (Tele el-Ful)”.<sup>329</sup>

“O propósito de inserir este episódio na conclusão da descrição da porção de José pode ser alertar o leitor para o fato de que a terra prometida, conforme deveria ser possuída, exige a atividade das tribos, que nos podem ser detidas pelas ameaças da força militar superior de Canaã”.<sup>330</sup>

“Muitos desejam ter mais posses, mas não cultivam e tiram o melhor proveito do que já possuem”.<sup>331</sup>

O escritor do Livro de Josué observou cuidadosamente os fracassos das tribos em expulsar os cananitas dos seus territórios, bem como o sucesso delas em fazê-lo (p. ex.: Calebe). A abrangência da ocupação deles da terra dependia da abrangência da capacidade deles de aniquilarem os cananitas com o poder de Deus.

## **5. O reconhecimento da terra restante 18.1-10**

Após o processo de designar a terra para as três tribos Cisjordanianas [a oeste do Rio Jordão] mencionadas acima, a atenção de Israel se voltou para a transferência do tabernáculo para um local mais central (v. 1). Sem sombra de dúvidas, Deus fez a escolha de Siló (lit. “descanso”; cf. Dt 12.11).<sup>332</sup> O povo de Deus poderia encontrar descanso no lugar onde Deus habitava (o próprio tabernáculo e seus entornos).

---

<sup>329</sup> Rea, pág. 225.

<sup>330</sup> Woudstra, pág. 267.

<sup>331</sup> Henry, *Commentary on...*, pág. 232.

<sup>332</sup> Veja Israel Finkelstein, “Shiloh Yields Some, But Not All, of Its Secrets”, *Biblical Archaeological Review* 12:1 (Janeiro-Fevereiro 1986):22-41. Veja também Finegan, págs. 174-175.

O tabernáculo esteve em vários lugares ao longo da sua história: Gilgal (5.10; 10.15, 43), Siló (18.1, 9-10), Betel (Jz 20.18-28; 21.1-4), Siló (1 Sm 1.3), Mispa (1 Sm 7.5-6), Gilgal (1 Sm 10.8; 13.8-10; 15.10-15), Nobe (1 Sm 21.1-9; 22.11, 19) e finalmente em Gibeom (1 Cr 16.39-40; 21.29; 1 Rs 3.4; 2 Cr 1.3). Estas podem não ser todos os lugares onde o tabernáculo esteve, mas estes são lugares que o texto bíblico nos fornece. O templo de Salomão, o primeiro de quatro templos de Jerusalém mencionados nas Escrituras, substituiu o tabernáculo mais tarde na história.

É possível que a parada na concessão dos territórios, além da sempre presente intimidação cananita, tenha influenciado os líderes das tribos remanescentes a atrasar a distribuição do restante da terra. Josué teve de repreendê-los por procrastinação (v. 3). Ele, então, designou um grupo de homens – três de cada uma das sete tribos restantes – para atuar como equipe de topografia. Estes homens estudaram a terra e a dividiram em sete partes. Este pode ser o primeiro exemplo de levantamento topográfico registrado.<sup>333</sup> Este pode ter sido o mesmo método usado para determinar os lotes anteriores, embora o escritor não tenha afirmado isso no texto. Quando este trabalho foi concluído, ocorreu novamente o lançar de sortes para determinar qual dos sete lotes cada tribo herdaria (v. 10). Isso evidentemente ocorreu no tabernáculo (v. 6).

“Para o cristão, o estabelecimento de um santuário e um centro em Siló testifica como Deus cumpre Suas promessas. Deus deu ao Seu povo a bênção da Sua presença entre os israelitas. Eles devem responder em obediência ocupando a terra e vivendo de acordo com a aliança divina. A importância fundamental do santuário é ilustrada por sua posição central entre as tribos (na região montanhosa central) e por sua posição no meio da divisão de terras de Josué 13-21. O cristão também é convocado a enxergar a adoração de Deus como central em sua vida. Assim como as reuniões no santuário de Siló, as reuniões regulares para adoração são o principal meio para proporcionar unidade e incentivo comum para uma vida fiel (Hb 10.25)”.<sup>334</sup>

---

<sup>333</sup> Veja Bush, pág. 174.

<sup>334</sup> Hess, pág. 264.

## **6. A herança das tribos restantes 18.11-19.51**

Em primeiro lugar, as duas tribos e meia a leste do Jordão receberam, anos antes, a terra delas. Então, Judá, a recipiente primária da bênção patriarcal de Jacó, e José, a recipiente do direito de primogenitura patriarcal de Jacó, tinham acabado de receber suas terras (caps. 15-17). Por fim, as sete tribos restantes receberam suas heranças na terra.

### **A herança de Benjamim 18.11-28**

Benjamim compartilhou seus limites territoriais (vv. 11-20) com Judá, ao sul, e Efraim, ao norte. O Rio Jordão formou a fronteira leste de Benjamim. No lado ocidental, cerca de meio caminho em direção ao Mar Mediterrâneo, os líderes de Israel traçaram uma fronteira separando Benjamim de Dã.

As cidades de Benjamim (vv. 21-28) caíram em dois grupos. Doze cidades ficaram na parte oriental do território (vv. 21-24) e 14 na parte ocidental (vv. 25-28).

### **A herança de Simeão 19.1-9**

A sorte de Simeão caiu dentro da porção sul da herança de Judá, pois a porção de Judá se provou ser grande demais para uma tribo apenas (v. 9). Simeão recebeu certas cidades dentro do território de Judá. Desta forma Deus cumpriu a predição a Jacó, pelo menos inicialmente, de que Simeão experimentaria a dispersão em Israel (Gn 49.7).

Os simeonitas receberam dois grupos de cidades (vv. 2-8). O primeiro grupo consistia de treze cidades no Neguev (vv. 2-6). O segundo grupo incluía quatro cidades: duas no Neguev e duas nas planícies (v. 7). Os nomes destas cidades simeonitas também estão incluídas na lista de herança de cidades (25.26-32, 42).

“Pelo que sabemos, nenhuma pessoa digna de nota, nenhum juiz ou profeta, foi desta tribo”.<sup>335</sup>

### **A herança de Zebulom 19.10-16**

O território de Zebulom ficava ao norte da planície de Jezreel, que marcava a fronteira norte de Manassés e sudoeste dos montes de Naftali. A noroeste, sua vizinha era Aser e a sudeste, Issacar. A terra de Zebulom era muito fértil. Zebulom recebeu 12 cidades, embora o escritor tenha identificado apenas cinco aqui (v. 15). Provavelmente algumas das cidades nos versículos 10-14 eram as outras sete pertencentes a Zebulom, mas quais são é algo

<sup>335</sup> Henry, *Commentary on...*, pág. 233.

que desconhecemos.

### **A herança de Issacar 19.17-23**

O escritor não forneceu os limites de Issacar com tanto detalhes como nas tribos anteriores. O Rio Jordão a leste, as fronteiras de Manassés ao sul e sudoeste, Zebulom a noroeste e Naftali ao norte, são as prescrições do seu território. Issacar recebeu dezesseis cidades (vv. 18-22).

### **A herança de Aser 19.24-31**

O território de Aser se estendia ao longo da costa do Mediterrâneo, de onde a cadeia de montanhas do Carmelo se encontra com a Planície de Sarom, para o norte, até a fronteira norte de Canaã. Os fenícios viviam ao norte de Aser nesta costa. Os vizinhos de Aser eram Zebulom a sudeste e Naftali a leste. O escritor mencionou vinte e duas cidades, mas registrou os nomes de apenas três (v. 30).

### **A herança de Naftali 19.32-39**

O Mar de Genesaré (Galiléia), combinado com o Rio Jordão a norte daquele mar, formavam a fronteira oriental de Naftali. O território de Naftali se estendia a norte até o território fenício. Naftali tinha fronteiras a oeste com Aser, a sudoeste com Zebulom e ao sul com Issacar. Dezenove cidades fortificadas pertenciam a esta tribo (vv. 35-38).

### **A herança de Dã 19.40-48**

Dã recebeu território primariamente nas planícies – a oeste de Benjamim e entre Judá e Efraim. A sua terra era extremamente frutífera.<sup>336</sup>

“Os amorreus, que se estabeleceram em porções da planície dos filisteus (Jz 1.34), expulsaram os danitas das planícies e os dirigiram para as montanhas. Isto levou à migração de parte da tribo de Dã para o norte em Lesém, próximo à região norte de Naftali (cf. Jz 17-18)”.<sup>337</sup>

Esta migração de alguns danitas para o norte em Lesém (v. 47, também chamada de Laís e depois de Dã), que é registrada em Juízes 18, pode ter ocorrido durante a vida de Josué. Dã tinha 19 cidades (vv. 41-47).

---

<sup>336</sup> Veja John C. H. Laughlin, “Dan”, *Biblical Illustrator* 9:4 (Verão 1983):40-46.

<sup>337</sup> Davis, pág. 83.



### **A herança de Josué 19.49-50**

Assim como Calebe, Josué recebeu uma cidade, Timnate-Sera (também chamada de Timnate-Heres em Jz 2.9), dentro do seu território tribal de Efraim, por sua fidelidade a Deus.

“Será sempre lembrado que quando Efraim reclamou, Josué sugeriu que fossem às montanhas e possuísem a sua terra [17.14-15]. Agora, quando a oportunidade de Josué apareceu, ele provou estar preparado para agir por si mesmo naquele conselho que ele deu. Ele foi para esta mesma região montanhosa, e há um toque esplêndido de determinação em seu caráter na declaração: ‘reconstruiu a cidade e habitou nela’ [19.50]”.<sup>338</sup>

“Calebe e Josué foram os dois espias fiéis que creram que Deus era capaz de dar a terra a Israel (Nm 14.6-9, 30). O recebimento destas heranças molda a história da divisão da terra entre as nove tribos e meia, com Calebe no início [14;6-15] e Josué ao final. Calebe e Josué são exemplos vivos da fidelidade de Deus no cumprimento das Suas promessas feitas mais de 40 anos antes”.<sup>339</sup>

### **A conclusão da distribuição das terras 19.51**

Os líderes de Israel completaram a divisão da terra em Siló, a nova localização do tabernáculo (cf. 18.1, 8-10).

“A dádiva da terra trouxe bênçãos não apenas à nação como um todo e para as tribos individualmente falando. Ela também trouxe bênção para o líder fiel. Deus ordenou que Israel recompensasse o indivíduo por sua fidelidade. Consequentemente, a compreensão deuteronomica da bênção e da maldição é expressada não apenas no nível corporativo, como no individual. Isto, também, permanece como uma fonte de encorajamento para Israel ao longo dos anos à medida que muitos do povo de Israel se dispersaram do corpo principal do povo de Deus”.<sup>340</sup>

Os leitores desta porção do texto (caps. 14-19) observarão que o escritor deu muito mais espaço para as primeiras cinco tribos que ele descreveu, mas, progressivamente, menos atenção para as sete tribos restantes. Parece haver uma série de motivos para isso:

<sup>338</sup> Morgan, *An Exposition...*, pág. 99.

<sup>339</sup> Madvig, pág. 324.

<sup>340</sup> Butler, pág. 208.

Primeiro, ele deu mais atenção às tribos de Judá e José pois Judá e José receberam a bênção e o direito de primogenitura, respectivamente. Isso tornou estas tribos proeminentes em relação às outras.

Segundo, Judá e José, por conta dos seus privilégios divinamente concedidos, se tornaram mais significativas na história de Israel à medida que a nação amadurecia. Sendo assim, a importância dos territórios delas era maior do que a importância dos territórios das tribos menos influentes. Semelhantemente, Benjamim se tornou muito importante e esta é provavelmente uma razão para o escritor fornecer a este território uma importância adicional.

Terceiro, o escritor claramente não mencionou que a lista de fronteiras tribais e de cidades fosse completa. O registro que ele fez da concessão de terra que cada tribo recebeu, considerando todas as tribos juntas, parece ter o objetivo maior de enfatizar a fidelidade de Deus em dar a Israel aquilo que Ele havia prometido. Este propósito fica especialmente claro por meio da lista das cidades de Simeão.

De modo semelhante, Moisés escolheu registrar apenas leis específicas, de Êxodo a Deuteronômio, para provocar certas impressões no leitor – não que aquelas fossem as únicas leis que Deus deu ao Seu povo.

#### **D. As cidades especiais caps. 20.1-21.42**

Deus também separou cidades especiais para propósitos especiais dentro da Terra Prometida. Trata-se das cidades de refúgio e das cidades dos levitas.

#### **1. As cidades de refúgio cap. 20**

Neste momento, os líderes tribais escolheram formalmente as seis cidades de refúgio acerca das quais Moisés recebeu instruções (Nm 35). Três ficavam a oeste do Jordão: Cades em Naftali, Siquém em Manassés e Hebrom (antiga Quiriate-Arba) em Judá (v. 7). Três outras a leste do Jordão: Bezer em Rúben, Ramote em Gade e Golã em Manassés (v. 8).

O estabelecimento geográfico delas significava que nenhum israelita precisaria viajar por muito tempo para chegar até uma delas.<sup>341</sup>

---

<sup>341</sup> Veja meu comentário bíblico expositivo em Números 35.9-34 para uma explicação adicional a respeito do propósito das cidades de refúgio.

“A comunidade cristã precisa levar a sério sua responsabilidade de examinar instituições e práticas penais e procurar descobrir as maneiras pelas quais Deus nos orienta a reformá-las. O inocente não deve sofrer indevidamente e o culpado não deve receber proteção e esperança suficientes para novas oportunidades assim como punição adequada”.<sup>342</sup>

“Consequentemente, temos aqui o reconhecimento divino da diferença entre *pecados* e erros. O mais santo dos homens é falível e é capaz de cometer erros; mas o erro nem sempre é pecado, e assim não nos desqualificam para a vida de fé nem nos privam da nossa herança em Cristo. A garotinha que, com amor, mas de maneira destruidora colocou os sapatos da sua mãe no forno para esquentar em uma noite de inverno, cometeu um erro, mas não um pecado! Um homem é capaz de ter um coração perfeito sem ter uma cabeça perfeita. A santificação é capaz de residir numa memória falha. Sejamos prontos a perceber tais distinções e compatibilidades”.<sup>343</sup>

“As cidades de refúgio... parecem tipificar a Cristo em Quem o pecador, perseguido pela Lei vingadora que decreta julgamento e morte, pode se refugiar”.<sup>344</sup>

## **2. As cidades dos levitas 21.1-42**

As tribos tinham de separar 42 cidades adicionais como moradia para os levitas e sacerdotes (cf. Nm 35.1-8).

### **O lançar de sortes 21.1-8**

Provavelmente Josué, Eleazar e os líderes tribais dos clãs identificaram as 42 cidades primeiro, e então escolheram quatro grupos de clãs levitas para cidades em particular por meio do lançar de sortes (vv. 3-4). Os sacerdotes, que eram descendentes de Aarão e, portanto, membros do clã coatita, receberam 13 cidades dentro dos territórios tribais de Judá, Simeão e Benjamim (v. 4). O restante dos coatitas, excluindo os descendentes de Aarão, obtiveram 10 cidades em Efraim, Dã e na Manassés oriental (v. 6). Os meraritas herdaram 12 cidades em Rúben, Gade e Zebulom (v. 7). Os nomes destas cidades levitas aparecem nos versículos seguintes (vv. 9-40).

---

<sup>342</sup> Butler, pág. 218.

<sup>343</sup> Baxter, 1:268.

<sup>344</sup> Campbell, “Joshua”, pág. 363.

**As cidades dos sacerdotes 21.9-19**

O SENHOR espalhou as 13 cidades dos sacerdotes da seguinte forma: nove ficavam em Judá e Simeão (vv. 9-16) e quatro em Benjamim (vv. 17-19). A herança dos sacerdotes araônicos incluíam uma cidade de refúgio: Hebrom, no território tribal de Judá.

**As outras cidades coatitas 21.20-26**

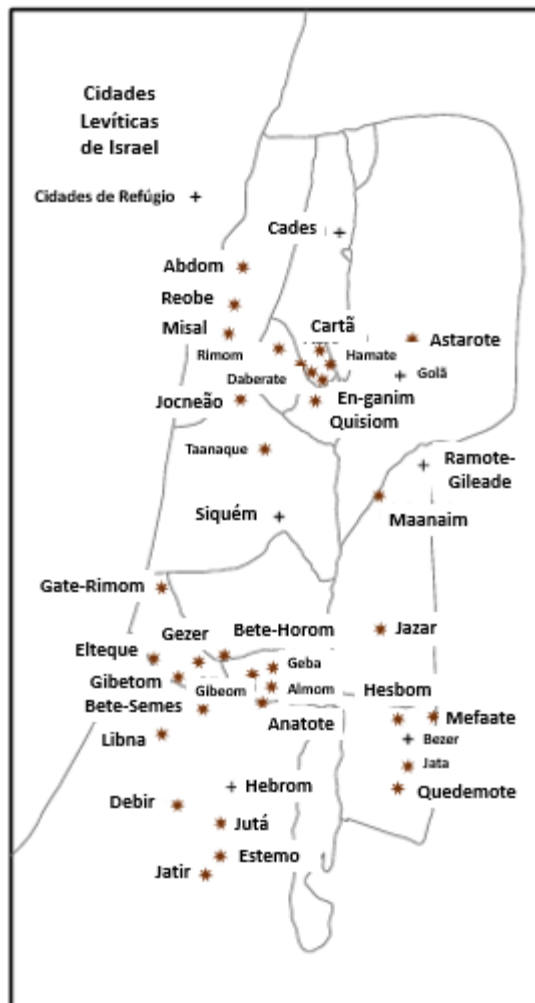
10 eram as outras cidades: quatro em Efraim (vv. 21-22), quatro em Dã (vv. 23-24) e duas na Manassés ocidental (v. 25). As quatro cidades em Dã se encontravam no território tribal ocidental original de Dã, não na região norte que os danitas conquistaram. A herança dos sacerdotes que não descendiam de Aarão incluía uma cidade de refúgio: Siquém, no território tribal de Efraim.

**As cidades gersonitas 21.27-33**

Os gersonitas ocuparam 13 cidades: duas na Manassés oriental (v. 27), quatro em Issacar (vv. 28-29), quatro em Aser (vv. 30-31) e três em Naftali (v. 32). A herança dos gersonitas incluía duas cidades de refúgio: Golã, na região de Basã, no território tribal de Manassés, e Cades, na região da Galiléia, no território tribal de Naftali.

**As cidades meraritas 21.34-42**

Havia 12 cidades nas quais os meraritas residiam: quatro em Zebulom (vv. 34-35), quatro em Rúben (vv. 36-37) e quatro em Gade (vv. 38-39). A herança dos meraritas incluía duas cidades de refúgio: Bezer, no território tribal de Rúben, e Ramote, na região de Gileade, dentro do território tribal de Gade.



Em resumo, os levitas receberam 48 cidades com seus pastos vizinhos, incluindo as seis cidades de refúgio (vv. 41-42). Deus organizou a distribuição das 48 cidades levíticas de tal forma que os levitas, aqueles cuja responsabilidade incluía ensinar e aconselhar os outros israelitas na Lei Mosaica, não ficavam distantes de ninguém em Israel. Eles precisavam ser capazes de fornecer uma influência espiritual positiva sobre toda a nação e, portanto, cumpririam a função divina como mediadores entre Deus e o povo.<sup>345</sup>

“Para o cristão, a distribuição das cidades levíticas de cada tribo ilustra o princípio de retornar a Deus uma porção daquilo que foi dado a eles. Estes presentes são, então, utilizados para ajudar outros que precisam e para encorajar a proclamação da fé (cf. At 2.44-47; Rm 15.26-27; Fp 4.10-18)”.<sup>346</sup>

<sup>345</sup> Veja Jacob Milgrom, “The Levitical Town: An Exercise in Realistic Planning”, *Journal of Jewish Studies* 33:1-2 (Primavera-Outono 1982):185-188; e B. S. J. Isserlin, “Israelite Architectural Planning and the Question of the Level of Secular Learning in Ancient Israel”, *Vetus Testamentum* 34:2 (Abril 1984):169-178.

<sup>346</sup> Hess, pág. 281.

“Cuide especialmente do clero pobre! Este é o tema complexo formado por Números 35 e Josué 21, juntamente com as leis deuterônômicas relevantes”.<sup>347</sup>

### **E. A FIDELIDADE DE DEUS 21.43-45**

Estes versículos concluem o relato da divisão da terra (caps. 13-21; cf. 1.2-6; 11.23). Eles também formam uma conclusão teológica para o livro inteiro, até este ponto do livro. Alguns intérpretes consideram esta passagem como a passagem-chave do livro, uma vez que ela enfatiza o tema da fidelidade de Deus ao cumprir Suas promessas a Josué (cf. 1.5-9; Sl 44.2-3).<sup>348</sup>

“A pequena seção resume o ponto teológico do Livro de Josué. O livro inteiro deve ser lido à luz destes três versículos, particularmente o último”.<sup>349</sup>

Estas afirmações parecem, inicialmente, dizer que, à esta altura, os israelitas obtiveram tudo aquilo que Deus prometeu aos patriarcas.<sup>350</sup> Este não era o caso.

“Apesar do fato de que muitas regiões do país ainda permaneceram nas mãos dos cananitas, a promessa da terra de Canaã deveria ser dada à casa de Israel como posse, pois Deus não havia prometido a destruição imediata e total dos cananitas, mas apenas extermínio gradual (Ex 23.29, 30; Dt 7.22). E mesmo que os israelitas nunca tenham entrado em posse incontestável de toda a terra prometida, em toda a extensão das fronteiras estabelecidas em Nm 34.1-2, nunca conquistando Tiro e Sidom, por exemplo, as promessas de Deus não foram mais quebradas por causa disso do que pela circunstância de que, após a morte de Josué e dos anciãos seus contemporâneos, Israel foi, por vezes, duramente pressionado pelos cananitas; já que o cumprimento completo desta promessa estava inseparavelmente ligado à fidelidade de Israel ao Senhor”.<sup>351</sup>

“É fato que os cananitas ainda estava de posse de algumas partes do país,

<sup>347</sup> Butler, pág. 232.

<sup>348</sup> P. ex.: Rea, pág. 227.

<sup>349</sup> Butler, pág. 236.

<sup>350</sup> Veja Philip Mauro, *The Hope of Israel*, págs. 62-75.

<sup>351</sup> Keil e Delitzsch, pág. 216.

mas eles foram tão dominados que não lhes incomodaram seriamente, e eles puderam se estabelecer com suas posses, desfrutando de um relativo descanso. Eles tinham a maior parte da terra em posse real que podiam ocupar e, à medida que aumentavam, Deus os capacitava, de acordo com Sua promessa, Ex 23.30, de levar adiante a obra de extermínio e de obter mais espaço para seu assentamento. Todas as garantias dadas a Josué, 1.5, de uma maré de vitórias bem-sucedidas durante sua vida, foram cumpridas, e quanto ao incômodo subsequente e à prevalência ocasional de seus inimigos, isso se deveu exclusivamente à insensibilidade e à infidelidade de Israel. Enquanto foram obedientes, eles foram uniformemente triunfantes e prósperos”.

Em 23.5, Josué indicou que havia mais terra a ser possuída pelos israelitas. Em 24.1-28, ele convocou o povo a se comprometer com uma renovação da Aliança Mosaica, para que pudessem ocupar e experimentar tudo que Deus havia prometido para seus ancestrais. Estas passagens confirmam que Josué não quis dizer, através da sua declaração da fidelidade de Deus aqui, que Israel já possuía tudo que Deus prometeu aos ancestrais.

“O significado da teologia do descanso de Deuterônimo é claramente visto aqui [no v. 44]. Descanso é paz, ausência de inimigos e de guerra. Veja o texto de Josué 1.12-18. O versículo é um equivalente ao capítulo 12, que concluiu a primeira porção do livro. Trata-se do cumprimento da promessa de Deus em Êxodo 33.14. Consequentemente, ambas as porções principais do livro terminam com uma declaração acerca da fidelidade de Deus ao derrotar completamente o inimigo”.<sup>352</sup>

O que Josué estava dizendo, no versículo 45, era que Deus foi fiel às Suas promessas até aquele momento. Ele prometeu a posse da terra, descanso de todos os lados e vitória sobre os inimigos. Israel experimentou tudo isso em alguma medida. Deus foi fiel às boas promessas que Ele fez a eles sete anos antes, quando eles se preparavam para atravessar o Rio Jordão (1.1-9). Mas ainda havia muito da Terra Prometida a ser possuída (23.4-5).

Era comum entre os semitas considerar uma parte do todo como sendo o todo (cf. Dt 26.5-10; 1 Rs 13.32; Jr 31.5; 2 Sm 5.6-10; Ap 14.1; 22.2; Rm 15.19-24). O nome para este ponto de vista é “universalismo representativo”. Alguns estudiosos desta passagem acreditam que o escritor estava aplicando este ponto de vista aqui. Ele estava falando em termos

---

<sup>352</sup> Butler, pág. 235.

universais. Ele considerava os reis, cidades e regiões individuais que foram subjugados como representantes de toda a terra de Canaã.<sup>353</sup>

### **III. OS ÚLTIMOS ATOS E A MORTE DE JOSUÉ CAPS. 22-24**

O restante do Livro de Josué lida com o estabelecimento do povo na terra (caps. 22-24). Há grande ênfase nestes capítulos na importância de se permanecer fiel a Deus (22.5, 16, 18-19, 25, 29, 31; 23.6, 8, 11; 24.14-16, 18, 21, 23-24). Esta ênfase cresce a partir do registro da fidelidade de Deus, declarado em 21.43-45.

“Cada um dos três capítulos finais descreve um único evento. À primeira vista, estes eventos parecem ser uma coleção aleatória do que sobrou da história: uma briga das tribos por causa de um altar, um discurso de despedida e outra cerimônia da aliança. Entretanto, ao examinarmos com mais cuidado, fica claro que todos os eventos se concentram numa questão específica, a adoração adequada ao Deus de Israel – como oferece-la e o que acontecerá com Israel caso ela não obedeça o que foi estipulado”.<sup>354</sup>

#### **A. O RETORNO DAS DUAS TRIBOS E MEIA PARA SUAS HERANÇAS CAP. 22**

As preparações de Josué para a conquista de Canaã começaram muito tempo antes, com sua convocação de duas tribos e meia para juntarem a seus irmãos, para ajuda-los nas batalhas a seguir (1.12-18). Agora Josué despediu as duas tribos e meia e permitiu que elas retornassem para sua herança de terras tribais a leste do Rio Jordão. Isto encerrou a tarefa de conquistar a tarefa de conquistar e dividir a terra.

22.1-8 Josué elogiou estes israelitas por sua fidelidade à promessa deles de ir lutar com seus irmãos (vv. 2-3; cf. 1.16-18). Ele também os cobrou de permanecerem fiéis à Lei Mosaica (v. 5). A obediência incluía a devoção completa a Yahweh.

“Este versículo [5] é o versículo-chave neste capítulo. Trata-se de outra declaração do tema do livro de que o povo deve ser fiel ao Senhor e obedecer Suas leis se quiser ser abençoado e viver na terra”.<sup>355</sup>

<sup>353</sup> Para um desenvolvimento desta percepção muito útil, veja A. J. Mattill Jr., “Representative Universalism and the Conquest of Canaan”, *Concordia Theological Monthly* 35:1 (1967):8-17.

<sup>354</sup> Hess, pág. 287.

<sup>355</sup> Madvig, pág. 355.



Josué, então, despediu estes israelitas com sua bênção (vv. 6-8).

22.9-12

Nesta seção, o escritor usou os termos “terra de Canaã” e a “terra de Gileade” como referência às terras a oeste e leste do Rio Jordão, respectivamente. Outros nomes para elas são Cisjordânia e Transjordânia. O altar que as duas tribos e meia construíram ficava no lado oeste do Jordão.

Estas tribos obviamente tencionavam que o altar que construíram fosse uma réplica do altar de bronze no pátio do templo em Siló (cf. v. 28). Se este foi o caso, é fácil compreender porque as outras tribos reagiram à sua construção de forma tão veemente. Inicialmente, elas entenderam este altar como sendo um tipo de ídolo, ou, pelo menos, um altar não autorizado para uma adoração não autorizada. Deus havia proibido a construção de altares na terra a parte daqueles que Ele havia ordenado (Dt 12.1-4).<sup>356</sup> Os cananitas construíram vários altares, mas esta não deveria ser a prática.

Quando os outros israelitas descobriram que duas tribos e meia fizeram, eles se prepararam para lutar contra elas (v. 12). Esta foi a ordem de Deus para os israelitas sempre que outros irmãos deles procurassem desviar Israel de Deus e da Sua lei (Dt 13.12-18).

“Num momento de compreensão errada, estamos prontos a lutar contra alguém que foi de grande bênção para nós – com aquele que compartilha uma alegre comunhão conosco”.<sup>357</sup>

22.13-20

Para o crédito deles, a grande parte dos israelitas não atacou impulsivamente primeiro as tribos e fez perguntas depois. Ao contrário, os israelitas ocidentais enviaram uma delegação dos seus homens principais para persuadir seus irmãos e escolherem um curso de ação diferente.

“Um exemplo nobre de moderação, paciência e bondade, brota desta conduta. Quantas rixas infelizes poderiam ser evitadas por meio de precauções semelhantes,

<sup>356</sup> Woudstra, pág. 320.

<sup>357</sup> Palau, pág. 123.

simplesmente perguntando calmamente qual o significado da questão da ofensa! Quão frequentemente algumas poucas palavras de palavras de explicação franca sufocam a semente das mais iracundas controvérsias, brigas violentas e perseguições amargas! Ao simplesmente adotar a conduta prudente de Israel nesta ocasião, família, igrejas e comunidades podem, em inúmeras circunstâncias, evitar muita inveja, inimizade, discórdia, guerras e derramamento de sangue”.<sup>358</sup>

Fineias acompanhou este grupo de israelitas ocidentais (v. 13). A presença dele e dos representantes das tribos ocidentais teria impressionado as tribos orientais com a importância da delegação. Ela também teria lembrado a eles da guerra com os midianitas, na qual Fineias surgiu como uma pessoa proeminente (Nm 25; 31). Os israelitas fizeram referência a aquela guerra aqui (“incidente de Peor”, v. 17). Eles também mencionaram a transgressão de Acã (v. 20), para advertir as tribos orientais (Gileade) que Deus puniria a desobediência à lei. Os israelitas ocidentais acreditavam que toda a nação experimentaria a disciplina de Deus caso este ato de rebeldia não fosse punido (v. 18).

#### 22.21-29

Os líderes de Gileade explicaram que a motivação deles não era utilizar o altar para promover o distanciamento de Yahweh ou do tabernáculo. Pelo contrário, era fazer um memorial da unidade das 12 tribos para gerações futuras. Obviamente, os israelitas edificaram outros memoriais com este mesmo propósito: no Rio Jordão, em Gilgal (cap. 4) e no Monte Ebal (8.30-35). Entretanto, Deus não havia ordenado a construção deste altar, como fez com outros monumentos. Por outro lado, Ele fez provisão para a preservação da unidade da nação chamando todos os homens de Israel de volta ao tabernáculo três vezes por ano. Ele também fez isso por meio dos memoriais e altares de pedra que ordenou.

“A combinação dos três nomes de Deus – El, o poderoso; Elohim, o Ser Supremo a ser temido; e Yahweh, Aquele que existe verdadeiramente, o Deus da aliança (v. 22) – serve para fortalecer a invocação de Deus, como no Salmo 1.1; e

---

<sup>358</sup> Bush, pág. 194.

isto é fortalecido ainda mais pela repetição destes três nomes”.<sup>359</sup>

22.30-34 A explicação dos gileaditas aliviou e satisfez Fineias e seus companheiros. Eles ficaram felizes em descobrir que seus irmãos não estavam apostatando e que a nação não cairia em disciplina divina. Sendo assim, a delegação permitiu que aquele altar permanecesse ali e aparentemente sentiu que a presença dele faria mais bem do que mal.

Os israelitas provavelmente não teriam permitido que este altar ficasse ali. Deus não havia ordenado a construção dele. No futuro, outros povos interpretariam errado a existência deste altar – como alguns já haviam feito. Embora não exista registro nas Escrituras de que este altar específico tenha se tornado uma armadilha idólatra para os israelitas, a prática de construir altares continuou em Israel. Esta prática resultou no enfraquecimento dos elos tribais e na devoção a Yahweh, ao invés de fortalecer as duas coisas (p. ex.: Jz 17.5).

“Que tipo de ‘testemunha’ era esta enorme pilha de pedras? Será que ela era uma testemunha da unidade da nação e da obediência das tribos transjordânicas? Não. Ela era uma testemunha da *conveniência*, a sabedoria do homem tentando desfrutar ‘do melhor dos dois mundos’. Duas tribos e meia falaram piedosamente sobre seus filhos, mas foi a riqueza delas que realmente motivou a decisão deles de viver a leste do Jordão”.<sup>360</sup>

Este incidente ilustra o fato de que – por vezes – uma ação feita com a melhor motivação e por propósitos dignos pode resultar em condições piores e não melhores. Este pode ser o resultado se o povo não compreender claramente e obedecer cuidadosamente toda a vontade revelada de Deus. Este tipo de erro normalmente é resultado do entusiasmo causado por uma bênção anterior, como é o caso aqui.

Todavia, as principais lições deste capítulo são positivas. O zelo das duas tribos e meia pela unidade da nação e a pureza da fé delas foi louvável. A indisposição dos outros israelitas de julgar a motivação dos seus irmãos com base na evidência da circunstância também é algo admirável. Além disso, aprendemos que uma confrontação gentil, aliada a uma discussão franca a respeito do problema, pode normalmente resultar na resolução de uma

---

<sup>359</sup> Keil e Delitzsch, pág. 220.

<sup>360</sup> Wiersbe, pág. 79.

compreensão equivocada (cf. Pv 15.1).<sup>361</sup> Os israelitas lidaram sabiamente com uma situação que poderia ter dividido o povo de Deus. Felizmente, eles foram capazes de continuar seguindo a Deus fielmente e em unidade.

### **B. O DISCURSO DE DESPEDIDA DE JOSUÉ AOS ISRAELITAS CAP. 23**

Josué havia chegado ao que ele acreditava ser os últimos dias da sua vida. Antes de morrer, ele desejou falar a toda a nação, assim como Moisés fez antes da sua morte (Dt 31). Sendo assim, ele reuniu todos os líderes do povo de cada tribo de Israel (v. 2).

As experiências de Josué repetiram as de Moisés em várias características. Ambos os homens conduziram os israelitas através de um corpo de água. Ambos encontraram a Deus em uma teofania. Ambos seguraram seus cajados num momento crucial de batalha. Ambos construíram altares para o SENHOR. Ambos fizeram discursos de despedida aos israelitas semelhantes em seu conteúdo.

“O conteúdo [do discurso de despedida de Josué aqui]... está relacionado com aquele da cerimônia de renovação, mas, novamente, de uma maneira distinta. A liturgia da renovação da aliança se tornou o sermão de um líder prestes a morrer”.<sup>362</sup>

Compare o Livro de Deuteronômio, que menciona os sermões de Moisés antes de ele morrer. O discurso de Josué também consistiu de duas partes. A estrutura de duas partes é paralela, e os conteúdos são similares.

“Diferente de outros textos de narrativa, este não possui um contexto no tempo e no espaço. Ele simplesmente conecta a 13.1, quando Josué estava velho, e 21.44, quando Deus deu o descanso. Consequentemente, o contexto marca Israel no momento com o qual ela sonhava desde o Êxodo (Ex 33.14). Mas ele também marca a crise da transição de liderança. A mensagem seguinte é, ao mesmo tempo, uma de prosperidade, e também uma mensagem para crise”.<sup>363</sup>

#### **1. Um lembrete das bênçãos passadas 23.1-13**

Josué lembrou os israelitas da fidelidade contínua de Deus ao lutar por eles e dar a eles a vitória sobre os inimigos, conforme havia prometido, enquanto obedeceram Sua aliança

<sup>361</sup> Campbell, *No Time...*, pág. 131.

<sup>362</sup> Butler, pág. 253.

<sup>363</sup> *Ibid.*, pág. 254.

para a nação. Josué convocou o povo a permanecer leal e prometeu a eles que Deus expulsaria fielmente os cananitas que ainda restavam na terra (vv. 4-7, 12-13).

“Josué passou a Israel o segredo do sucesso e da prosperidade que o Senhor havia passado a ele no início da conquista [1.6-7, 9, 18]. A promessa de Deus [em relação à *ocupação* da terra] não era incondicional; a fidelidade de Israel se fazia necessária”.<sup>364</sup>

“Fazer menção aos nomes dos ídolos [v. 7] (Ex 23.13), jurar por eles, servi-los (por meio de sacrifícios) e prostra-se perante eles (invoca-los em oração) são as quatro formas externas de adoração a uma divindade”.<sup>365</sup>

“Para Israel, Yahweh reivindicou cumprir todas as funções para as quais as outras nações precisavam de uma multidão de deuses. O problema era que Israel jamais poderia vir a crer totalmente na reivindicação. Ela buscou constantemente os favores dos deuses que alegaram dar fertilidade à terra muito antes de Israel nela entrar ou dos deuses que pareciam ter poderio militar naquele momento”.<sup>366</sup>

“A única preocupação de Josué parecia ser as nações que ainda estavam ali. Por sete vezes ele faz referência às nações na terra”.<sup>367</sup>

Ocasionalmente é possível ver uma borboleta-monarca perseguindo um pássaro. Isto é muito incomum, uma vez que normalmente são os pássaros que perseguem e comem as borboletas. Mas Deus protegeu as borboletas-monarca dando a elas um sabor que deixa doentes os pássaros. Semelhantemente, Ele é capaz de fazer com que Seus filhos derrotem seus inimigos espirituais – mesmo que Seus filhos sejam atacados e estejam em menor número.

A nação como um todo foi fiel a Deus durante a administração de Josué. Portanto, ele não mencionou pecados e fracassos individuais aqui. Tal como Moisés, Josué instruiu o povo a amar e a obedecer a Yahweh (v. 11).

“Aquilo que fazemos na religião precisamos fazer a partir do princípio do

---

<sup>364</sup> Madvig, pág. 362.

<sup>365</sup> Keil e Delitzsch, pág. 224.

<sup>366</sup> Butler, pág. 255.

<sup>367</sup> Meyer, pág. 194.

amor, e não por constrangimento ou por um temor servil de Deus, mas por escolha pessoa e com deleite”.<sup>368</sup>

Josué também lembrou seus ouvintes acerca das terríveis consequências de se fracassar na obediência a Deus por amor (vv. 12-13).

“Se Israel não faz a sua parte, então Deus não faz a dEle. Eis aqui o perigo da liberdade. Deus busca a livre resposta de amor do homem. Deus faz a Sua parte para merecer e receber tal amor. Deus não força Sua atenção sobre o homem. Mas aquele que ignora as reivindicações de Deus receberá a punição dEle”.<sup>369</sup>

A geração de Josué foi, provavelmente, a mais fiel em toda a história de Israel.

“O grande perigo de atravessar o Rio Jordão, enfrentar um inimigo numa terra estrangeira, encontrar o desconhecido a todo momento e dar de cara com o medo a todo momento, manteve Israel próxima ao SENHOR. Josué reconhece que agora, uma vez que eles entraram no descanso e estava desfrutando prosperidade e plenitude, eles se desviariam de Deus. Esta é a história da natureza humana. Isso nunca muda”.<sup>370</sup>

## **2. Uma advertência de possíveis maldições futuras 23.14-16**

Nesta seção de resumo, Josué reafirmou de maneira concisa as principais ideias já expressadas em maiores detalhes. A advertência dele ao povo foi forte. Deus seria justo e fiel ao enviar disciplina sobre o Seu povo, caso o povo transgredisse Sua aliança no futuro, assim como Ele enviou bênção porque eles foram obedientes no passado.

O sucesso inicial da conquista deveu-se às bênçãos de Deus sobre Seu povo *obediente*. O extermínio completo dos cananitas e a plena posse e desfrute da terra por parte de Israel, exigiria a mesma obediência. A motivação para a obediência deveria ser a gratidão.

Semelhantemente, a obediência, a lealdade e o amor atuais do cristão (cf. vv. 6, 8, 11) devem surgir naturalmente, a partir da apreciação pela fidelidade de Deus no passado, bem como da confiança em Suas promessas para o futuro.

<sup>368</sup> Henry, *Commentary on...*, pág. 238.

<sup>369</sup> Butler, pág. 256.

<sup>370</sup> McGee, 2:40.

### **C. ISRAEL RENOVA A ALIANÇA PELA SEGUNDA VEZ 24.1-28**

“Josué não se contentou meramente com uma série de admoestações para orientar a Israel depois da sua morte. O vigésimo-quarto capítulo descreve uma renovação formal da aliança executada na região de Siquém [cf. cap. 8] com o propósito de obter um compromisso vinculante da parte do povo de Israel para com a Palavra escrita de Deus”.<sup>371</sup>

A estrutura do discurso de Josué em relação à renovação da aliança é semelhante ao típico tratado de suserania hitita. Ele inclui um preâmbulo (vv. 1-2a), um prólogo histórico (vv. 2b-13), estipulações para os vassallos com consequências para a desobediência (vv. 14-24) e a redação de um acordo (vv. 25-28).

“Josué 24 completa o livro dando a definição teológica do povo de Deus. Aqui encontramos subitamente linguagem teológica altamente carregada, definindo a Deus e o relacionamento Deus-homem. Isto torna este capítulo um dos mais importantes capítulos do AT para teólogos bíblicos”.<sup>372</sup>

“Num livro cheio de momentos dramáticos, a cerimônia prestes a acontecer marca seu clímax literário”.<sup>373</sup>

#### **1. Preâmbulo 24.1**

Siquém era uma localização estratégica para esta cerimônia importante. Foi em Siquém que Deus apareceu pela primeira vez a Abraão quando ele entrou em Canaã e onde Ele prometeu a Ele aquela terra. Em resposta a esta promessa, Abraão construiu seu primeiro altar a Yahweh ali na terra (Gn 12.7). Jacó enterrou seus ídolos em Siquém, depois de retornar à Terra Prometida vindo de Padã-Arã. Ele fez de Siquém o seu lar e construiu um altar a Yahweh ali (Gn 33.18-20); anos mais tarde, Deus o levou para Betel (Gn 35.1-4) onde ele construiu outro altar.

“Assim como Jacó escolheu Siquém para a santificação da sua casa, porque este lugar já havia sido consagrado por Abraão como um santuário de Deus, Josué escolheu o mesmo lugar para a renovação da aliança, pois este ato envolvia uma renúncia prática por parte de Israel de toda idolatria”.<sup>374</sup>

<sup>371</sup> Davis, págs. 87-88.

<sup>372</sup> Butler, pág. 278.

<sup>373</sup> Hubbard, pág. 547.

<sup>374</sup> Keil e Delitzsch, págs. 226-227.

Foi também em Siquém que a mesma geração de israelitas a quem Josué agora falava, se dedicou à Aliança Mosaica pouco tempo depois de entrar na terra (8.30-35). Eles mesmo construíram um altar neste lugar.

“Para o cristão, a apresentação regular diante de Deus em adoração é uma característica essencial de uma vida de fé (Hb 10.25)”.<sup>375</sup>

## **2. Prólogo histórico 24.2-13**

Josué apresentou o que vem a seguir como sendo palavras de Yahweh, o Deus de Israel (v. 2). Ele, então, continuou lembrando dos grandes atos de Deus em favor do Seu povo, voltando até ao chamado de Abraão na Mesopotâmia.

O rio em questão (v. 2) é o Eufrates. Os membros da família de Abraão eram idólatras na Mesopotâmia e é seguro dizermos que Abrão provavelmente também era.

“As palavras neste versículo [v. 2] são utilizadas na celebração da Páscoa dos judeus ao redor do mundo inteiro hoje”.<sup>376</sup>

O chamado de Deus a Abraão (Abrão) foi puramente pela graça (v. 3); não havia nada em Abraão que fizesse com que Deus o escolhesse para uma bênção especial. Josué provavelmente mencionou Naor porque Rebeca, Lia e Raquel vieram dele. Duas das nações que vieram de Abraão eram Israel e Edom (“Jacó” e “Esaú”, v. 4).

O Êxodo foi a segunda grande prova da graça de Deus para com Israel (vv. 5-7). A provisão de Moisés e Arão, bem como o envio das pragas, foram dádivas especiais para o Seu povo para libertá-lo da escravidão no Egito. O livramento de Israel do Egito, incluindo a travessia do Mar Vermelho e o afogamento do exército do faraó, bem como a preservação no deserto, todos foram demonstrações da fidelidade de Deus durante este período da história de Israel.

O terceiro grande ato de Deus em favor de Israel foi a vitória dos israelitas sobre os amorreus a leste do Rio Jordão (vv. 8-10). Durante aquele momento, Deus também frustrou a hostilidade de Moabe (do rei Balaque) para com o povo de Deus mudando os oráculos de maldição de Balaão em oráculos de bênçãos (“fiz que ele os abençoasse”, v. 10).

<sup>375</sup> Hess, pág. 300.

<sup>376</sup> *The Nelson...*, pág. 393.



A quarta provisão divina foi a travessia do Rio Jordão e a vitória posterior sobre os cananitas (vv. 11-13). Deus provavelmente derrotou os inimigos de Israel utilizando vários terrores semelhantes a vespas (v. 12; Ex 23.28; Dt 7.20), quem sabe até as notícias assustadoras das conquistas anteriores de Israel (cf. 2.9-11).<sup>377</sup> Outras visões acerca das “vespas” são o exército e o faraó – cujos símbolos incluíam uma abelha ou um ferrão – ou quem sabe ferrões reais.<sup>378</sup>

Nesta seção de versículos (vv. 2-13), Deus disse 17 vezes: “Eu” fiz tal e tal coisa por vocês. A ênfase encontra-se claramente nos grandes atos de Deus por Israel (cf. Dt 6.10-11).

### **3. Estipulações da aliança 24.14-24**

Com base nos grandes atos de Deus por eles, Josué encorajou os israelitas a se comprometerem novamente com Deus (cf. Rm 12.1-2). Embora Israel não fosse culpada de idolatria neste momento da sua história como foi mais tarde, este pecado existia na nação em certa medida (“Lancem fora os ídolos que seus antepassados serviam quando viviam além do Eufrates e no Egito”, v. 14; cf. Lv 17.7).

A oferta de Josué para escolher que deus os israelitas iriam servir (v. 15) não era, obviamente, um encorajamento para considerar os ídolos como uma opção igualmente aceitável para Yahweh. Trata-se simplesmente de um instrumento de oratória (i.e., polarização) para ajudar os israelitas a distinguir entre suas escolhas e para tomarem a escolha mais óbvia. Como um verdadeiro líder, Josué anunciou seu compromisso e sua escolha, e ao fazer isso, ele encorajou o povo a seguir o seu exemplo.

“Sendo assim, ao longo de todo o Livro de Josué encontramos uma ênfase na escolha – escolha esta que faz tremenda diferença na história, para pessoas, para grupos e para futuras gerações”.<sup>379</sup>

O povo respondeu se comprometendo com Yahweh (vv. 16-18). As pessoas estavam se comprometendo, pelo menos vocalmente, a se juntarem a Josué no serviço ao SENHOR. Entretanto, Josué não quis que o povo tomasse sua decisão de forma ingênua.

“A grande necessidade da maioria dos cristãos é aprender que neles mesmos, eles são *incapazes* de ser as pessoas que Deus deseja que

<sup>377</sup> Wiersbe, págs. 84-85.

<sup>378</sup> *The Nelson...*, pág. 394.

<sup>379</sup> Schaeffer, pág. 213.

sejam”.<sup>380</sup>

Portanto, Josué lembrou o povo acerca das dificuldades envolvidas em seguir ao SENHOR (vv. 19-20). Os israelitas não seriam capazes de servir ao Senhor por suas próprias forças: simplesmente determinando fazê-lo por meio da sua força de vontade (cf. Ex 19.8). Eles sempre teriam de lembrar que o Deus deles era santo e zeloso (i.e., não permitindo qualquer deus rival nas afeições do povo de Deus). Ele não perdoaria as transgressões ou pecados deles (v. 19).

“Quando é que Deus não poupa (perdoa)? (1) Quando a transgressão e pecado é deliberadamente cometido, e quando (2) o perdão, conforme Ele vê, não leva a qualquer mudança”.<sup>381</sup>

O povo confirmou sua decisão anterior (v. 21) e Josué o lembrou de que eles eram testemunhas contra eles mesmos na renovação desta aliança (v. 22). Portanto, eles mesmos se condenariam – por seu próprio juramento naquele dia – caso abandonassem ao SENHOR. Os pais deles fizeram as mesmas promessas quando Deus lhes deu a Lei Mosaica (Ex 24.3, 7), mas eles se provaram infiéis no Monte Sinai e no deserto.

Josué, então, repetiu sua ordem para lançar fora os ídolos (“deuses estranhos”, ARA), físicos e mentais, e inclinar o coração exclusivamente para Yahweh (v. 23). Novamente – pela terceira vez agora – os israelitas se comprometeram a seguir ao SENHOR fielmente (v. 24).

À medida que a história de Israel continuou, eles se mostraram infiéis à promessa que fizeram de servir e obedecer ao SENHOR de todo o coração, conforme os livros seguintes do Antigo Testamento atestam. De fato, este foi o registro triste de toda a história humana.

#### **4. Provisões para a preservação da aliança 24.25-28**

A aliança que Josué fez com o povo neste dia não foi uma aliança nova, mas outra renovação da Aliança Mosaica, que foi feita pela primeira vez no Monte Sinai (v. 25). Os israelitas haviam renovado esta aliança, vez após vez, depois que ela foi dada por Deus a eles (cf. 8.30-35).

O “estatuto” que Josué fez foi um compromisso escrito do povo de obediência à Lei (v. 25).

<sup>380</sup> Jacobsen, pág. 114.

<sup>381</sup> J. P. Lange, editor, *Commentary on the Holy Scriptures*, 2:187.

O “direito” era o registro escrito das bênçãos que Israel desfrutaria como fruto de sua obediência. O “Livro da Lei de Deus” (v. 26) parece ter sido um documento no qual Josué escreveu sobre esta renovação da aliança. Obviamente, Josué a colocou junto com a própria aliança previamente escrita.<sup>382</sup> A “grande pedra” (v. 26) levantada se tornou um memorial permanente da, e um monumento à, renovação da aliança que ocorreu neste dia (cf. Gn 28.18; Dt 27.2).

Josué colocou a pedra debaixo do “carvalho” que foi a mesma árvore, ou uma que representasse, o carvalho debaixo do qual Abraão construiu seu altar e adorou a Yahweh. Jacó enterrou seus ídolos sobre um carvalho em Siquém – quem sabe nesta mesma árvore (Gn 12.6-7; 35.2-4). O “santuário” (v. 26) era este santo lugar memorial singular, e não o tabernáculo que estava em Siló.

A própria pedra memorial não tinha ouvido literalmente tudo o que tinha acontecido naquele dia (v. 27), mas ela permaneceria no mesmo lugar a partir de então, como um lembrete silencioso dos acontecimentos. Josué atribuiu retoricamente aqui características humanas à pedra (i.e., personificação) – para reforçar a seriedade do compromisso que os israelitas fizeram para com Yahweh. Ele, então, despediu a nação (v. 28).

“Uma grande pedra que data do Final da Idade do Bronze (isto é, praticamente o momento representado nesta história) foi encontrada em Siquém e é, possivelmente, a pedra aqui mencionada”.<sup>383</sup>

Esta cerimônia foi muito importante para os israelitas porque nela toda a nação reafirmou o seu compromisso com Yahweh como Deus dela e a Sua aliança como lei da nação. Israel agora se preparava para outro momento da sua existência nacional – mas desta vez, sem um líder escolhido por Deus, como foram Moisés e Josué. Era importante que Israel lembrasse da fidelidade do seu Deus e que ela se dedicasse novamente à uma lealdade exclusiva a Ele.

Cada tribo deveria agora exterminar os cananitas em seu próprio território de herança, confiando em Yahweh e obedecendo Sua aliança. Deus levantaria líderes tribais locais (chamados juízes), quando enxergasse uma necessidade para eles, de forma a fornecer uma liderança especial em momentos difíceis. Com o nível de compromisso que os israelitas tinham à esta altura, não havia motivo para falharem em possuir e experimentar

<sup>382</sup> Cf. Merrill, “Joshua”, pág. 177.

<sup>383</sup> *The Nelson...*, pág. 395.

tudo o que Deus havia prometido a eles nos anos vindouros.

<b>NOVE MARCOS MEMORIAIS EM JOSUÉ</b>	
As pedras no meio do Rio Jordão	4.9
As pedras na parte ocidental do Rio Jordão	4.20-24
As pedras no Vale de Acor	7.26
O monte de pedras em Ai	8.29
O altar no Monte Ebal	8.30
As pedras da Lei no Monte Ebal	8.32
As pedras na caverna de Maqedá	10.27
O altar construído pelas tribos transjordanianas	22.10
A pedra de testemunho de Josué	24.26-28

#### **D. A MORTE E O SEPULTAMENTO DE JOSUÉ E ELEAZAR 24.29-33**

Os últimos versículos registram o final da vida e do ministério de Josué, que encerraram uma era importante e bem-sucedida de Israel. O sucesso de Israel continuou enquanto os anciãos, que serviram Israel e o Deus de Israel junto com Josué, viveram (v. 31).

Josué morreu pouco tempo depois da renovação da aliança que acabara de ser descrita (vv. 1-28). Ele tinha 110 anos (v. 29), a mesma idade com a qual José faleceu (Gn 50.26). Obviamente, Josué morreu em cerca de 1366 a.C.<sup>384</sup>, embora Josefo tenha escrito que ele serviu como comandante de Israel por 25 anos depois da morte de Moisés.<sup>385</sup> Deus usou grandemente a Josué, assim como Ele usou grandemente a José, para livrar o Seu povo. Deus não registrou falhas morais nas vidas destes dois homens notáveis nas Escrituras.

“Quem sabe a característica mais notável do homem Josué era sua coragem impressionante. ... Entretanto, o sucesso real de Josué provavelmente repousa no fato de que ele era um homem cheio do Espírito (Nm 27.18; cf. Dt 34.9)”.<sup>386</sup>

“O epitáfio de Josué não foi escrito numa pedra de mármore. Ele foi escrito na vida dos líderes que ele influenciou e do povo que ele liderou. Ele serviu a Yahweh. Ele é o clímax teológico para o tema apresentado em 22.5 e repetido como um coro em 23.7, 16; 24.14, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 24.

<sup>384</sup> Merrill, *Kingdom of...*, pág. 147.

<sup>385</sup> Josefo, 5:1:29.

<sup>386</sup> Davis, pág. 25.

Ironicamente, o ministro de Moisés levou o povo à obediência a Yahweh, enquanto Moisés viu apenas murmuração e rebeldia perpétuas do povo (cf. Dt 31.27). Até o próprio Moisés teve de morrer fora da Terra Prometida”.<sup>387</sup>

“Hoje uma caverna escavada na rocha e uma pedra meio oval a noroeste de Ariel e próximo à vila árabe de se propõe a marcar o túmulo de Josué e Calebe. Israelitas modernos se juntam para orar naquele lugar no dia 5 de maio, a data que a tradição coloca para a morte de Josué”.<sup>388</sup>

Obviamente, o escritor incluiu o registro do sepultamento dos ossos de José aqui (v. 32) porque o Livro de Josué é um testemunho notável para a fidelidade de Deus. José contava com a fidelidade de Deus para levar os israelitas à terra e havia pedido que, quando isso ocorresse, seus descendentes enterrassem ali seus ossos. O sepultamento dos ossos de José pode ter ocorrido antes, quando os descendentes dele receberam Siquém por herança. Este sepultamento cumpriu a promessa que os herdeiros de José fizeram a ele antes da sua morte, de que eles sepultariam seus ossos em Canaã (Gn 50.25). Deus estava recompensando a fé de José neste momento.

A morte e sepultamento de Eleazar também foram significativos porque, como sumo-sacerdote de Israel e líder junto com Josué, durante este período recente da história, Eleazar era uma pessoa muito importante. Como sumo-sacerdote de Israel, ele era mais importante do que as breves referências ao seu ministério parecem sugerir.

“Três sepultamentos – parece uma forma estranha de encerrar o Livro de Josué! Mas estas três sepulturas pacíficas testificam a fidelidade de Deus, pois Josué, José e Eleazar viveram numa nação estrangeira onde foram recipientes da promessa de Deus de levar Seu povo de volta a Canaã. Agora todos os três estavam descansando *dentro* das fronteiras da Terra Prometida. Deus manteve Sua palavra com Josué, José e Eleazar – e para com toda a Israel. E por meio disto somos encorajados a contar com a fidelidade infalível de Deus”.<sup>389</sup>

Conseqüentemente, a era de Josué chegou ao fim. Este período da história de Israel foi o seu maior até agora. Esta geração de israelitas havia seguido ao SENHOR mais fielmente do que seus pais – embora não 100 por cento fielmente. Por isso, eles experimentaram a

---

<sup>387</sup> Butler, pág. 283.

<sup>388</sup> Hubbard, pág. 592.

<sup>389</sup> Campbell, *No Time...*, pág. 142.

bênção de Deus de forma maior do que a geração anterior ou que muitas gerações posteriores à deles.

“Depois de Josué, a história de Israel caminha para uma descendente [até Davi]. Assim sendo, Josué 24 marca o ponto alto da história de Israel, a plena realização da sua identidade como povo de Deus”.<sup>390</sup>

---

<sup>390</sup> Butler, pág. 269.

## Conclusão

O Livro de Josué demonstra que Deus está sempre em guerra com o pecado. Ele odeia o pecado e irá julgá-lo, não apenas porque ele ofende ao Seu caráter, mas porque ele destrói as pessoas que Deus criou para terem comunhão com Ele.

Josué é um livro muito positivo. Ele é um livro de vitória, sucesso e progresso. Ele também ensina os motivos para estas bênçãos. Deus escolheu os israelitas, pela Sua graça, para receber bênção de Suas mãos e para serem bênção para muitos outros povos. Como Israel antecipou a entrada no que Deus tinha para ela, ela recebeu promessas especiais de Deus. O Senhor prometeu aos israelitas a Sua presença (1.5; cf. Mt 28.20) e o Seu poder (1.5; cf. 2 Co 12.9). Enquanto aceitaram os padrões de Deus de santidade, abandonaram a sua vontade para fazer a vontade de Deus e reconheceram Seu poder, os israelitas foram bem-sucedidos. Enquanto os israelitas se comprometeram com a Pessoa e com a aliança de Yahweh, eles prosperaram.

“Assim, o Livro de Josué é um maravilhoso livro de sucesso, com poucos registros de sofrimento por parte do povo de Deus, pois a nação era obediente ao Senhor. Entretanto, os poucos incidentes de falta de obediência completa mencionados acima [i.e., Acã, e os gibeonitas] demonstra que a bênção plena para todos exige obediência plena de todos”.<sup>391</sup>

Os princípios perenes de vitória, revelados e ilustrados no Livro de Josué a todos que estudam seriamente o seu texto, ainda se aplicam a todos que fazem parte do povo de Deus.

“A mensagem prática do Livro de Josué é que Deus cumpre Suas promessas e capacita Seus servos a terem êxito caso confiem nEle e obedeçam a Sua Palavra”.<sup>392</sup>

---

<sup>391</sup> Stephen J. Bramer, “Suffering in the Historical Books”, em *Why, O God? Suffering and Disability in the Bible and the Church*, págs. 102-103.

<sup>392</sup> Wiersbe, pág. 90.

## **Apêndice**

### **Uma História Geográfica Moderna de Canaã**

Antes de 1948, a Palestina (o nome moderno da terra que Deus prometeu a Israel) estava sob o controle do Império Britânico e era administrada pelo então chamado Mandato Britânico. Em 1948, as Nações Unidas criaram o Estado de Israel. Em 1967, Israel venceu a Batalha dos Seis Dias, que ocorreu em 5-10 de junho. Israel lutou esta batalha em três frentes ao simultaneamente: contra o Egito, a Jordânia e a Síria.

O front do Sinai era contra o Egito e o presidente Nassar. Antes da guerra, a fronteira sul de Israel ia da Faixa de Gaza até Eilat. O Sinai pertencia ao Egito. Ao final da guerra, toda a Península do Sinai estava nas mãos de Israel.

A ofensiva da Cisjordânia ocorreu contra a Jordânia. Durante 19 anos antes da guerra, Jerusalém tinha sido dividida (como a Berlim quando no regime do comunismo) com a Jordânia e Israel controlando porções diferentes. Israel não tinha acesso ao Muro das Lamentação naquela época. Ao final, toda a Cisjordânia estava sob controle de Israel como resultado da batalha. Hebrom, na parte sul da Cisjordânia, tinha estado sob o controle da Jordânia – mas ela cedeu sem um único tiro sendo disparado.

O front das Colinas de Golã era contra a Síria. A Síria havia dominado a região a leste e norte do Mar da Galiléia, até o Monte Hermom, durante 20 anos. Israel a controlou depois de uma difícil batalha.

A vitória deu a Israel as Colinas de Golã, a Cisjordânia, a Faixa de Gaza e a Península do Sinai. Como resultado da Guerra dos Seis dias, Israel quase quadruplicou a sua área.

A Guerra do Yom Kippur ocorreu em 6-24 de outubro, em 1973. O Egito e a Síria atacaram Israel forma simultânea e inesperada para reaver o Sinai e as Colinas de Golã.

O Egito atacou a linha Bar-Lev na costa leste do Canal de Suez e começaram a entrar no Sinai, região toda que pertencia a Israel antes de 1973. Após vários dias, Israel recuperou sua força, conteve o Egito, expulsou os soldados egípcios e cruzou o Canal de Suez até o Egito. Em outras palavras, Israel perdeu e recuperou a Península do Sinai durante esta batalha.

A Síria penetrou as Colinas de Golã, mas foi incapaz de reavê-la depois de uma batalha



árdua dos dois lados. Israel empurrou a Síria de volta até Damasco.

O Conselho de Segurança das Nações Unidas encerrou esta guerra. Menachem Begin, de Israel, e Anwar Sadat, do Egito, ambos reivindicaram a vitória. Sadat reabriu o Canal de Suez em junho de 1975. Nos Acordos de Camp David, em 1978, o presidente norte-americano, levou Begin e Sadat à reconciliação. Israel e Egito, então, dividiram o Sinai entre eles. Os extremistas árabes assassinaram Sadat pouco tempo depois deste acordo.

Durante os anos desde 1973, os palestinos têm ocupado cada vez mais o Estado de Israel e obtido mais poder. Hoje é muito perigoso se aventurar em muitas das principais cidades, particularmente na Faixa de Gaza e na Cisjordânia, por causa da hostilidade entre árabes e israelenses. Hebrom, Jericó e Siquém (Nablus) são, atualmente, fortalezas palestinas. O Egito controla toda a Península do Sinai.<sup>393</sup>

---

<sup>393</sup> Para outro breve relato do controle de Canaã, desde a época de Cristo até 1986, veja Ronald Stockton, "Possessing the Land: a chronology of events in the dispute over Palestine", *Christianity Today*, 18 de abril de 1986, pág. 19.

## Bibliografia

- A Bíblia Sagrada: Almeida Revista e Atualizada. Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- A Bíblia Sagrada: Almeida Revista e Corrigida. Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.
- A Bíblia Sagrada: Bíblia King James.
- A Bíblia Sagrada: Nova Almeida Atualizada. Editora Vida, 2017.
- A Bíblia Sagrada: Nova Versão Internacional. Editora Vida, 2001.
- A Bíblia Sagrada: Nova Versão Transformadora. Editora Mundo Cristão, 2017.
- Aharoni, Yohanan. "The Province-List of Judah". *Vetus Testamentum* 9 (1959):225-246.
- Aharoni, Yohanan, e Michael Avi-Yonah. *The Macmillan Bible Atlas*. Revised ed. New York: Macmillan Publishing Co., 1977.
- Albright, William Foxwell. *Archaeology and the Religion of Israel*. Fifth ed. Baltimore: Johns Hopkins Press, 1968.
- \_\_\_\_\_. *The Archaeology of Palestine*. 1949. Revised ed. Pelican Archaeology series. Harmondsworth, Middlesex, England: Penguin Books, 1956.
- Archer, Gleason L., Jr. *Encyclopedia of Bible Difficulties*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1982.
- \_\_\_\_\_. "Old Testament History and Recent Archaeology From Moses to David". *Bibliotheca Sacra* 127:506 (Abril-Junho 1970):99-115.
- \_\_\_\_\_. *A Survey of Old Testament Introduction*. Revised ed. Chicago: Moody Press, 1964, 1974.
- Armerding, Carl. *Conquest and Victory*. Chicago: Moody Press, Moody Pocket Books, 1967.
- Baxter, J. Sidlow. *Explore the Book*. 1960. One vol. ed. Grand Rapids: Zondervan Publishing

- House, 1980.
- Beek, M. A. "Rahab in the Light of Jewish Exegesis". Em *Von Kanaan bis Kerala*, págs. 37-44. Editado por W. C. Delsman, et al. Kevelaer, Germany: Verlag Butzer and Bercker, 1982.
- Begg, Christopher T. "The Function of Josh 7, 1-8, 29 in the Deuteronomistic History". *Biblica* 67:3 (1986):320-334.
- Beitzel, Barry J. *The Moody Atlas of Bible Lands*. Chicago: Moody Press, 1985.
- Bonar, Andrew A. *Memoir and Remains of Robert Murray McCheyne*. London: Banner of Truth Trust, 1966.
- Bramer, Stephen J. "Suffering in the Historical Books". Em *Why, O God? Suffering and Disability in the Bible and the Church*, págs. 99-109. Editado por Larry J. Waters and Roy B. Zuck. Wheaton: Crossway, 2011.
- Brandfon, Fredric. "Digging a Hole and Telling a Tale". *Biblical Archaeology Review* 38:1 (Janeiro/Fevereiro 2012):26, 71.
- Briggs, Peter. "Testing the Factuality of the Conquest of Ai Narrative in the Book of Joshua". Tese apresentada no encontro anual da Evangelical Theological Society, Colorado Springs, Colo., Nov. 15, 2001.
- Bush, George. *Notes on Joshua*. New York: Newman & Ivison, 1852; reprint ed., Minneapolis: James & Klock, 1976.
- Butler, Trent C. *Joshua*. Word Biblical Commentaries series. Waco: Word Books, 1983.
- Calvin, John. *Commentaries on the Book of Joshua*. Reprint ed. Grand Rapids: Baker Book House, 1984.
- Campbell, Donald K. "Joshua". Em *The Bible Knowledge Commentary: Old Testament*, págs. 325-371. Editado por John F. Walvoord e Roy B. Zuck. Wheaton: Scripture Press Publications, Victor Books, 1985.

\_\_\_\_\_. *No Time for Neutrality*. Wheaton: Scripture Press, Victor Books, 1981.

Cawood, John. "The Godly Features of Caleb". *Confident Living* 44:10 (Novembro 1986):53-55.

Chisholm, Robert B., Jr. "Divine Hardening in the Old Testament". *Bibliotheca Sacra* 153:612 (Outubro-Dezembro 1996):410-434.

\_\_\_\_\_. *Interpreting the Historical Books: An Exegetical Handbook*. Handbooks for Old Testament Exegesis series. Grand Rapids: Kregel Publications, 2006.

\_\_\_\_\_. "The Polemic against Baalism in Israel's Early History and Literature". *Bibliotheca Sacra* 151:603 (Julho-Setembro 1994):267-283.

Constable, Thomas L. "A Theology of Joshua, Judges, and Ruth". Em *A Biblical Theology of the Old Testament*, págs. 89-113. Editado por Roy B. Zuck. Chicago: Moody Press, 1991.

Craigie, Peter C. *The Problem of War in the Old Testament*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1978.

\_\_\_\_\_. "The Tablets From Ugarit and Their Importance for Biblical Studies". *Biblical Archaeology Review* 9:5 (Setembro-Outubro 1983):62-72.

\_\_\_\_\_. *Ugarit and the Old Testament*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1983.

Darby, John Nelson. *Synopsis of the Books of the Bible*. 5 vols. Revised ed. New York: Loizeaux Brothers Publishers, 1942.

Davis, Dale Ralph. *No Falling Words*. Grand Rapids: Baker Book House, 1988.

Davis, John J., e John C. Whitcomb. *A History of Israel*. Reprint ed. Grand Rapids: Baker Book House, 1980.

Dearman, J. Andrew. "The Problem of War in the Old Testament: War, Peace, Justice". *Austin Seminary Bulletin* 99:3 (Outubro 1983):5-14.

- Dillow, Joseph C. *The Reign of the Servant Kings*. Miami Springs, Fla.: Schoettle Publishing Co., 1992.
- Dyer, Charles H., e Eugene H. Merrill. *The Old Testament Explorer*. Nashville: Word Publishing, 2001. Reimpressão como *Nelson's Old Testament Survey*. Nashville: Thomas Nelson Publishers, 2001.
- Eichrodt, Walther. *Theology of the Old Testament*. 5th ed. revised. 2 vols. Traduzido por John A. Baker. The Old Testament Library series. Philadelphia: Westminster Press, 1961 e 1967.
- Fawver, Jay D., and R. Larry Overstreet. "Moses and Preventive Medicine". *Bibliotheca Sacra* 147:587 (Julho-Setembro):270-285.
- Fensham, F. Charles. "The Treaty Between Israel and the Gibeonites". *Biblical Archaeologist* 27:3 (1964):96-100.
- Finegan, Jack. *Light from the Ancient Past: The Archeological Background of Judaism and Christianity*. 2nd edition. Princeton University Press. London: Oxford University Press, 1959.
- Finkelstein, Israel. "Shiloh Yields Some, But Not All, of Its Secrets". *Biblical Archaeology Review* 12:1 (Janeiro-Fevereiro 1986):22-41.
- Foster, Harry. "Joshua. Walking into Battle". *Toward the Mark* 11:6 (Novembro-Dezembro 1982):116-119.
- Free, Joseph P. *Archaeology and Bible History*. 6th ed. Wheaton: Scripture Press, 1950, 1959.
- Frendo, Anthony J. "Was Rahab Really a Harlot?" *Biblical Archaeology Review* 39:5 (Setembro/Outubro 2013):62-65, 74, 76.
- Gaebelein, Arno C. *The Annotated Bible*. 4 vols. Reprint ed. Chicago: Moody Press, and New York: Loizeaux Brothers, 1970.

- Gardner, Joseph L., ed. *Reader's Digest Atlas of the Bible*. Pleasantville, N.Y.: Reader's Digest Association, 1985.
- Glueck, Nelson. *Rivers in the Desert: A History of the Negev*. New York: Farrar, Straus & Cudahy, 1959.
- Goetz, Ronald. "Joshua, Calvin, and Genocide". *Theology Today* 32 (Outubro 1975):263-274.
- Good, Robert M. "The Just War in Ancient Israel". *Journal of Biblical Literature* 104:3 (Setembro 1985):385-400.
- Gray, John. *Joshua, Judges and Ruth*. New Century Bible Commentary series. London: Thomas Nelson and Sons, 1967.
- Grisanti, Michael A. "Recent Archaeological Discoveries That Lend Credence to the Historicity of the Scriptures". *Journal of the Evangelical Theological Society* 56:3 (Setembro 2013):475-497.
- Hall, J. *Contemplations on the Old and New Testaments*. London: T. Nelson and Sons, 1859.
- Hanna, Kenneth G. *From Moses to Malachi: Exploring the Old Testament*. 2nd ed. Editado por Roy B. Zuck. Bloomington, Ind.: CrossBooks, 2014.
- Harrison, R. K. *Introduction to the Old Testament*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1969.
- Hays, J. Daniel "An Evangelical Approach to Old Testament Narrative Criticism". *Bibliotheca Sacra* 166:661 (Janeiro-Março 2009):3-18.
- Henry, Matthew. *Commentary on the Whole Bible*. One volume ed. Editado por Leslie F. Church. Grand Rapids: Zondervan Publishing Co., 1961.
- \_\_\_\_\_. *A Exposition of the Old and New Testament*. Vol. 2: Joshua-1 Kings. New ed. London: James Hisbet & Co., 1934.

- Herr, Larry G. "What Archaeology Can and Cannot Do". *Ministry* 56:2 (Fevereiro 1983):28-29.
- Hess, Richard S. *Joshua: An Introduction and Commentary*. Tyndale Old Testament Commentaries series. Leicester, England, and Downers Grove, Ill.: Inter-Varsity Press, 1996.
- Hindson, Edward E. *The Philistines and the Old Testament*. Baker Studies in Biblical Archaeology series. Grand Rapids: Baker Book House, 1983.
- Hoerth, Alfred J. "Archaeology and the Christian Mind". Em *Interpreting the Word of God*, págs. 31-45. Editado por Samuel J. Schultz and Morris A. Inch. Chicago: Moody Press, 1976.
- Holladay, John S., Jr. "The Day(s) the Moon Stood Still". *Journal of Biblical Literature* 87 (1968):167-178.
- Horn, Siegfried H. *Biblical Archaeology: A Generation of Discovery*. Washington: Biblical Archaeology Society, 1985.
- Howard, David M., Jr. *An Introduction to the Old Testament Historical Books*. Chicago: Moody Press, 1993.
- \_\_\_\_\_. "'Three Days' in Joshua 1—3: Resolving a Chronological Conundrum". *Journal of the Evangelical Theological Society* 41:4 (Dezembro 1998):539-550.
- Hubbard, Robert L., Jr. *Joshua*. *The NIV Application Commentary series*. Grand Rapids: Zondervan, 2009.
- Hughes, R. Kent. *Living on the Cutting Edge*. Westchester, Ill.: Good News Publishers, Crossway Books, 1987.
- Isserlin, B. S. J. "Israelite Architectural Planning and the Question of the Level of Secular Learning in Ancient Israel". *Vetus Testamentum* 34:2 (Abril 1984):169-178.
- Jacob, Edmond. *Theology of the Old Testament*. Traduzido por Arthur W. Heathcote e Philip J. Allcock. New York and Evanston, Ill.: Harper & Row, 1958.

Jacobsen, Henry. *Claiming God's Promises*. New ed. Bible Knowledge series. Wheaton: Scripture Press, 1963.

Jamieson, Robert; A. R. Fausset; e David Brown. *Commentary Practical and Explanatory on the Whole Bible*. Reprint ed. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1961.

Jefferys, William H. "'Sun, Stand Thou Still': An Astronomical Critique of a Creationist Biblical Chronology". *Creation/Evolution* 21 (Verão 1987):18-30.

Jensen, Irving L. *Joshua: Rest-Land Won*. Everyman's Bible Commentary series. Chicago: Moody Press, 1966.

Josephus, Flavius. *The Works of Flavius Josephus*. Traduzido por William Whiston. London: T. Nelson and Sons, 1866; reprint ed. Peabody, Mass.: Hendrickson Publishers, 1988.

Kaiser, Walter C., Jr. *Toward an Old Testament Theology*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1978.

Kallai, Zecharia. "The Conquest of Northern Palestine in Joshua and Judges". *Proceedings of the Fifth World Congress of Jewish Studies*. Vol 1. Jerusalem: World Union of Jewish Studies, 1969.

Kearney, Peter J. "The Role of the Gibeonites in the Deuteronomic History". *Catholic Biblical Quarterly* 35:1 (1973):1-19.

Keil, C. F., e Franz Delitzsch. *Joshua, Judges, Ruth*. Traduzido por James Martin. Biblical Commentary on the Old Testament. Reprint ed. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., n.d.

Kelso, J. L. *Archaeology and Our Old Testament Contemporaries*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1966.

Kemp, Barry J. "Preliminary Report on the El-'Amarna Expedition, 1981-2". *Journal of Egyptian Archaeology* 69:5 (1983):5-24.



Kempinski, Aharon. "Joshua's Altar—An Iron Age I Watchtower". *Biblical Archaeology Review* 12:1 (Janeiro-Fevereiro 1986):42, 44-49.

Kenyon, Frederic. *Our Bible and the Ancient Manuscripts*. Revisado por A. W. Adams. London: Eyre & Spottiswoode, 1895, 1965.

Kenyon, Kathleen M. *The Bible and Recent Archaeology*. Atlanta: John Knox Press, 1978.

Kitchen, Kenneth A. *Ancient Orient and Old Testament*. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1966.

\_\_\_\_\_. *The Bible In Its World*. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1977.

\_\_\_\_\_. "The Old Testament in its Context: 2 From Egypt to the Jordan". *Theological Students' Fellowship Bulletin* 60 (1971):3-11.

\_\_\_\_\_. "The Old Testament in its Context: 3 From Joshua to Solomon". *Theological Students' Fellowship Bulletin* 61 (1971):5-14.

Kline, Meredith G. "Deuteronomy". Em *The Wycliffe Bible Commentary*, pp. 155-204. Editado por Charles F. Pfeiffer and Everett F. Harrison. Chicago: Moody Press, 1962.

Kuyper, Abraham. *Women of the Old Testament*. Reprint ed. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1961.

Lange, John Peter, ed. *Commentary on the Holy Scriptures*. 12 vols. Reprint ed. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1960. Vol. 2: *Numbers-Ruth*, por John Peter Lange, William J. Schroeder, F. R. Fay, e Paulus Cassel. Traduzido por Samuel T. Lowrie, A Gosman, George R. Bliss, e P. H. Steenstra.

Laughlin, John C. H. "Dan". *Biblical Illustrator* 9:4 (Verão 1983):40-46.

Livingston, G. Herbert. *The Pentateuch in Its Cultural Environment*. Grand Rapids: Baker Book House, 1974.

Longman, Tremper, III and Raymond B. Dillard. *An Introduction to the Old Testament*. 2nd ed. Grand Rapids: Zondervan, 2006.

- McCartney, Clarence. *The Greatest Texts of the Bible*. Nashville: Abingdon, 1947.
- Machlin, Milt. "Joshua and the Archaeologist". *Reader's Digest* 137:821 (Setembro 1990):135-140.
- Madvig, Donald H. "Joshua". Em *Deuteronomy-2 Samuel*. Vol. 3 de The Expositor's Bible Commentary. 12 vols. Editado por Frank E. Gaebelin e Richard P. Polcyn. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1992.
- Mattill, A. J., Jr. "Representative Universalism and the Conquest of Canaan". *Concordia Theological Monthly* 35:1 (1967):8-17.
- Mauro, Philip. *The Hope of Israel. What Is It?* N.p., n.d.
- Mayes, A. D. H. "The Gibeonites as a Historical and Theological Problem in the Old Testament". *Proceedings of the Irish Biblical Association* 10 (1986):13-25.
- McClain, Alva J. *A Grandeza do Reino: Um Estudo Indutivo do Reino de Deus*. São Paulo, SP., Editora Batista Regular, 2022.
- McGee, J. Vernon. *Thru the Bible with J. Vernon McGee*. 5 vols. Pasadena, Calif.: Thru The Bible Radio; and Nashville: Thomas Nelson, Inc., 1983.
- Merrill, Eugene H. "The Conquest of Jericho: A Narrative Paradigm for Theocratic Policy?" *Bibliotheca Sacra* 169:675 (Julho-Setembro 2012):304-316.
- \_\_\_\_\_. *Kingdom of Priests*. Grand Rapids: Baker Book House, 1987.
- \_\_\_\_\_. "The Late Bronze/Early Iron Age Transition and the Emergence of Israel". *Bibliotheca Sacra* 152:606 (Abril-Junho 1995):145-162.
- \_\_\_\_\_. "Old Testament Archaeology: Its Promises and Pitfalls". *Journal of Dispensational Theology* 13:39 (Agosto 2009):5-19.
- \_\_\_\_\_. "Palestinian Archaeology and the Date of the Conquest: Do Tells Tell Tales?" *Grace Theological Journal* 3:1 (Primavera 1982):107-121.

Meyer, Frederick B. *Joshua and the Land of Promise*. New York: Fleming H. Revell, n.d.; reprint ed., Fort Washington, Pa.: Christian Literature Crusade, 1977.

Milgrom, Jacob. "The Levitical Town: An Exercise in Realistic Planning". *Journal of Jewish Studies* 33:1-2 (Primavera-Outono 1982):185-188.

Monson, James M. *The Land Between*. Jerusalem: By the Author, P.O. Box 1276, 1983.

Morgan, G. Campbell. *An Exposition of the Whole Bible*. Westwood, N.J.: Fleming H. Revell Co., 1959.

\_\_\_\_\_. *Living Messages of the Books of the Bible*. 2 vols. New York: Fleming H. Revell Co., 1912.

\_\_\_\_\_. *The Unfolding Message of the Bible*. Westwood, N.J.: Fleming H. Revell Co., 1961.

Mosca, Paul G. "Who Seduced Whom? A Note on Joshua 15:18//Judges 1:14". *Catholic Biblical Quarterly* 46 (1984):18-22.

Na'aman, Nadav. "Habiru and Hebrews: The Transfer of a Social Term to the Literary Sphere". *Journal of Near Eastern Studies* 45:4 (Outubro 1986):271-288.

Nelson, Richard D. "Josiah in the Book of Joshua". *Journal of Biblical Literature* 100:4 (1981):531-540.

*The Nelson Study Bible*. Editado por Earl D. Radmacher. Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1997.

*The NET2 (New English Translation) Bible*. N.c.: Biblical Press Foundation, 2019.

*The New Bible Dictionary*. Editado por J. D. Douglas. 1962 ed. S.v. "Hazor", by T. C. Mitchell, págs. 507-508.

\_\_\_\_\_. S.v. "Jericho", por Kenneth A. Kitchen, págs. 611-613.

\_\_\_\_\_. S.v. "Jordan", por J. M. Houston, págs. 654-656.

Oeste, Gordon. "'A Day Like No Other' in the Context of Yahweh War: Joshua 10:14 and the Characterization of Joshua". *Journal of the Evangelical Theological Society* 57:4 (Dezembro 2014):689-702.

Palau, Luis. *The Moment to Shout*. Portland: Multnomah Press, 1977.

Paterson, John H. "The Touchy Tribe". *Toward the Mark* 16:6 (Novembro-Dezembro 1987):110-113.

Payne, J. Barton. *The Theology of the Older Testament*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1962.

Peckham, Brian. "The Composition of Joshua 3-4". *Catholic Biblical Quarterly* 46:3 (Julho 1984):413-431.

Peterson, Eugene H. *The Message: The Bible in Contemporary Language*. 2002. Version 2. Numbered ed. Colorado Springs: NavPress, 2005.

Petrovich, Douglas. "The Dating of Hazor's Destruction in Joshua 11 by Way of Biblical, Archaeological, and Epigraphical Evidence". *Journal of the Evangelical Theological Society* 51:3 (Setembro 2008):489-512.

Pfeiffer, Charles F. *Ras Shamra and the Bible*. Grand Rapids: Baker Book House, 1962.

\_\_\_\_\_. *Tell El Amarna and the Bible*. Grand Rapids: Baker Book House, 1963.

"Possessing the Land". *Christianity Today*, 18 Abril 1986, p. 19. Rattigan, Mary. "Hazor and Its Significance". *The Bible Today* 23:1 (Janeiro 1985):44-50.

Rea, John. "Joshua". Em *The Wycliffe Bible Commentary*, págs. 205-231. Editado por Charles F. Pfeiffer e Everett F. Harrison. Chicago: Moody Press, 1962.

Riley, W. B. "The Challenge to Carry On". Reimpressão em *Fundamentalist Journal* 2:2 (Fevereiro 1983):39-41.

Routley, Jonathan J. "The Prophet Joshua? The Neglected Ministry of the Prophet of the

- Conquest". *Journal of the Evangelical Theological Society* 65:1 (Março 2022):47-59.
- Sanders, J. Oswald. *Spiritual Leadership*. Chicago: Moody Press, 1967.
- Schaeffer, Francis A. *Joshua and the Flow of Biblical History*. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1975.
- Schwantes, Siegfried J. *A Short History of the Ancient Near East*. Grand Rapids: Baker Book House, 1965.
- Scroggie, W. Graham. *The Land and Life of Rest*. London: Pickering & Inglis Ltd., 1950.
- Seger, Joe D. "Investigations at Tell Halif, Israel, 1976-1980". *Bulletin of the American Schools of Oriental Research* 252 (Outono 1983):1-23.
- Sell, Henry T. *Bible Study by Periods*. Chicago: Fleming H. Revell Co., 1899.
- Shanks, Hershel. "Two Early Cult Sites Now Questioned". *Biblical Archaeology Review* 14:1 (Janeiro-Fevereiro 1988):48-52.
- "Space Men And Astronauts Read Bible, Find Missing Day". *McKinney [Texas] Examiner*, 14 de maio de 1970, sec. 2, pág. 1.
- Stockton, Ronald. "Possessing the Land: a chronology of events in the dispute over Palestine". *Christianity Today*, 18 de abril de 1986, pág. 19.
- Student Map Manual*. Jerusalem: Pictorial Archive (Near Eastern History) Est., 1979.
- Swindoll, Charles R. *The Swindoll Study Bible*. Carol Stream, Ill.: Tyndale House Publishers, 2017.
- Thompson, J. A. "War in Ancient Israel". *Buried History* 21:3 (Abril 1985):61-69.
- Thompson, Leonard L. "The Jordan Crossing: Sidqot Yahweh and World Building". *Journal of Biblical Literature* 100:3 (1981):343-358.
- Thomson, W. M. *The Land and the Book*. 2 vols. New York: Harper & Brothers Publishers,

1873.

Unger, Merrill F. *Introductory Guide to the Old Testament*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1951.

Ussishkin, David. "Lachish—Key to the Israelite Conquest of Canaan?" *Biblical Archaeology Review* 13:1 (Janeiro-Fevereiro 1987):18-39.

Velikovsky, Immanuel. *Worlds in Collision*. Paperback ed. New York: Pocket Books, Simon and Schuster, 1950.

von Rad, Gerhard. *Old Testament Theology*. 2 vols. Traduzido por D. M. G. Stalker. New York and Evanston, Ill.: Harper & Row, 1962 and 1965.

Wagner, George. *Practical Truths from Israel's Wanderings*. Reprint of *The Wanderings of the Children of Israel*. London: J. Nisbet & Co.: 1862. Grand Rapids: Kregel Publications, 1982.

Waltke, Bruce K. *An Old Testament Theology*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 2007.

\_\_\_\_\_. "Palestinian Artifactual Evidence Supporting the Early Date of the Exodus". *Bibliotheca Sacra* 129:513 (Janeiro-Março 1972):33-47.

Waterhouse, Douglas. "Who Are the Habiru of the Amarna Letters?" *Journal of the Adventist Theological Society* 12:1 (Primavera 2001):31-42.

Weinfeld, Moshe. *The Promise of the Land: The Inheritance of the Land of Canaan by the Israelites*. The Taubman Lectures in Jewish Studies series. Berkeley: University of California Press, 1993.

Wenham, John. "The Deuteronomic Theology of the Book of Joshua". *Journal of Biblical Literature* 90 (1971):140-148.

Wiersbe, Warren W. *The Bible Exposition Commentary/History*. Colorado Springs, Colo.: Cook Communications Ministries, 2003.

- West, Jim. "Rahab's Justifiable Lie". *Christianity and Civilization 2* (Inverno 1983):66-74.
- Wilson, Robert Dick. "Understanding 'The Sun Stood Still.'" Em *Classical Evangelical Essays in Old Testament Interpretation*, págs. 61-65. Editado por Walter C. Kaiser Jr. Grand Rapids: Baker Book House, 1972.
- Wood, Bryant G. "Did the Israelites Conquer Jericho? A New Look at the Archaeological Evidence". *Biblical Archaeology Review* 16:2 (1990):44-59.
- Wood, Leon. *A Survey of Israel's History*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1970.
- Woudstra, Marten H. *The Book of Joshua*. New International Commentary on the Old Testament series. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1981.
- Yamauchi, Edwin M. "The Proofs, Problems, and Promises of Biblical Archaeology". *Journal of the American Scientific Affiliation* 36:3 (Setembro 1984):129-138.
- Yoder, Sanford Calvin. *Poetry of the Old Testament*. Scottdale, Pa.: Herald Press, 1948
- Zertal, Adam. "Has Joshua's Altar Been Found on Mt. Ebal?" *Biblical Archaeology Review* 11:1 (Janeiro-Fevereiro 1985):26-42.
- \_\_\_\_\_. "How Can Kempinski Be So Wrong!" *Biblical Archaeology Review* 12:1 (Janeiro-Fevereiro 1986):43, 49-53.
- Zevit, Ziony. "Archaeological and Literary Stratigraphy in Joshua 7-8". *Bulletin of the American Schools of Oriental Research* 251 (Verão 1983):23-35.
- \_\_\_\_\_. "The Problem of Ai". *Biblical Archaeology Review* 11:2 (Março-Abril 1985):58-69.